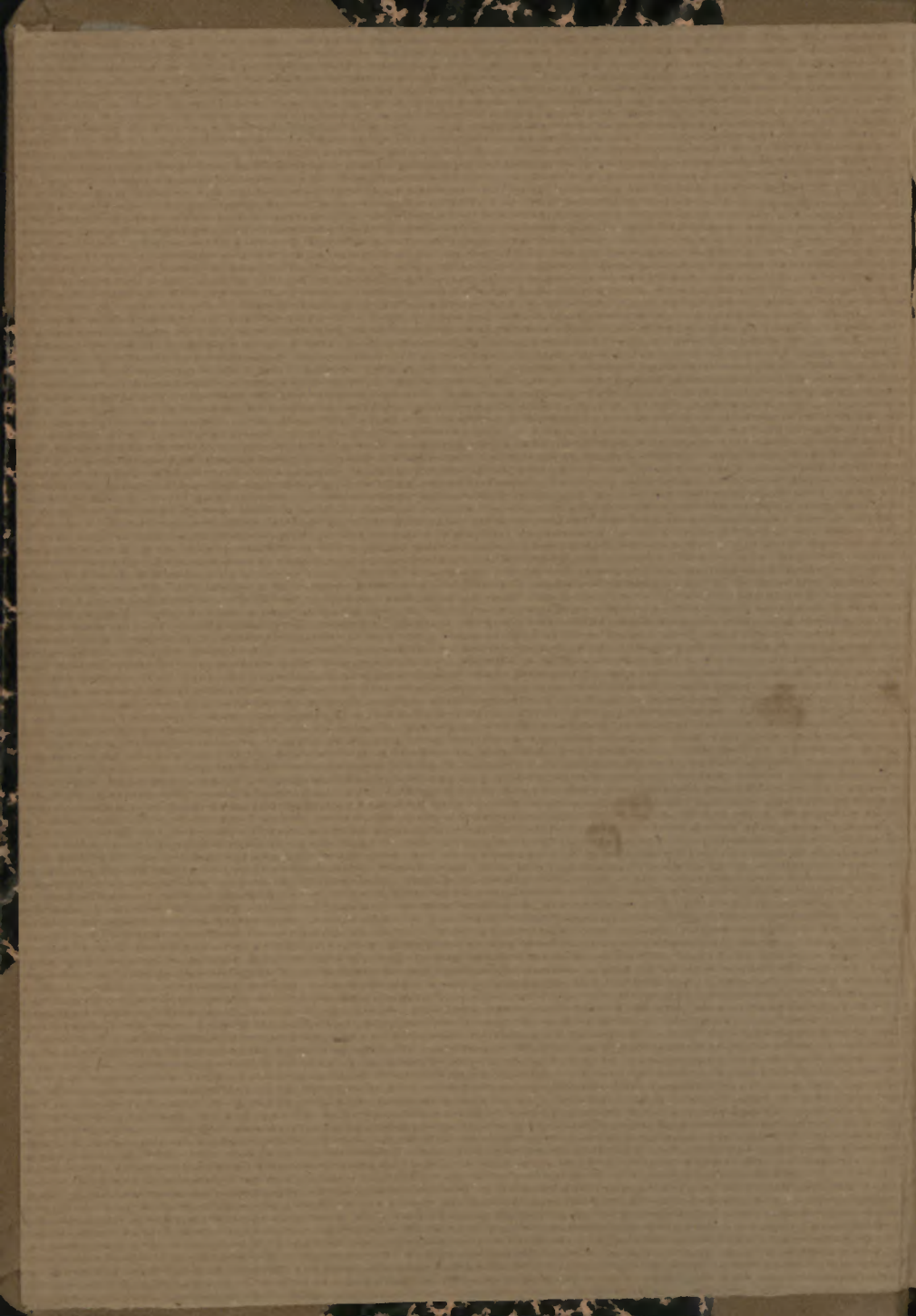
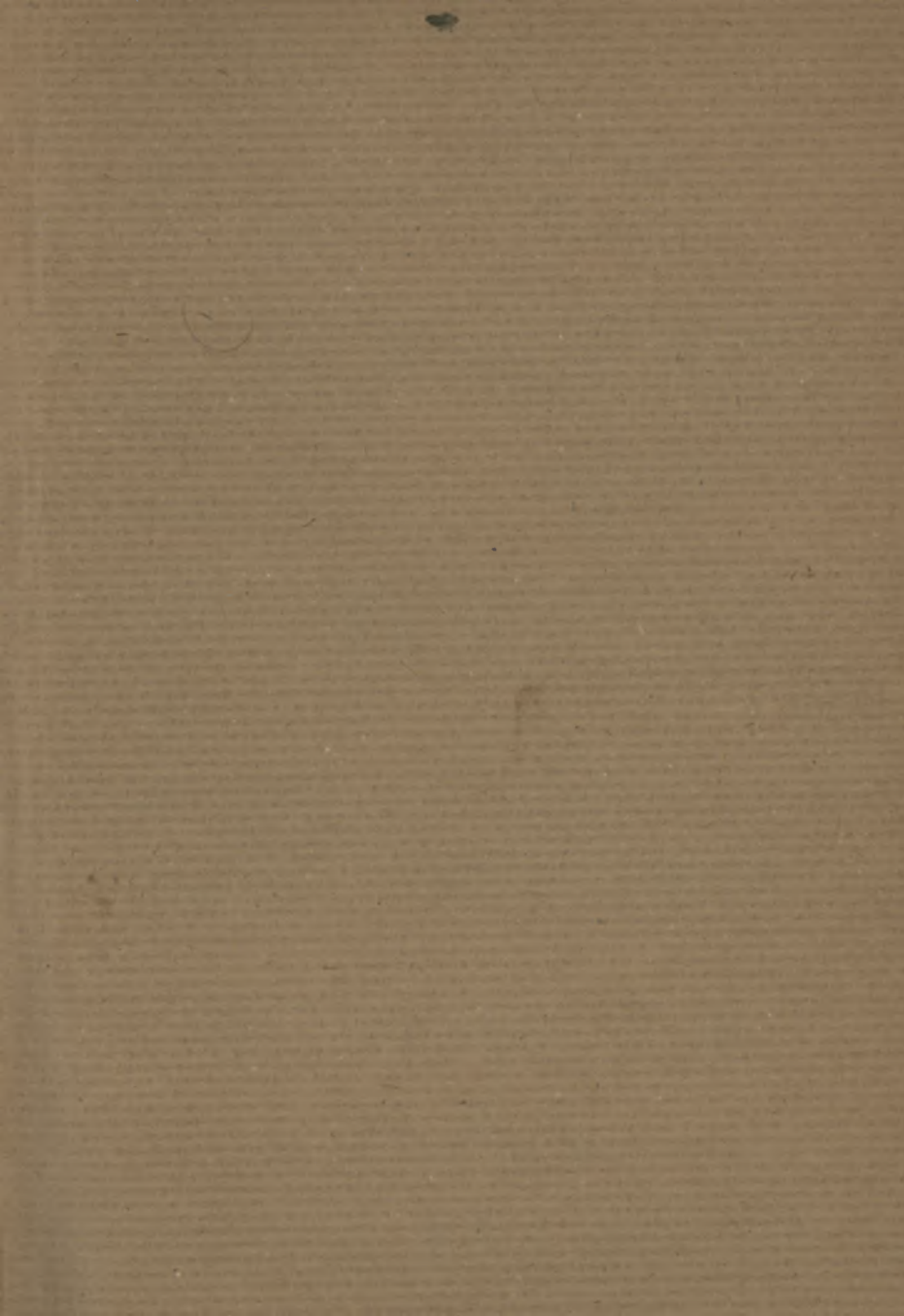


3





Major ANDRÉ BRUN

46
29543



• • A MALTA • •
• • DAS • •
TRINCHEIRAS

MIGALHAS DA GRANDE GUERRA

Lo

29343

A MALTA
DAS
TRINCHEIRAS

OBRAS DE ANDRÉ BRUN

PROSA

- 1910 — DEZ CONTOS EM PAPEL — 8.º milhar no prélo.
1913 — SEM PÉS NEM CABEÇA — 7.º mllhar.
1914 — CADA VEZ PEOR — 7.º milhar.
1915 — SEM CURA POSSIVEL — 7.º mllhar.
1915 — SOLDADOS DE PORTUGAL. *A guerra peninsular.*
A legião portuguesa — 3.º milhar no prélo.
1916 — FOLHINHA DE QUALQUER ANO — 6.º milhar no
pré o.
1916 — PRAXÉDES, MULHER E FILHOS — 8.º milhar.
1917 — OUTRA VEZ PRAXÉDES — 7.º milhar no prélo.
1923 — SUMÁRIO DE VÁRIAS CRÓNICAS. — 4.º milhar.
1924 — OS MEUS DOMINGOS. Primeira série. Ilustrações
de Francisco Valença — 4.º milhar.

VERSO

- 1917 — ALMAS DUM OUTRO MUNDO. — 2.º milhar.
1923 — HISTÓRIAS EM VERSO — Ilustrações de Fran-
cisco Valença. Edição especial nnmerada e assl-
nada pelos autôres — Primeiro e unlco milhar

TEATRO

- 1916 — QUATRO PEÇAS NUM ACTO. *Codigo penal art.****
Ano novo, vida velha. Cavalheiro respeitavel. O
primo Isidoro — 3.º milhar no prélo.
1922 — A VISINHA DO LADO. Comédia em quatro actos
— 3.º milhar
1923 — A VIDA DUM RAPÁS GÔRDO. Comédia em
trez actos. — 3.º milhar.
Em colaboração com Carlos Selvogem.
1923 — AUSPICIOSO EN LACE. Comédia em trez actos
— 2.º milhar.

A IMPRIMIR

FILOSOFÍA DE FELIX PEVIDE.
OS MEUS DOMINGOS. Segunda série. Ilus-
trações de Francisco Valença.

N.º 2.ª edição 20.19.2
Major ANDRÉ BRUN

N.º 22580

L.º 29543

k.

138.

g.

1674.

* * A * MALTA * *

* * * * DAS * * * *

TRINCHEIRAS

Migalhas da Grande Guerra

1917-1918

9.º MILHAR

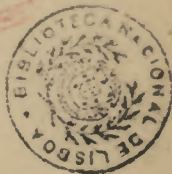
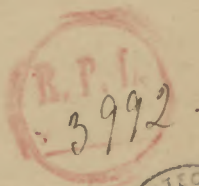


1923

GUIMARÃES & C.^a — Editores



68, Rua do Mundo, 70

LISBOA



02220

Propriedade literária e artística garanti-
da em todos os países que aderiram á con-
venção de Berne (Em Portugal pela lei de
18 de Março de 1911. No Brasil pela lei
n.º 2577 de Janeiro de 1912.)



COMPOSIO E IMPRESSO NA IMPRENSA
* * * DE MANUEL LUCAS TORRES
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61

*Aos meus companheiros de trincheira,
humildes ou notáveis, esquecidos ou lou-
vados, áquêles que, a menos de mil e
quinhentas jardas do inimigo, soubéram
ser soldados e portugêses.*

*O retrato, cuja reprodução serve de
capa ao presente volume, foi executado
nas trincheiras de Ferme du Bois pelo
pintor Sousa Lopes * * * * **

Em comêços de Fevereiro d'este ano, guarnecendo o meu batalhão nas horas do expediente, o sub-sector esquerdo de Ferme du Bois e descansando nas horas vagas em Sénéchal-Farm, nos arredôres de Lacouture, surgiu-me certa manhã um moço oficial de cavalaria, que desempenhava junto de uma cabeça do C. E. P. as funções de ajudante de campo. Para aproveitar os ócios do seu officio, tivera esse joven cavaleiro a peregrina ideia de fazer um *album* e assim, gastando a gazolina do Estado, andava de porta em porta á cata de quantos ele reconhecia susceptiveis de escrever sem pauta e solicitando-lhes impressões ácerca do Corpo Expedicionário. Já recolhêra preciosos autografos de quasi todas as figuras marcantes da quadrilha e nada havia mais saboroso do que ler essas paginas em que alguns se atiravam facadas, louvavam o seu esforço e atribuiam aos visinhos os males que já então nos afligiam. Hesitei um pouco em juntar da minha prosa áquelas mal alinhavadas regras, até que, certa noite de trincheiras e de lama, me decidi e escrevi para o *album* o seguinte, que o meu estimavel camarada nunca foi buscar pois que

d'ali a pouco veiu a Portugal, em gôso de licença e aqui foi aproveitado no ressalto da regeneração dezembrista para o desempenho de funções indispensaveis para a salvação da Patria :

"ESTA GUERRA...

.. é aquela a que melhor se adapta o feitio portuguez. Como se sabe, o official lusitano foi sempre, nos tempos de paz, essencialmente funcionario e não havia rasões apparentes para que deixasse de sê-lo vindo para a guerra e se as circumstancias o permittissem. N'esta guerra de trincheiras, de guarnições fixas e de sitios certos, está nas suas sete quintas. Montou muitas repartições, arranjou muitos empregos, creou muitos chefes — distinguem-se pela pála — rodeou-os de muitos adjuntos, deu-lhes muitos amanuenses e poz-se a escrever, umas vezes á maquina, outras a lapis, o canto suplementar dos Lusíadas, que viémos compôr a França, nos seguintes termos : — «Em referencia a nota N. X. d'este C, lembro a V. Ex.^a o disposto na alinea a) da O. S. n.º 14.381 da R. E. do Q. G. do C. E. P. que altera o artigo Y da circular n.º Z.-O, contendo as instruções a que se réfere a determinação dos S. A. da 7.^a B. I.»

Para o soldado esta é tambem a guerra ideal em que um impávido legionário do Direito, da Justiça e do «Corned Beef» encontra de dez em dez metros da senda do seu destino um estaminet, uma ruina, um monte de cascalho ou uma banqueta para se sentar, fumar um cigarro, fingir que pensa e ouvir crescer a barba.

A perturbar a nossa serenidade, ha, para os que permanecem algum tempo a menos de mil e quinhentas jardas da linha inimiga, o que, em lingua inglesa e com a maior seriedade, se chama casualties, casualidades, cousas que acontecem. Por exemplo : n'uma trincheira de comunicação esbarrarem de repente um osso de homem e um estilhaço de granada ou morteiro. N'este «caso» ou o osso pbe em pratica a tempo as suas faculdades de adaptação ao terreno, a que

alguns criticos militares chamam «cavanço» ou intervêm, umas vezes os S. S., outras a R. R. P. T. B. (Repartição do Registo de Perdas e Transporte de Bagagens) e a R. E. do Q. G. B. (Repartição de Estatistica do Quartel General da Base).

Ha tambem uns empata-socégas — alemães, segundo afirma o relatório da R. Q. I. do Q. G. do C. E. P. (Repartição de Operações e Informações do (Vidé acima) — que de quando em quando, irrompem nas nossas linhas a ver se cá estamos ainda ou se já conseguimos todos ser colocados na Base. Nos batalhões, em que o moral dos officiaes poude persuadir os homens de que os boches não são monstros de fábula insensíveis ao frio, à neve, à agua, e à metralha affada, com dez braços e quatorze pernas, uma espingarda automatica em cada mão e vomitando morteiros pesados por todos os orificios do corpo, o soldadinho portuguez lembra-se que é d'um paiz de desordeiros, de caceteiros, de fadistas e os boches levam identificações que não vinham buscar. Nos outros batalhões não sei o que se passa.

*

Havia uma outra guerra, aquela com que alguns de nós tinham sonhado, em que as almas se temperavam, as competencias se salientavam, em que se morria umas poucas de vezes ao dia e da qual alguma cousa levariamos que contar. Essa ainda não chegou e, dado o que os meus olhos tem visto e ouvido os meus ouvidos, cuido que melhor seria que nunca chegasse Vinha causar muito incómodo

COMANDO DO SUB SECTOR ESQUERDO DE FERME DU BOIS

10—Fev.—1918.

Capt. André Brun.»

Sobreveiu o mez de Março, cujos dias crueis não poderá olvidar a minha brigada encurralada sem justificação tactica na situação mais dolorosa de quantas até então tínhamos conhecido. Seguiram-se os primeiros dias de Abril que fizeram sangrar dolorosamente o meu coração de soldado e chegou esse dia nove, cuja historia documentada um dia ha de surgir, para que ás portas da História, por onde certos querem entrar vestidos de audacia e descalços de escrúpulos, as centenas de mortos, que descançam amortalhados de rancôr em ignotos pontos da Flandres, e os milhares de prisioneiros, cuja tristeza a Alemanha ainda retêm em vagos campos da Germania, se juntem e lhes vêdem a passagem brandando : "Aqui não entras".

Então, eu que escrevêra para um album meia dúzia de linhas, que podiam parecer d'um humorismo facil, vi quanto as multiplas angústias do meu espirito acumuladas nos primeiros oito mezes de trincheiras me tinham levado a ser proféta em terra alheia.

A guerra, a verdadeira guerra, aquela de que poucos tinham a noção exacta, "viêra causar muito incomodo". Mas é cêdo para que tudo o que se passou então e tudo o que se lhe seguiu seja dado a publico. Continuamos em guerra, os *boches* ainda estão ali em frente e como disem os classicos avisos franceses : "*Les oreilles ennemies nous écoutent*". Não é este um livro "ad probandum". Esse virá a seu tempo. Devo-o aos meus soldados e a mim próprio. O presente volume "ad narrandum" é apenas uma documentação pitoresca, um relato

do que eu vi com os que a terra ha de comer olhos da minha cara e mortos da minha patria.

Talvez porque as tendencias naturaes do meu espirito me não concedam facilmente aquella faculdade que um personagem de Eça se attribuia de "saborear o grandioso", talvez porque as circumstancias e os homens mais do que elas não habilitaram o Corpo Expedicionario Portuguez a escrever, por emquanto, aquele canto de epopeia que os patriotas esperavam e os rhetoricos prometiam, este livro é um livro de crónicas, direi mesmo um livro de anedoctas.

* * *

Longe de mim a ideia de amesquinhar o esforço dos primeiros combatentes em França ; mas, durante muito tempo, a permanencia n'uma guerra de trincheiras, em sectores relativamente calmos de que certa nervosidade destrambilhada vinda do alto pretendia fazer sem metodo sectores de verdadeiro combate, não permitiu que se posessem á prova senão a capacidade de adaptação que distingue a nossa raça, sempre atravez dos seculos a abandonada de alguém, e aquelas qualidades passivas de resignação que a historia reconhece ao soldado portuguez. Dos dias terriveis de Abril até aos do alvorecer de Agosto, em que me separei da frente portuguesa, só o esforço individual de certos manteve a continuidade do esforço anterior, reduzida ainda ao trabalho obscuro da malta das trincheiras.

Acompanhei bem de perto essa arraia meúda para a não amar e não a estimar. Foi com ela que ganhei os

meus primeiros galões bem ganhos. Sei o que ela vale, o que ela fez e o que ela podia ter feito no instante próprio, se os chefes combatentes, verificando que ao comêço as suas funções tacticas eram, pela natureza especial da guerra que se estava fazendo, reduzidas á versão e reproducção de ordens anteriores e portanto reductiveis a proporções para as quaes chegava e sobejava a mentalidade de um sargento ajudante munido de um xapirografo, tivessem melhor atentado na importancia das suas funções humanas e cuidado com maior carinho e mais inteligente disvêlo do moral de tropas, já de si ignorantes e propensas á estagnação de espirito e fatalismo atavico e, para mais, atiradas para longe da terra onde tinham as rasões logicas do seu ser.

Sei bem e vi — com os que a terra hade comer — que, entregues a si próprias, as unidades se diferenciavam pelas cabeças e corações que as dirigiam. Vi um batalhão triste junto de um batalhão alegre, porque dos comandantes, um era alegre e outro não sabia senão ser triste. Vi uma companhia ralaça perto de uma companhia activa, porque a um capitão sobravam os nervos que ao visinho faleciam. Se tivesse havido a aliás rudimentar percepção psicologica do trabalho mais necessario e urgente, se para a execução d'esse trabalho se tivesse tido a autoridade moral que impoesse todas as sancções mesmo as mais violentas, uma habil selecção e uma intelligente procura de equilibrios teriam dado ao Corpo Expedicionário a unidade de sentir e de acção, que, além de o tornar uma ferramenta afiada para o momento necessario, lhe teria atribuido uma fisionomia moral e dado até um aspecto fisico caracteristico que ficasse. D'esse aspecto fisico e d'essa fisionomia mo-

ral talvez um genio representativo da raça soubesse mais tarde fazer um poema.

Mas de tudo o que se fez — pelo menos até agora — d'essa indecisa passagem da nossa nacionalidade pela grande guerra, não podem, a meu vêr, senão sahir relatos de episódios, quadros de impressões. As mais belas ceusas que lá se praticaram cabem n'uma folha de papel almaço. Descritas por um grande talento, tão individuaes como foram, darão uma bella pagina de selecta. A esta convicção cheguei depois de reflectir muito sobre o caso, de ouvir aqueles que julgo susceptiveis de terem uma noção intelligente da nossa acção e decidi-me então a publicar este livro.

* * *

Como o faz notar Gaston de Pawlowski, no seu livro "*Les rides du front*", é muito difficil para os que fizeram a guerra lutar nos campos das letras com os paisanos que a descrevem á rectaguarda em livros ou nos grandes jornaes. Para se desenhar em termos um acto heroico é preciso pelo menos um recúo de duzentos kilometros. De perto a heroicidade confunde-se demasiadamente com as cousas que de heroico não tem a minima parcéla. Além do mais, para um leitor paisanamente heroi só os mortos tem o direito de falar e nem todos tiveram a sorte de morrer para se poderem impôr aos auditorios.

O humorista meu amigo, que acima citei, escreve no prefácio do seu livro — um dos mais interessantes que conheço sobre a guerra, embora feito de retalhos —

— «*Comme la Foi, comme l'Amour, la Guerre est une religion qui dépasse de beaucoup ses officiants. Vue de près, comme toutes les religions elle est faite de mesquineries, d'insuffisances, de faiblesses, d'injustices de doutes, de desespoir, de laideurs et l'on ne saurait la juger au travers des hommes qui la représentent. Vue de loin elle est une idée générale, naturelle, supérieure à l'homme et qui s'impose aux plus petits comme aux plus grands Juger la guerre par les impressions d'un soldat resait aussi faux que d'interpréter l'idée divine d'après les mœuvres d'une vieille dévote.*»

Tendo partido de Portugal com a ideia e o compromisso de escrever largamente sobre a nossa guerra, poucos tempos eram volvidos que eu não descançasse o meu lapis e o meu livro de notas, agradecendo aos que, em nome de uma censura inatradusida do inglês, me tinham logo á chegada intimado a que me calasse. Os meus afazeres de comandante de um batalhão combinavam-se com a convicção de que ia tendo de que melhor seria deixar a factura de livros precipitados áqueles correspondentes de guerra, queridos de aqui com a missão de nos espetar na imortalidade como se espétam borboletas numa rolha, acham inspiração suficiente para trezentas paginas no palpitar das grandes cidades e n'um passeio de tres dias a trinta quilometros das linhas avançadas.

Mas, em certas tardes, quando o *boche* nos deixava mais tranquilos, eu via em torno de mim cada qual entreter-se, uns fabricando tinteiros com granadas de mão não rebentadas, outros adaptando espoletas velhas a péssimo-papeis novos, outros ainda transformando cartuchos gastos em lapizeiras de fantasia.

Tambem eu, para passar o tempo, apanhei da lama da Flandres e do Artois estas recordações, estes "souvenirs,, como dizem os soldados. Limpei a maior parte d'elles e aqui t'os ofereço, leitor. Com Pawlowski te direi ainda que "os estilhaços de granada, os restos de espolêtas, os capacetes velhos e as paginas rabiscadas que se enviam para a rectaguarda não serão certamente para as gerações futuras senão bugigangas inuteis. Podem, no emtanto, comover ou distrahir os contemporaneos para quem não representarão dadivas opulentas de espirito, senão humildes ofertas do coração,,.

BIARWITZ — Agosto, 918.

Madame Letailleur

*Ao capitão, Luiz Mousinho de Albuquerque,
grande soldado e grande amigo, prisioneiro dos alemães.*

Foi o meu primeiro bolêto em França. Eu chegára pela tardinha, n'um automovel do quartel general, á aldeiola onde acantonava o batalhão em que fôra colocado. Em quinze dias a terra francesa, que os nossos soldados tinham encontrado envolta n'uma mortalha de neve e de desolação, acordára, florida. As arvores e as sébes tinham-se vestido, o chão argiloso endurecêra, nos campos plainos a perder de vista as sementes brotavam, as macieiras empoavam-se garridamente, o céu era puro e sem nuvens. Os que iam ser meus soldados giravam pelas ruasinhas estreitas e pelas estradas entrecrusadas, mirando o recémchegado. O ajudante levou-me por um caminho florido, fez-me atravessar o páteo d'uma herdade, que parecia uma ilustração de certo livro de Madame de Ségur, encanto da minha infancia, e disse-me :

— "E' aqui.

Era, sobre um dos lados da *cour*, uma casa baixa de

um só pavimento e sotão. Uma porta estreita com uma data — 1848 — uma larga janela com cortinas engomadas. Ali morara um oficial, partido em diligencia, e ali ia eu morar. A porta estava no fêcho ; entrámos. O compartimento de entrada com seu chão de tijolo muito lavado, o fogão reluzente sobre o qual resonava uma agua fervendo, o armario muito claro, muito bruido, o crucifixo sob uma redôma, tinha um ar tão risonho e acolhedôr que me senti logo bem. A uma banda do fogão, encostando-se á mesa para se levantar, interrompendo uma ceia de café com leite, madame Lettailleur.

Era uma velha alta, muito magra, com queixo e nariz de Polichinello, uns olhos azues clarissimos e sobre os seus cabêlos brancos uma coifa de renda em canudos. Ficámos logo amigos e ela, arrastando um pouco os seus sapatões de salto raso, foi-me indicar o meu quarto, espevitar o meu fogão, acender a véla e afagar a minha cama alta e fofa como todas as camas de França. D'ali a pouco, arrumadas as malas, acêso o cachimbo, conversámos emquanto a noite escurecia de todo e se salpicava de estrelas. Logo n'essa primeira palestra compreendi que a minha boa hospedeira reduzia todos os acontecimentos da vida a duas categorias. A guerra já durava interminavelmente ? Tres anos quasi de sangue e de sacrificios? . . . "*Ça, c'est une mauvaise affaire !*" concluia ela com o seu sotaque e a sua falta de dentes. Portugueses chegavam todos os dias, acantonando nos arredôres em aldeolas como esta ? D'aqui a pouco seriam algumas dezenas de milhares? . . . "*Ça, c'est une bonne affaire !*" No dia seguinte de madrugada, eu partia com uma companhia para a escola

de gazes asfixiantes afim de seguirmos algumas horas depois para o *front* em instrução? . . . "*Çá, c'est une mauvaise affaire!*" Mas eu vinha confiante n'uma victoria proxima e completa, dentro dalguns mezes o filho déla, soldado das equipagens para as bandas de Verdun, regressaria á herdade, ás sementeiras, ao arado que dormia no páteo, ao grande cavallo branco que relinchava no estábulo . . . "*Çá, c'est une bonne affaire!*"

Sobre a pedra do meu fogão eu tinha posto logo de entrada os meus retratos queridos. Fui ás trincheiras e voltei. Trouxe os meus homens e os meus ossos inteiros. Ao entrar de novo em casa de Madame Letailleur, sob a redôma de vidro, junto ao crucifixo, estava o retrato de minha filha, anjo de Deus que a boa velhota ali puséra a pedir por mim ao Cristo martirisado.

Vivi quasi tres semanas naquela casa, sahindo cêdo, voltando pela tarde. Nas primeiras noites, enquanto escrevia para Portugal a minha saudade, sentia ao lado duas vezes, a déla, a de um homem que eu supuz ser *Monsieur*, como se diz por aqui quando se fala do dono da casa. As vozes pareciam altercar. Madame Letailleur gritava. O homem berrava como um possesso. Fasia-me confusão aquela gritaria e uma manhã perguntei-lhe :

— "Hontem estava zangada com o seu marido ?

Riu como uma perdida. O marido morrera há muito. O homem com quem ela gritava todas as noites era um refugiado. Pobre homem ! Vivia tranquilo, era rico mesmo, os seus trinta contos talvez em terras e herdades. Um dia viéram os alemães. Queimaram, saquearam, o velho fugiu deante d'aquele horror. Ha dois anos que não sabe nada dos seus, nem da sua terra onde os

boches estão ainda. Veiu ali parar, móra por favor n'um compartimento do solão, para merecer a pousada e a tigéla de sopa leva o cavalo branco a puxar o arado na *pâture* de Madame Letailleur e esta grita-lhe aos ouvidos porque o desgraçado ensurdeceu na confusão de uma batalha travada sobre as ruínas fumegantes do seu lar.

— "*Cá, c'est une mauvaise affaire!*" remato eu a cismar n'aquele drama. Ela encolhe os seus ombros ossudos, volvendo os olhos para o Sagrado Coração de Jesus, apainelado junto ao armario.

Um dia veiu ordem para que o batalhão inteiro seguisse definitivamente para a frente. Era a hora de irmos para a fornalha. Fiséram-se as malas, carregaram-se os carros, os homens atulharam as mochilas, andaram de porta em porta despedindo-se dos seus amigos franceses.

Eu despejei o grande armario brunido, arrumei os papeis. Chegou a hora da despedida. O meu cavalo com o arreio de marcha esperava-me á porta. Madame Letailleur com a sua coifa branca de canudos, as mãos ossudas crusadas sobre o grande avental, fitava-me silenciosa.

— "*Parto, madame.* Um dia havemos de voltar a descansar para aqui. . .

Despedi-me com um olhar daquela casa tão limpa e tão clara, daquele tecto de França que me vira chorar ás escondidas os meus amores distantes e abri os braços a Madame Letailleur. Ela tinha lagrimas nos seus olhos muito claros, o seu queixo e o seu nariz de Polichinello agitavam-se n'um tremôr e eu plantei dois sonoros beijos nas covas das suas bochéchas.

José Maria Folgadinho

“LANZUDO,” DA GRANDE GUERRA

José Maria Folgadinho é da Comarca d'Arganil, como podia ser de Freixo de Espada á Cinta ou de Vila Real de Santo Antonio. Não fez para isso a menor diligencia. Cahiú nas sortes, foi para o regimento, andou lá alguns mezes na instrução, e, quando tinha aprendido algumas artes militares e varias artimanhas de caserna, licenciaram-no. Na aldeia falava-se em que iam portugueses para a guerra, falava-se em que não iam. Folgadinho, esse, depois de ter falado uns tempos com a Gertrudes, falava com a menina Rosaria, quando de repente, ordem de mobilisação e partida. Pegou n'um sacco de retalhos, meteu pés ao caminho, chegou tarde, deram-lhe uma porção de equipamentos, enfiaram-no num comboio, ele dormiu e chegou a Lisboa, que, como o heroe do sr. Tomaz Ribeiro, ele nunca tinha visto. Tambem lh'a não deixaram vêr, porque o puzeram a bórdo dum grande navio e este abalou. Folgadinho, pouco maritimo, enjoou como um catita, dormiu duas noites com um bolo-rei de lóna enfiado no pescoço e começou a achar que fazia frio. Cada vez mais se foi ins-

talando n'esta opinião, até que o barco chegou a um porto.

— "Isto aqui é que é França, meu sargento ?" perguntou ele ao seu "primeiro".

— "E", respondeu este inuito aborrecido.

A França estava feia. Fazia cada vez mais frio. Sobre a cidade cahia neve e Folgadinho não tinha trazido guarda-chuva. Escusado será dizer que ficou que nem uma sopa ao som da *Portuguesa*. Para variar um pouco de meios de transporte, meteram-no num outro comboio. Este levou tres dias a parar em todas as estações e foi nessa viagem tormentosa, sob rajadas de neve, que Folgadinho soube que a carne de vaca metida em latas se chamava *corned beef* e que ha uma gente que se entretém a enfiar vinagre, cebolas e mostarda dentro de frascos a que chamam depois *pickles*. Ele, que no regimento estava habituado ao feijão, á couve, á batata, á boa *tóra* de carne fresca, não percebeu a graça que tudo aquilo podia ter. Um dia o tal comboio parou e com uma guedêlha compridissima, uma barba de oito dias, sujo como um limpa chaminés, o equipamento ás tres pancadas, os ossos n'um feixe, José Maria Folgadinho fez a sua entrada numa pequena cidade ¹ onde ha muitos anos, quando foi duma guerra que durou cem, também viéram portuguezes sob o comando de um infante. Sahiu muito gente a vêr as tropas.

— "*Qu'est ce que c'est que ça ?*" perguntava na Grande Place a menina do oculista á esposa do relojoeiro. *Ce doit-être des Russes ?*

— "*Mais non ! Ce sont des Portugais !*" explicava aquele *embusqué* do secretário da *Mairie*.

¹ Aire-sur-la-Lys

— “Ah ! Eh bien ! Ills ! nont pas l'air gai !

O céu estava triste. Folgadinho batia o queixo : mas, apenas as portas e as janelas se enfeitaram do Eterno Feminino de nariz vermelho e com freiras, Folgadinho, heroe d'uma raça de femieiros e atiradiços, arrebitou a orelha, começou a piscar o olho, a deitar a lingua de fóra, a dizer adeus. Pronto ! Os portugueses já estavam *gais*.

Deixou-se para trás a pequena cidade, atravessaram-se aldeias, até que chegou uma onde tudo aquilo parou. Começaram muitos cavalos a correr com officiaes em cima, gente a gritar : — “A primeira para aqui . . . Meia volta . . . A' esquerda rodar”. Um sargento dizia : — “Aqui vinte homens”, etc., até que Folgadinho entrou num pateo duma pequena herdade, apontaram-lhe um palheiro e era ali.

Tirou a *tralha* de cima das banhas, estendeu os braços, mediu a palha com a vista, deitou-se e dormiu.

* * *

No fim de tres dias estava como em sua casa. Tinha dado uma volta á aldeia, espreitando para dentro das casas. Vira muitos santos pendurados, chãos de tijôlo muito limpos, uns fogões muito reluzentes e caras de boa gente ; velhotas de cabelos brancos, raparigas palidamente louras de cabelos escorridos e sapatos rasos. Passavam velhos montados á amazona em grandes cavalos de lavoura e José Maria Folgadinho, como tocava ao rancho quatro vezes ao dia, havia vinho e chá, con-

cluiu que, quando fizesse menos frio, aquilo não seria tão feio como o tinham pintado.

Deram-lhe uma capa de borracha. Em compensação o sacco de ramagens onde trazia as ceroulas ficára lá para os sitios do vapor. Como estavam em maré de dar, déram-lhe alguma instrução para ir tomando o gosto ; mas, como lha ofereciam sem vontade, ele aceitava-a sem entusiasmo.

Folgadinho, á tarde, ou escrevia á familia ou ia para os *estaminets*. A primeira vez que entrou n'un, estavam lá vários ingleses, soldados e cabos, bebendo uma cou-sa amarela. Que diabo seria aquilo ? Folgadinho pediu tambem. Era amargo e tinha um sabor esquisito. Era cerveja, a quasi unica bebida da região. Tambem não lhe cheirou a lombo, mas emfim. . . O difficil para qual-quer outro seria entender-se e fazer-se perceber. Folga-dinho, aprendeu a falar o francez em tres horas. O di-nheiro tambem não tem nada que saber. Aqueles papeis muito sujos são dois tostões. Os outros mais sujos ainda são um tostão. Os mais limpos são dez tostões, os vin-tens são um vintem e os dez réis são dez réis. "*Mame-selle* um copo de *biere*," dois *sous*, um vintem. "*Mada-me*, um *pain*," outros dois *sous*. Os bilhetes postaes ilus-trados, tres *sous* e assim sucessivamente. Como lhe per-guntam a ele : "*Avez vous compris ?*" ele indaga tam-bem : — "*Compris ?*", quando o não entendem e, se a confusão chega ao cûmulo, encolhe os hombros com um profundo desdem por aquella gente que não sabe falar o francez d'ele e despede-se : — *Non compris*.

Porque é reinadio e mais patusco que os ingleses que por ali andam ha tres anos, Folgadinho torna se simpá-tico. O que ele é, é malandro. Escangalha as bombas.

passa por onde não deve passar, suja e não limpa ; mas é simpatico e gostam dele. Até estimam que ele estrague para poderem fazer reclamações ao *maire* e pedir duzentos francos por um pé de salsa pisado.

De repente, uma bela tarde, Folgadinho sabe que a nove quilometros se tira o retrato por um franco. Ele ahi vae a unhas de cavallo . . . Depois das fundições de canhões, quem tem ganho mais dinheiro com a guerra, são os fotografos da zona onde acantona o Folgadinho. Já sabem a posição: em sentido, a mão direita descuidosamente pousada sobre uma peanha onde floresce um mangerico de papelão. Quando combina tirar um grupo com alguns camaradões, então o caso méte o mais analfabéto a fingir que lê um jornal do departamento, outro com uma garrafa na mão, o terceiro empunhando um copo, o quarto finalmente de sabre desembainhado. Depois manda aquilo para Portugal ao compadre Joaquim, á menina Rosaria recomendando-lhe que não fale com o Manuel Vitorino, ao genro do Tomaz Gaiteiro e a toda a gente lá do sitio para que se saiba a cara com que ele está na guerra.

Já vae comendo nos *pickles* e na marmelada como se tivesse nascido para isso. O que o distrae muito são os aéroplanos. Cada dia passam quarenta dos nossos e ele vê todos. Ensinam-lhe uma nova esgrima de baionêta e, para o treinar em marchas, mandam-no passear com a mobilia ás costas, tres vezes por semana, quer chova quer faça sol, durante uma boa duzia de quilometros. Folgadinho passa a vida a mandar as botas para o concerto e a dar cabo das alpargatas.

* * *

Uma certa tarde chega ordem de ir para a instrução ás trincheiras. Momento de comoção. Os officiaes passam graves, com mapas na mão, a dizerem historias uns aos outros. Na manhã seguinte abala-se. Até ás *trinchas* são uns quarenta quilometros e faz-se a marcha em dois dias. No fim do primeiro, Folgadinho começa a vêr casas arrasadas e dorme n'um telheiro que não tem telha. Ouve-se o troar do canhão ao longe e Folgadinho, sentado dentro do capacete de aço, continua a olhar para o céu, a ver muitos aéroplanos. Só vem a rapaziada da companhia, mais o nosso capitão, o nosso tenente, os nossos sargentos. . . Um *pic-nic* em familia !

Felizmente o tempo está lindo. Em quinze dias toda a terra acordou, brotaram as cearas, as sébes enfeitaram-se, desabrocharam os lilazes e os campos, lindamente tratados por velhos e mulheres, são o encanto e alegria dos nossos olhos. Vae entrar o Maio e Folgadinho não espera pelo Agosto para suar por todos os póros. Agora está lavado, barbeia-se de vez em quando, comprou uma boquilha para fumar os cigarros da ração e já vae arranhando o seu bocado de inglez. Quando acaba de es-correr a ultima pinga de sopa nunca se esquece de dizer : — "*Finish !*"

Na manhã do segundo dia rompe-se a marcha sem cornetas e, depois do alto do almoço, a companhia divide-se em grupos. Entra na zona em que a cautela não é desnecessaria. Folgadinho sabe que, da vez que cá veiu uma companhia de outro batalhão que tirava o retrato no mesmo fotografo, ficaram por aqui dois e isso dá-lhe um bocado que pensar.

O canhão ouve-se melhor e lá longe, em volta de um aéroplano, que mal se vê, estalam umas nuvensinhas brancas. E' um *boche* que vinha vêr onde estava o Folgadinho.

A' tarde chega-se a uma aldeia onde ha ingleses em barda. Metem o nosso amigo com outros dentro dum palheiro cheio de camaradas britanicos e a primeira cousa de que o Folgadinho trata é de ver se consegue comprar um canivete de campanha a um inglez, intrujando-o e dizendo-lhe que um tostão de niquel portuguez vale um franco francez. O inglez acredita e Folgadinho já tem navalha para destapar os frascos de conserva, não contando com a luzitana satisfação de ter embrulhado o seu proximo, batendo-lhe no hombro e perguntando : — "*Camarade ! Compris ? Yess ?*" . . .

O outro só ha-de compreender quando mais tarde, em qualquer cidadéca, fôr trocar o dinheiro.

Folgadinho passa essa noite um pouco sobresaltado com baterias que estoiram perto, que, quando uma pessoa vae a olhar para dentro, ribombam, abalam a casa de cada um e levam nisto horas sem fim. Por fim consegue adormecer e, ao acordar, vendo os ingleses barbear-se, ensaboar-se, arregaçar até aos sovacos as mangas da camisa *kaki*, abrir depois a risca do cabêlo, Folgadinho, lanzudo, com a barba por fazer, pensa no seu sacco de ramagens que ficou para trás, no unico barbeiro do pelotão que baixou ao hospital, em varias cousas enfim até que um sargento inglez lhe faz um gesto, disendo : — "*Came on !*" e o leva até uma arrecadação onde lhe confia um grande sacco cheio de latas, o almoço do seu alojamento.

O dia passa e Folgadinho vae ver os ingleses faze-

rem exercício. Sente-se *touriste* e *mirone* e pára defronte d'uma grande casa de madeira dentro da qual se ouve tocar piano. Avança até á porta e lobriga ao fundo o balcão de uma cantina, onde ha tudo o que um soldado pode precisar, do lado oposto um palco e, pelo meio do grande casarão, mezas compridas onde os *camónes* — como ele já lhes chama — escrevem, lêem ilustrações, fumam cachimbo e escutam um enfermeiro de oculos, que, martelando as téclas d'um Erard de decima terceira qualidade, trauteia desafinadamente: — “*It's a long way to Tipperary*.” Folgadinho sente-se feliz, encosta-se ao piano, e, quando o inglez se cala, avança um dêdo, toca em tres notas ao acaso e lança a meia voz:

— “*O' amendoeira!*
Que é da tua rama?”

A vida seria boa se não viesse á tardinha a ordem de formar. A companhia vae partir para as *trinchas*. Começaram a dividil-a em pequenas fracções. A estrada é comprida e direita.

De subito lá ao alto ha um grande estoiro e terra que vòa pelo ar e fumo que se enrodilha. Folgadinho avança o nariz fóra da fórmula. Mau! Que foi aquilo? Uma granada que veiu de *lá*. Folgadinho não acha graça e a saliva séca-se-lhe um pouco. Uma voz: — «Quatro á direita, volver... Marche!...» e ele lá vae em direção ao ponto onde segunda e terceira granadas acabam de cahir. Toma-se, porem, por um campo, por detrás d'umas arvores e Folgadinho sente-se mais feliz. Apanha-se outra estrada onde, á luz do crepusculo, passam carros pesadamente e grupos de ingleses

que regressam, arma em bandoleira, capacête no braço-cigarro na bocca. Andam-se dois ou tres quilometros, coriam-se caminhos, deixam-se ficar para trás herdades de que restam apenas parêdes, pisam-se linhas de vagonêtes, as estrelas começam a aparecer, até que, de repente, junto d'uma tabolêta, onde letras brancas ressaltam do fundo preto, aparece uma passadeira de madeira, meio metro de largo, se tanto. Essa passadeira vae-se metendo pelo chão abaixo até se enterrar entre dois taludes revestidos de sacos cheios de terra ou de rêde de arame esticada sobre estacas.

Os homens já não cabem senão a um de fundo. As marmitas, todos os accessorios da *mobilieria* de um soldado esbarram nas esquinas bruscas d'aquêle bêco que não consegue andar dez metros na mesma direção.

José Maria Folgadinho, *lanzudo* da Grande Guerra está pela primeira vez nas *trinchas*.

Iniciação

*A' memoria do capt Gleen, do 1/3th, York
and Lancasters, morto em agosto de 1917
na terceira batalha de Ypres.*

Terça-feira, 1 de Maio

Esta manhã, sou acordado em sobresalto na *mess* de officiaes ingleses, onde fui aboletado e acolhido com a mais fidalga gentileza, pelas detonações precipitadas de uma bateria proxima. Na soleira da porta um grupo de alferes e tenentes britannicos miram o céu azul sem uma nuvem. Um aéroplano alemão segue por cima das nossas linhas. No ar, em volta d'êle e sem o atingirem, estalam granadas. Ele passa. Dez minutos depois deslisa a toda a velocidade, n'uma estrada perto, uma bateria automovel de anti-aereos, a que deixou escapar a prêsa. Vamos ter novidade.

Pelo meio dia o batalhão inglez a que a minha companhia está adida comunica-me que devemos estar formados ao caír da tarde sobre a estrada e em pequenos grupos para seguirmos para as trincheiras. Pouco antes

da hora marcada, a estrada que havemos de seguir começa a ser bombardeada com violencia. Consequencia das informações recolhidas de manhã pelo *taube*. Chega-nos a todo o galope da sua mula um chefe de carro a comunicar-nos que uma granada atingiu viaturas que seguiam para o parque de transportes. Um morto, dois feridos de outra companhia portugueza que partilha o nosso acantonamento e ha-de partilhar o nosso sector. Começo a dividir e a ordenar a minha gente. Continua o fogo alemão. A noite vai caíndo e aproxima-se a hora. Surge de *camion* uma banda de musica ingleza e, quando os primeiros grupos se põem em marcha pela estrada bombardeada, rompe a *Portuguesa*. Momento impressionante. Oficiaes e soldados ingleses vêm desejar nos boa sorte.

Os grupos marcham espaçados, mantendo as distancias, conduzidos por guias ingleses. Um pouco antes da barragem cortamos pelo campo perpendicularmente á estrada e vamos atingir uma outra pararála. Vêm-se estalar as granadas perto e, á luz poente, nos campos e perto da metralha, terminam a sua faina agricola os habitantes que ainda permanecem n'esta região. Um grande cavallo preto arrasta um arado sobre o qual se senta, tranquilamente cachimbando, um velho de cabelos brancos. Na estrada junto de nós passam carros de reabastecimento. A' nossa esquerda uma bateria escondida n'um arvorêdo, riposta ao fogo alemão. A certa altura fazemos alto para colocar em posição as mascaras contra os gazes asfixiantes. Continuamos a marcha e não tarda que deixêmos a estrada para seguir um caminho coberto á margem déla. Estamos já na terceira linha ingleza e vamos pisando as passadeiras de madeira de

que havemos de calcar quilometros. Tornamos a atravessar outra estrada e entramos finalmente numa trincheira de comunicação. E' então uma longa, interminavel marcha n'um corredor onde só cabemos a um de fundo e que de cinco em cinco metros muda constantemente de direcção. De quando em quando a trincheira alarga e tem uma banquêta. O sol dos ultimos dias ainda não secou toda a agua do inverno e, na escuridão, succede fugir-nos um pé da passadeira e enterrarmo-nos na lama até ao tornozêlo. Passam alguns ratos galopando assustados. Sobre as nossas cabeças o céu é cheio de estrelas e, em volta de nós, as metralhadoras pesadas procuram com o seu tiro indirecto ir apanhar nos caminhos descobertos, a esta hora classica de render os serviços, os grupos de homens que passem por acaso. Estamos chegando á segunda linha e ahi os grupos vão ficar distribuidos pelos abrigos e pelos postos ingleses. Um dos meus pelotões segue para a primeira linha. Mais trincheiras sempre eguaes. Um sargento inglez, a certa altura, detem-me e, com um gesto, diz-me numa mescla de inglez e mau francez :

— *“Captain ! Promenade avec moi . . .”*

Sigo-o. Caminhamos dez minutos ainda. Chegamos a um terraplêno. Cortamos á esquina de uma rua — *Hun's Street* — e paramos defronte de um abrigo que tem uma taboleta á porta: *“Right company. Commanding officer . . .”* Estou n'um posto de commando da companhia. Baixo-me para entrar. A' luz de duas vêlas, dentro d'um casinhoto de tres metros de largo por outros tantos de fundo, dois olhos claros me sorriem n'uma face rosada e moça, uma mão solida se estende para a minha e uma voz alegre com um forte sotaque britanico saúda-me :

— *Bonsoir, Monsieur.*

E' o *captain* Gleen de um batalhão, que usa o nome de dois belos condados ingleses. Fala a *very little* de francez. Eu falo outro tanto de inglez. Havemos de nos entender perfeitamente. Num canto da caverna está, dobrado em varias partes para poder caber, o alferes Robinson. O capitão tem vinte e quatro anos. O alferes vinte e um. Ambos dois anos de guerra e presentes no Somme o ano passado. Perguntam-me se jantei. Passados cinco minutos estou jantando. Apenas corta o silencio de vez em quando o tic-tac sêco das espingardas automáticas e das metralhadoras. Conversamos. E' a primeira vez que o capitão Gleen tem tropas portuguezas no seu sector de companhia e explica-me que os meus homens já estão todos distribuidos pelos varios postos e farão todos os serviços dos soldados ingleses. Tomado o chá e acêso um cigarro, peço para percorrer as trincheiras e ver a minha gente. E' cêdo ainda; a ronda do capitão começa á meia noite e são onze, se tanto. Examino então no mapa das trincheiras a disposição do sector e o meu camarada indica-me a posição dos postos especiaes, o raio de ação dos postos de observação, o campo das nossas metralhadoras. O chão que pisamos é historico. Em 1915 travou-se n'este local uma grande batalha. As nossas trincheiras serpenteiam átravez das ruinas do que foi uma pequena e linda cidade ¹ da qual não restam senão montes de pedra e de tijôlo e algumas paredes ainda de pé, onde se organisaram abrigos e postos.

Chegou a meia-noite. Saímos e começamos a caminhar, a caminhar. De longe em longe, tabolêtas. As trin-

¹ Neuve Chapelle.

cheiras têm nomes, alguns dêles illustres: *Oxford street*, por exemplo. Cortamos a *Church-road*, ao caminho da Igreja. Da igreja da cidade resta apenas um monte de escombros e o Cristo de um cruzeiro que já andou em ilustrações e *magazines*. Alguns santos, uma Virgem, estão postos sobre campas de soldados ingleses. No que foi em tempos, um pequeno *chateau*, está um ninho de metralhadoras. Desço ás escuras uns degraus. Sobre o cano negro das armas debruça-se a vigilancia dos serventes e, por uma estreita abertura, vê-se o campo muito claro e, lá adiante, a trezentos metros se tanto, a linha de trincheiras alemãs. Outras vidas ali palpitam, outros olhos nos espiam e nos esperam. Para a nossa direita retumba um morteiro de trincheira depois de se ouvir o silvo muito especial do projectil. Casu perto, muito perto, na nossa primeira linha, diz-me o capitão. Esperamos. Outras detonações, sete num quarto de hora. Algum sinal tiveram na trincheira fronteira que lhes indicou um objectivo. Proseguimos. Colhemos informações. Os projecteis caíram mais adiante. Espreito nos abrigos. Os meus soldados lá estão e aqueles a quem não cabe a vigilancia dormem tranquilamente ao lado dos seus camaradas. Cruzamos mais adiante fachinas ingleses e portuguezes condusindo chá quente. Indago. Andaram debaixo de fogo. Chegamos finalmente ao posto bombardeado. Um tenente de ronda contou que os morteiros caíram em volta. Um acertou num charco ali visinho e encheu-o de lama. Mostra-nos o seu uniforme todo salpicado. Pergunto que tal se portaram os meus soldados adidos ao posto.

-- "*Splendid! Very well! No panic.*"

Entrevisto a minha gente.

— “Ah ! meu capitão ! Eles mandaram aí umas *garrafas de litro* ; mas cá a gente não *cortou prego* . . .

A quem queira fixar o portuguez da zona de guerra, direi que os projecteis eram então divididos, conforme o tamanho, em *barris de almude*, *garrafas de litro* e *copos de meio litro*. *Cortar prego* ficou sendo : ter medo.

Sorriso satisfeito. E' a primeira vez que os meus soldados, como eu de resto, estamos tão em contacto com o perigo. A experiencia é satisfatória.

O capitão segue de mãos nos bolsos e cachimbo na bôca. A certa altura pergunta-me se quero sair da trincheira e ir, em campo aberto, a um posto de escuta collocado numas ruinas. Respondo-lhe que irei onde êle fôr. Caminhamos atravez da noite clara uns cincoenta metros. Dois homem apenas cabem no abrigo que só é occupado de noite. Espreitamos pela vigia. Na nossa frente á luz do luar temos um bosque, cuja historia singular e tétrica o capitão me conta com toda a sua fleugma. Voltamos para a trincheira e, após duas horas e meia de marcha, tendo pisado quilometros de passadeiras, conversado varias vezes sentados, para descansar, sobre banquêtas desertas, regressamos ao posto de comando. Ha duas camás: rectangulos de madeira sobre os quaes se estendeu rêde de arame e que assentam a tres palmos do chão sobre caixotes. Deito sobre mim o meu capote, o capitão enfia-se no sacco da sua *valise*, apagam-se as vélas depois de uns goles de *whisky* e adormeço dali a pouco, admirado de ter sôno.

* * *

Quarta feira, 2 de maio. Acordo pelas sete horas da manhã. Sento-me sobre o meu leito de campanha, ponho em movimento as articulações e vejo, a um palmo do nariz, um prato onde uma talhada de presunto fraterniza com um ovo estrelado. É o *first breakfast*, que um tenente me estende. Devoro-o, bem como uma tapioca com assucar que sobrevem, regando-os com ótima cerveja. Uma chavena de chá, umas torradas, uma cachimbada de tabaco louro e o dia começa. Cá fóra da tóca o sol está esplendido. Passaritos cantam no terra-plêno, soldados ingleses fazem a barba e nós officiaes procedemos á nossa *toilette*. Nunca, nem mesmo nas trincheiras, um subdito de Sua Magestade britanica deixaria de se barbear todos os dias. Barbeiam-se de côr, sem espelho, com navalhas ageis e delgadas que passam como uma caricia sobre péles maravilhosas de frescura e de côr.

Dali a pouco partimos para a ronda da manhã. O mesmo itinerario da vespera; mas agora á luz clara do sol. Reconheço locais entrevistos de noite, cruzo a cada passo os meus homens, que andam, de parceria com os seus camaradas, fazendo a limpeza das trincheiras, esgotando agua á bomba, cavando regueiras, concertando parapeitos, isto enquanto outros nos postos de serviço entretêm o tempo limpando as armas. A disposição dos meus rapazes é excelente. Encontro-os a conversar no melhor portuguez com os ingleses que os escutam muito serios e como se entendem não sei. Ha frases que ouço a meúdo:

— *“Quand guerre finise, bonne!”* dizem os ingleses.

— “*Yess ! yess !* respondem os nossos

— “*Boches, pas bonne . . .*

— “*Yess, yess,* concordam os portuguezes.

De vez em quando um soldado inglez toca no braço dum soldado nosso e diz-lhe :

— “*Came on ! Promenade !*

E lá vão os dois a uma fachina qualquer. Pergunto aos meus camaradas britannicos que impressão têm dos nossos soldados. Em cada posto peço ao capitão que consulte os seus sargentos e cabos. E, felizmente para mim e para honra de Portugal, a resposta é sempre a mesma.

— “*Solids ! Bonnes !*

Direi mesmo que para cavar e dar á bomba um portuguez vale bém dois inglezes. Quanto á sua serenidade sob o fogo, basta que registre o espanto de um sargento inglez, que não podia perceber como, na ocasião do bombardeio, os nossos soldados saíam dos abrigos para ir espreitar por cima dos parapeitos.

— “Para ver donde elas vinham, meu capitão”, explica-me um dos rapazes.

No fim da nossa ronda palmilhamos mais um kilometro de trincheiras e chegamos ao posto de comando do batalhão. Aí, como sempre, o major e o comandante da brigada, que ali veiu de visita, me acolhem com toda a gentilêsa. Dentro da zona ingleza ha cerveja, cigarros e tabaco para cachimbo permanentes. O brigadeiro e o major indagam do capitão o que se passou de noite e pedem noticias dos portuguezes. As companhias que me precederam deixaram boa impressão e a minha não desmerece da opinião formada. Visitamos o posto de socorro, primeiro escalão de assistencia médica. Há um

major medico curiosissimo, falando admiravelmente o francez e que passeiou o seu nariz exorbitante por Gallipolis e pelo Egypto antes de vir para França onde se sente felicissimo, sem querer largar o serviço das trincheiras. Fala-se da duração da guerra. "*Acaba este ano*", dizem todos.

O general diz-me que os portuguezes devem ser bons soldados. Respondo-lhe que a historia da Guerra Peninsular, alem de outros documentos, é garantia das qualidades militares da nossa raça. *Shake hands* fraternal e aliado, cerveja, cigarrada...

Regressamos, o captain Gleen e eu, ao nosso abrigo e já é hora de nova refeição. Continúo com um apetite admiravel. Um sargento informa-nos de que não ha novidade. Apenas a artilharia continúa o seu duêto. Sobre as nossas cabeças passam silvando granadas que, segundo consta, vão escavacar o acantonamento de onde saímos hontem. Um aeroplano inglez tenta voar sobre as linhas alemãs. Fazem-lhe uma barragem aérea e ele brinca, volta sobre as asas, zig zagueia até voltar para trás. Faz calor e o *captain* senta-se á chineza sobre a cama e começa a escrever uma carta á que ha de ser M^{me} Gleen, *peut-être, après la guerre...* Tiro do meu sacco *La philosophie de Georges Courteline* e leio algumas saborosas paginas. Pela porta aberta do abrigo, emquanto o sol escalda cá fóra, passam soldados ingleses e portuguezes e busco adivinhar as preocupações d'estes. Vejo-os serênos, girando n'aquela dédalo de caminhos enterrados como se estivessem n'uma parada de quartel, insensíveis ao perigo que nos ameaça em cada segundo. Chamo um e outro. Que tal? Contam a rir as suas impressões, emquanto os *Tommies* em volta escutam interessados.

Ao cair da tarde recomeça a musica das metralhadoras. Os caminhos da rectaguarda e os da segunda linha principiam a levar a sua conta. E' a pesca cega ao homem, milhares de projecteis desperdiçados para apanhar uma vida aqui, outra alem. E' a morte a entreter-se emquanto não chega a hora dos grandes golpes de fouce.

Entramos na segunda noite. O capitão Gleen já sabe a minha vida e eu já sei a d'ele. Era *chémist* antes da guerra e tenciona deixar o exercito mal ela acabe. Sabendo que ha-de figurar n'uma crónica minha, pede que lhe envie o jornal. Quer alem d'isso no seu livro de guerra um autógrafo meu em francez. Escrevo este pensamento lapidar: — "*Les boches sont des cochons et le capitaine Gleen est un frère.*" Vamos dar outra volta. Ao atravessarmos um caminho da B. Line, crepita ao longe uma metralhadora; sobre as nossas cabeças, na rama das arvores, silvam as balas. — "*Pas bon!*" — exclama o meu companheiro estugando o passo até ao través mais proximo. Ha socêgo relativo na linha. Apenas um morteiro de trincheira caiu cerca d'um abrigo deserto e uma *équipe* que tentava ir colocar arame farpado teve de regressar. Os meus portuguezes que a acompanhavam voltam furiosos por terem sido descobertos.

Vamo-nos deitar. De tempos a tempos um official ou um sargento de ronda vem fazer o seu relatório. No meio da noite acordo. Um rato dança o *cake-walk* sobre a minha barriga.

— *What in this?* pergunta o capitão, que está acordado. Explico-lhe do que se trata.

— "*No comfortable*, diz-me ele na escuridão.

Readormeço passados instantes.

* * *

Quinta feira, 3 de maio. A madrugada foi agitada. Não sei que mosca mordeu aos nossos vizinhos defronte. Sem que os provocassemos, sem que lhes fizéssemos o minimo *stroff*, como se diz em calão de trincheira, enviaram-nos vários morteiros, matando um soldado portuguez da companhia pegada á nossa, ferindo outro. Da minha gente só um homem teve um dedo levemente pisado por uma trave que desabou. O morto foi recolhido a um abrigo. A' noite o enterrarão. O estilhaço furou-lhe o capacête na junta da aba e entrou-lhe pela témpora. O ferido não tem gravidade.

Faç a minha ultima ronda. Páro cerca d'um abrigo de metralhadora para ler uma curiosa tabolêta. Tem o abrigo o nome de uma grande *gare* de Londres: *Charing Cross* e a tabolêta anúncia que d'ali partem a qualquer hora tiros expressos nas direções de*** e de***. É com estes traços de humorismo simplista que os soldados buscam espalhar o aborrecimento especial da vida das trincheiras a que os francezes chamam *avoir le cafard* e para o qual, os nossos soldados crearam de começo uma expressão que se não generalisou: *comer graxa*.

Um general inglez visita o sector. Passa cercado ou, para melhor dizer, seguido de um cortejo de officiaes. Acha bom aspecto aos portugueses. Das suas observações de serviço resulta que um tenente coronel vem ao posto de comando onde estou hospedado fazer uma *teoria* aos officiaes no tom mais amêno e sorridente, fumando e bebendo.

Chega a ordem para a nossa retirada. Pelas tantas da tarde os postos serão rendidos, a concentração far-se-ha

gradualmente em determinados pontos e sairemos, como entramos, em pequenos grupos, por uma trincheira a que por homenagem se poz o nome de uma formação india completamente aniquilada neste terreno na batalha ha dois anos.¹

Aproxima-se a hora de me separar d'este camarada encantador que foi o capitão Gleen e dos seus subalternos que fraternisaram com os meus de maneira a deixar-lhes profundas saudades. Chegam os guias que nos hão-de levar ao nosso acantonamento primitivo. Apesar do bombardeio ainda está habitavel. Formam no terra-plêno os primeiros grupos. Pelo telefone pergunta-se a hora do quartel general da brigada. Acertam-se os relogios. No momento marcado, sae o primeiro troço. Tem começado pouco antes o concerto do costume. Por fim com o ultimo escalão, saio eu, apoz uma affectuosa distribuição de apertos de mão áqueles camaradas que talvez não torne a ver.²

Seguimos em sentido inverso o caminho que nos trouxe. Já passada a ultima linha, recompõem-se os pelotões. A companhia chega por fim ao seu estacionamento. As granadas deitaram umas casas abaixo e mataram dez inglezes na barraca onde ha duas noites dormiram dois dos meus officiaes. E' noite fechada. Faço a pergunta sacramental:

— "Falta alguém ?

Na minha vida militar tenho-a feito alguns milhares de vezes. Nunca me impressionou tanto a resposta que

¹ Baluchi trench.

² Da officialidade desse batalhão escaparam na terceira batalha de Ypres, três meses depois, o comandante, o medico e um alferes.

os meus comandantes de pelotão foram dando sucessivamente :

— "Não falta ninguém.

Destroçados os soldados, entramos na *mess*. Camaradas do exercito de Jorge V fumam e bebem. Primeira pergunta :

— "Avéz-vô-mangé ?

Tres segundos depois estavamos a jantar.

Estaminets

Nesta região da Flandres, onde no mez de maio os lilazes ladeiam as estradas e a perder de vista, sem uma encosta, sem uma elevação, se estendem para um e outro lado os campos lavrados e semeados, cada porta, seu *estaminet*. Entra-se, é uma casa de chão de tijôlo, um fogão a um lado, um armário baixo de madeira clara e lustrosa, sobre ele alguns santos e imagens, na parêde retratos de velhos glabros e de velhas de coifas enca-nudadas. Sob uma redôma, sob o armário, aos pés de um crucifixo, um retrato. E' sempre um rapaz de vinte anos, bigode nascente, forte e parado sob uma farda couraceiro, atilheiro, infantaria. E' o filho ou o néto da casa morto ha alguns mezes em Verdun ou ha tres anos, no Yser ou no Marne. No compartimento ao lado mên-sas e bancos, um balcão. Ali se vende uma triste cer-veja, agua suja, que os ingleses não consentem que se venda outra de maior grau alcoolico. A filha ou neta, rapariga de olhos claros, de um louro de espiga sêca, serve e conversa nesta lingua de guerra com que se entenderam os ingleses durante seis semestres e agora se vão entendendo os portugueses.

A' medida que se caminha para o *front os estaminets*

acompanham-nos e parecem crescer em numero. Nos cruzamentos de estradas, junto aos fossos onde a agua verde dorme ao sol, surgem, vermelhos nos seus muros de tijolo, de um só pavimento, com cortinas nas janelas e vasos de flôres encarnadas sem perfume a alegrarem os humbraes e as cantoneiras.

Na soleira da porta a neta loura, de um louro de es-piga sêca, o velho glabro, a velha de coifa em canudos, vêm passar o batalhão. Mais um que passa... Tem passado tantos ! Por veses um permissionario francez, com o barrete de policia á banda, o capote azul horisonte desapertado, encostada a bicycléte á portela da hortasita circundante, mira-nos com o cachimbo ao canto da bôca e o sorriso de quem viu as horas mais terriveis da chacina e da catastrophe.

Sobre as portas as tabolêtas e vamos lendo os disticos afaveis e convidativos : *A' sahi'da do bosque, Au «rendez-vous» dos caçadores, Em frente da «mairie»*. Alguns inspiram-se nas flores : *«Au coquelicot»*. *«A' la marguerite des bois»*. Outros evocam guerras que hoje nos parecem conflitos de soldados de chumbo : *« Au vétèran de 70 »*. *«Au zouave de Solférino»*. Ha-os humoristicos : *«A l'ennemi de la soif»*, *«Au bon moment»*. De longe em longe homenagens a cidades proximas *«A' la vile de Saint-Omer»*, *Aux amis de Béthune»*. Por baixo da divisa, o nome : *un tel, cébitant*. Fica-se scismando onde haveria antes da guerra fregueses para tantas locandas. Agora compreende-se que elas tenham surgido ás dezênas. Ha sempre por estas estradas soldados que passam a pé, a cavalo, de bicycléte ou de moto, em ambulancias e *camions* e ninguem tem mais sêde do que um soldado.

Na zona dos acantonamentos os melhores *estaminets* são *mess* de officiaes e de sargentos. Outros tem um piano mecanico e, á tarde, os soldados de Portugal vão para ali curtir a nostalgia da sua aldeia distante ouvindo a maquina desafinadissima, fazendo durar o copo de cerveja e galanteando a moça, que a meudo tem de exclamar «*Pas compris*» ou de empregar as primeiras palavras de portuguez que as mulheres de França aprenderam: «Esteja quiéto»...

Para lá dos acantonamentos de apoio, a caminho para as trinchas, na linha das nossas baterias e sob as granadas, em certas ruinas utilizadas para depositos ainda se vêem vestigios de tabolêtas e de letreiros. Mas de todos os *estaminets* da Flandres francesa, o que mais me encanta e que eu desejaria que iicasse para todo o sempre como está, é aquele pelo qual teremos de passar vezes sem conto á ida e á volta das trincheiras. Uma casa de tijolo como as outras. Metade não existe. As traves do tecto cortadas por um bombardeamento. As telhas quasi todas ausentes no angulo que ainda ficou de pé. Lá dentro uma velha dormindo sob um alpendre de folhas de zinco coberto de sacos de terra. Em volta todo o chão crivado de cratéras de granadas e a estrada cada dia reparada pela engenharia para que não deixem de passar os carros dos transportes, De vez em quando a velha vae com um carrinho que ela puxa de sociedade com um cão, buscar um barril de cerveja á aldeia mais proxima. Os soldados entram de fugida e ás vezes têm de largar o copo porque um trabalho de contra-bateria *boche* está tornando a paisagem pouco serêna.

E' sobre a porta daquela ruína onde uma velha agar-

rada á sua casa ha-de morrer qualquer dia de uma grana-
nada que lhe escavaque o que resta do seu pouco bem,
uma tabolêta que é o meu encanto pelo que exprime
nas horas que passam: "*A' la tranquillité*".

Um almoço no "front,,

Ao Tenente Harrowsmith, do exército britânico.

São onze horas da manhã. Vamos lá almoçar, meu amigo. Deixa-me só passar as mãos por agua dentro de esta lata de bolachas e esfregal-as um pouco de pedra pomes, visto que a noite passada dois ratos se engalfinharam por causa do meu sabonête, acabando por leval-o.

Cautela ! Curva a cabeça. A porta é muito baixa. Deixa despedir-me com um olhar do meu oratório — tres retratos : o de minha mãe, o de minha mulher e o de minha filha — que está sempre florido, mesmo nestas regiões "insalubres,, como lhes chama um capitão inglez adido ao nosso batalhão. Tomêmos esta trincheira á direita. Esta sinêta ? E' a que nos ha de dar o sinal dos gazes asfixiantes. Oh ! Co'a breca ! Lá me esquecia a maldita mascara. Assim que posso pendurar esse horroroso apetrêcho é um tal alivio !

Sempre em frente, sim. Aqui o *em frente* nunca dura mais de cinco metros. Para variar saltemos fóra e tomemos este *covered way* encoberto pela folhagem, onde cantam os passarinhos. Não. Este assobio não é dum melro. É o silvo d'uma granada, que vae muito alta, para muito longe, uma "ordenança para a brigada", como dizem os soldados. Atravessamos a ponte. Ves aquele monte de ruínas? É a *mess* do estado maior do batalhão. Subamos estes quatro degraus. Casa singular esta em que se entra pelas janelas! Agacha-te. Ha outros quatro degraus a descer. Introduz-te entre essas duas colunas que suportam o templo e que fazem um tão extravagante centro de meza. Senta-te aí.

Como vês, a meza está posta com certa elegancia: tem toalha, lilazes em profusão — são a flôr do tempo e da região — e essas latas vazias de *Corned beef* logo á noite, guarnecidas de vêlas, serão esplendidos candelabros. Antes de te lembrares que em Lisboa porias um guardanapo, repara no local. Herdámo-lo dos ingleses. Um artista, que talvez esteja morto a esta hora, recortou de ilustrações comicas as figuras precisas para pôr sobre aquele armário um friso de humorismo.

O fogão está desmantelado. No lugar do espelho, que sobre elle assentava, está um *Trench-map*, um mapa de nosso poiso, explicar te-ia eu, se não falasses inglez.

E agora levanta os olhos. Vês lá em cima, onde as suas vigas de suporte encontram o tecto? Dois ninhos de andorinha. Elas aí vêm. Entraram pela porta janela, e uma traz uma palhinha no bico. Muito negras com o peito muito alvo. . . A convivencia exterior com os ingleses habituou-as a não vir ás refeições senão de casaca

e de colête branco. Estas avesitas, vindo acoitar o seu amor e fazer o seu lar n'estas ruínas de uma casa desfeita pelas granadas numa das mais sangrentas batalhas de ha dois anos, entrando e saindo por uma janela que alumia frouxamente creaturas que aqui estão para derramar o seu sangue ou o dos outros, para dar ou receber a morte, são, como os lilazes da meza, um tão curioso contraste, não é verdade? Sem duvida o mesmo artista que recordou as silhuêtas do friso pregou com dois alfinetes, n'uma das vigas, o retrato de Carlyle, o poeta dos heroes.

Mas atenção! Os impedidos chegam com o primeiro prato. Desculpa, meu caro, o menu; mas *c'est la guerre*. Começaremos por umas sardinhas de lata, que mandamos frigar. E as batatas fritas? Vêm ou não?

Oh! Desculpa! Não te apresentei ao teu visinho da direita. E' o tenente interprete do batalhão, o subdito de Jorge V mais alegre que tenho visto. Ha tres anos quasi, quando rebentou a guerra, ele e mais quarenta rapazes do seu club de *foot-ball* alistaram-se no mesmo dia. De quarenta restam quatro n'este maio florido de 1917. Foi soldado para a Palestina, e hoje é oficial ao nosso lado. Fala intelegivelmente o portuguez por ter vivido dois anos em Lisboa e, quando digo que fala o portuguez, antes deveria dizer que o malvado fala calão alfacinha. E' preciso ouvil-o dizer, com os seus olhos azues muito alegres, os seus trinta e dois dentes ao léo, que a guerra é uma *tchatice*.

Vaes ver que companheiro! Ora, já estão a conversar e tu ris como um perdido! Agora chegam umas talhadas de presunto ladeadas de ovos estrelados. Se entornas algum, desgraça-nos. Vêm de cinco quilometros

e custam oitenta centimos cada. Um copo de cerveja? Repetes o presunto? Vê lá! Ao menos não repitas o ovo! Um pouco de doce de lata? Limão e melão? Ananaz? Preféres uma chavena de chá com leite condensado? Seja.

E agora acende um *Flag*, um *Volunteer* da ração, ou pesca na cigarreira daquelle alferes, que gasta toda a sua subvenção em extravagancias, um *Abdulia* das cantinas inglezas.

Enquanto tu cavaqueias com os visinhos, eu miro as nossas andorinhas. Uma, no seu vôo incerto, á procura da janela, quasi roçou por um dos ramos de lilaz e eu fiquei a pensar que, tendo a pobresinha feito o seu ninho por cima duma das ventarolas contra os gazes asfixiantes, basta que haja um alarme sério para que essa infernal, asquerosa, estúpida invenção de uma *kultur*, que pretendia substituir o espirito do mundo inteiro, destrua esta linda cousa que se chama um ninho. O que é o melro do Junqueiro, victima de um padre cura de aldeia, comparado com este passarito ameaçado por toda a ciencia de um povo?

Tu continúas rindo com o *baraguoin* do nosso interprete? Mal dirás tu que esse maráu, respirando vida e saude por todas as bochêchas da sua cara escanhoadissima, depois de ter trabalhado o dia todo como um mouro na ardua tarefa de nos auxiliar a provêr de ordens, de munições, de rações e de agua um batalhão em pé de guerra, todas as noites, quando chega ao seu abrigo e antes de se deitar em cima do seu catre de rêde, ajoelha devotamente sobre um saco de linhagem, dos muitos milhares de sacos que neste territorio florescem á flor dos parapeitos, e reza, não por ele que não pensa

na morte, mas *pelô Inglaterrô* e por seu irmão *piquinino*.

Está terminado o almoço. Has-de concordar que a mil e setecentas jardas da linha de frente, sob uma abobada de granadas vindas de lá e idas de cá, quasi á beirn d'essa "terra de ninguem" — *no man's land* — como pitorescamente chamam os nossos aliados á estreita faixa de terreno comprehendida entre o nosso *front* e o dos *boches*, não se podia almoçar em melhor disposição. Depois, meu velho, aqui a vida é difficil e cara. Em compensação, a morte é facil e barata.

A terra de ninguem

*Ao cabo Gaspar, do pelotão de observadores
do meu batalhão.*

Passou-se a segunda linha, a *B line*, e vae-se descendo pela trincheira de comunicação. Por fim, um entrincheiramento perpendicular. E' a primeira linha, aquela para onde nos conduzem as varias sétas das tabolêtas : *To the front line*. Ha no nosso coração um sobresalto. Vamos ver o *boche*. E, subindo á banquêta, aconchegando para a testa o capacête de ferro, espreita-se por cima do parapeito. Logo defronte do nariz a silva do nosso arame farpado e, mais adeante, uma linha de terra mais erguida : é a trincheira de Fritz. Lá está ele finalmente. Entre a nossa linha e a sua um terreno vago, cavado de cratêras, nesta altura do ano cheio de hervas e onde teimam em medrar alguns arbustos. E' a terra que nem é nossa, nem do inimigo, o *no man's land* dos ingleses, a terra de ninguem. Os *poilus* de França encontraram para a designar um têrmo de um alto pitoresco. Chama-lhe *le billard*.

Nos intervallos das offensivas, nos mêses interminaveis da guerra puramente de trincheiras, é na terra de ninguem que se trava toda a luta de infantaria. De dia é

serêna. Mirada dos postos de observação é uma tran-
quila faixa de terreno, onde a vegetação ondeia ao vento.
De longe em longe, a certas horas da tarde, levanta se
néla, após um estampido longinquo e um silvo rapido,
um *jeyser* de terra. E' uma granada de regulção de
tiro, que procura os arames ou referencia ás primeiras
linhas.

Mas a noite cae e então a terra de ninguem é cheia
de mistérios, povoada de perigos que se não vêm. Cada
sombra que néla gira é uma patrulha, cada rumor vago
que néla se ouve é um inimigo rastejando, e a morte
que espreita, a cilada que se prepára. Cautelosos, apro-
veitando a escuridão da noite, saem os grupos, que vão
trabalhar no reforçamento do nosso arame; antes sahi-
ram as patrulhas de proteção que cobrem o trabalho
com a sua vigilancia e, rasando as hervas, batendo o
arame, cortando a aresta do parapeito começam a pas-
sar as rajadas das metralhadôras *boches*. Ao primeiro
tiro todos se deitam, se acachapam. Os felisardos, que
poderam instalar-se num funil de granada, sentem pas-
sar o sibilar importuno com relativa tranquilidade. Os
outros colam-se á lama do chão e cobrem a cabeça com
as mãos. A metralhadôra cala-se e, lentamente, evitando
o menor ruido que fixe a atenção do visinho defronte,
todos se erguem e o trabalho recomeça para cessar d'ali
a pouco interrompido por outra metralhadôra que estala
mais acima e cujo léque mortifero se abre e se aproxima.

De repente, entre as sombras que trabalham e as som-
bras que espreitam, outras sombras se insinúam, desli-
sam, rastejam. E' uma patrulha de reconhecimento. Vae
ao *boche* ver o que ele faz, verifica se ha um ponto
fraco no seu arame por onde se possa tentar uma in-

curso. Os homens seguem em linha ou em bicha, parando de vez em quando para manterem a ligação por meio de signaes quasi imperceptiveis. Tem um itinerário marcado e pontos de referencia para a sua marcha ; um drêno, uma velha trincheira desmantelada, uns restos de arvores derrubadas. A' medida que se afastam da nossa linha para se aproximarem do *boche*, as sensações augmentam. Fritz tambem deve andar por fóra. Ha um certo tempo que as suas metralhadôras da primeira linha estão menos activas e lança menos foguetões. E' de presumir que tenha deitado patrulhas e, como a terra de ninguem, por mais revolvída que esteja, por mais floresta virgem que pretenda ser, tem os seus carreiros, os seus caminhos, passagens obrigadas em certas depressões maiores, é preciso evitar que a ronda se encontre desprevenidamente com a injustiça. Seria excelente poder colher um *boche* menos cauteloso, envolver a patrulha toda seria magnifico ; mas é pessimo para a saude o rebentar inesperado de uma granada de mão teutonica e eles são mestres em ardis e embustes e ninguem os eguala na paciencia de esperar horas seguidas um enseo feliz. Uma sombra, que se move de repente a alguns metros, faz suspender as respirações, amarfanha os nervos. As mãos procuram as «Mills» nos cintos de linhagem, apertam-se os fustes das espingardas, alguns abrem as navalhas. A sombra ficou imovel. Terá ouvido alguma cousa tambem ? Decorrem segundos que parecem seculos. De subito um *very-light* sobe no ar e ilumina todo o campo durante alguns instantes. A sombra era uma moita de verdura que o vento fazia mover e, quando o fogacho iluminante se apaga, respira-se fundo e continua-se a rastejar.

* * *

A terra de ninguem tem os seus heroes, as suas tragedias, as suas anedoctas. Conheci incidentemente um official néo-zelandez, creatura dos seus trinta anos, cárcera como um pêcego que o seja, com as duas mais belas cruces ao peito: a da Victoria e a Militar, uns olhos verdes tranquilos e um arcabouço de athleta. Todas as noites, depois de jantar e do *whisky* tradicional, ele calçava as suas botas de borracha, vestia uma combinação impermeavel, punha á cinta um punhal e tomava de uma móca cravejada de grossos prégos. E, sósinho, descia á primeira linha, assobiando um *rag.time*, prevenia os postos de que sahia e ia passear para o *no man's land*. Conhecia o sector como os seus dêdos e, como um caçador se põe á cóca das lebres numa encruzilhada onde elas saltam, instalava-se por lá em sitios que ele sabia melhores, á espera do *boche*. Umas vezes voltava com um prisioneiro aturdido pela sua mócada certa, outras dava ao *private*, seu impedido, o facalhão a limpar. E cultivava aquele *sport* com a mais britanica das fleugmas, com uma grande independencia de pessoa que só gosta de fazer o que lhe apecece.

Quantas patrulhas partiram para a terra de ninguem que no regresso e ao fazer-se a chamada, constatarem que lá ficára perdido um da malta! Quantos desses transviados não voltaram mais ou porque fossem prêsas do *boche* ou porque, perdidos, desorientados, não sabendo já reconhecer a direcção do regresso e tendo-se afastado dos camaradas, foram por seus passos meter-se nas mãos do inimigo!

Em certas noites a terra de ninguem animava-se de

súbito. Sentiam-se estalar granadas de mão. Duas patrulhas se tinham encontrado e adivinhava-se na escuridão a corpo a corpo, a lucta feroz e sem quartel. As duas linhas iluminavam-se de fogachos, sahiam reforços, angustiosamente se esperava a chegada de um dos combatentes para contar da refréga. Outras vezes o *boche* chegava aos nossos arames, buscava uma entrada para surpreender uma sentinela e era o alarme correndo a linha toda, as *Lewis* fazendo um fogo infernal, as granadas de espingarda silvando e estoirando.

Quantas tragédias degeneravam tambem em comédia! A terra de ninguem era o salão de exame. Era ali que se conferiam patentes e tiravam atestados. A quem vos disser que esteve nas trincheiras perguntem se foi á terra de ninguem. Uma patrulha que voltava de fóra dizia certa noite ás sentinelas do parapeito: — "Vocês, como estavam aqui muito descansados na primeira linha. . . ." Quantos, ao sahir o arame, no cumprimento de uma ordem, suposeram não voltar mais e se despediram da vida e deste triste mundo.

. . . De certa vez, num grupo que lá andava, notou-se que faltava um soldado. Perdera-se sem duvida e tratou-se de o procurar. Rastejaram uns para a direita, outros para a esquerda, fizeram os convencionados signaes. Tudo baldado. O homem desaparecêra. Era preciso voltar e tornarem para traz. De subito, da linha lançam um foguetão iluminante e todos se lançam, barriga no chão, imoveis á beira duma cratera bastante funda. A' luz branca do *very light* que hão de descobrir os da patrulha no fundo do buraco? O desaparecido, transido de pavor, que, ao ver surgir á beira do seu esconderijo aquelas cabeças e tomando-as por *boches*, para evitar

desgraça de maior, já ia erguendo os braços e balbuciava numa voz molhada e no *patois* da guerra :

— "*Camarade portugais bonne!*"

... A explosão de uma mina cavára na "terra de ninguém" do meu sector uma cratera formidável de vinte metros de diametro. Os *boches* tinham na ligado á sua primeira linha por uma sapa e nós fizemos o mesmo. Em cada sapa se mantinham postos e, assim, de quando em quando, surgiam de cada lado cabeças curiosas espreitando reciprocamente. No começo do inverno de 1917 foram distribuidos aos nossos soldados pelicos e ceifões alemtejanos e certos janotas de trincheira consideravam o suprasumo de elegancia usarem os seus agasalhos com o pêlo de carneiro para fóra, o que lhes dava um aspecto curiosissimo. A primeira vez que os *boches* viram circular na sapa aqueles peludos adversarios, o pasmo foi tal que todo o dia houve na beira oposta da cratera uma fileira de espectadores, até que um Fritz folgasão se lembrou de soltar um "Mê!" prolongado, que outros repetiram entre gargalhadas.

Vexado, um dos nossos foi contar o caso ao seu cabo, que, sem a menor hesitação, avançou pela sapa e, como os heroes da Iliada insultando-se sob os muros de Troia, bradou de mão na cinta ao *boche* que continuava a falcécia :

— "Carneiro será o teu pae, meu grande filho da..."

E, enquanto de lá insistiam no "Mê!" ironico, attribuia á mãe de Fritz a mais deploravel das conductas.

Nossa Senhora das trinchas

Era uma linda cidadezinha com o seu *chateau*, a sua *brasserie*, uma igreja e um belo Cristo num calvário no cruzamento de duas estradas.

Veiu a guerra. Sobre esse terreno travou-se uma das maiores batalhas, caíram aos milhares os soldados, misturados de roldão os índios e os escocezes, os francezes, os argelinos e os *boches* das melhores legiões das guardas as mais imperiaes. O terreno disputou-se palmo a palmo e um dia as duas linhas estabeleceram-se a cento e cincoenta metros uma da outra, cavaram-se as trincheiras, consolidaram-se as posições. Então procurou-se a linda cidadezinha que ali havia. Tinha desaparecido. Não restavam senão montões de escombros e de tijolos, e de pé, incolume, com uma granada não rebentada incrustada no pé da cruz, o Cristo do cruzeiro.

Passou um inverno, veio a primavera, romperam hervas bravas e flores silvestres por todos os cantos e os homens-toupeiras condenados a guardar aquela meia legua quadrada, sólo sagrado porque nenhum como aquele

se embebeu em sangue humano, porque cada sete palmos de terra cobrem uma cova e os ossos aparecem hoje a cada golpe de picarêta, foram por vezes de rastos explorar as ruínas para lá estabelecerem observatórios ou postos de metralhadoras. Do que fôra a igreja trouxeram Nossa Senhora, intacta como o Cristo e, quando ali entrámos, nós os portugueses, fomos encontrá-la de pé sobre uma campa humilde marcada por uma cruz e por este distico encantador :

TO AN UNKNOWN SOLDIER

“A um soldado desconhecido”.

E ali está, a algumas centenas de metros do seu filho crucificado, aquela imagem sobre cujos dourados pesaram três invernos de neve, três verões de sol, tremendo a toda a violencia dos bombardeamentos.

Ela tem visto passar nas noites sem estrelas os soldados que partem, baioneta armada, punhal á cintura, os bolsos cheios de granadas, para as patrulhas das quaes ás vezes não se volta. Viu passar na hora dos contrataques as reservas que seguem, olhos fixos e maxilas cerradas, correndo para a primeira linha, os feridos e os mortos que sobem para o posto de socorros sobre as lonas das macas ou nos braços dos camaradas. Viu, sob os bombardeamentos, aluirem-se os abrigos, voarem as passadeiras e taipaes, obstruirem-se as trincheiras, cortar-se os fios telefonicos e os soldados colarem-se ao chão dentro das crateras ou dentro das valas, mudarem, correndo e rastejando, de esconderijos, os officiaes rabiscarem ordens á pressa no seu caderno de guerra, as estafêtas partirem sob a tormenta e a calma voltar d'al-

a tempo, contarem-se as perdas, repararem-se os estragos e a vida recomeçar á margem da morte, que ceifará talvez amanhã os que poupou agora. Viu passar os prisioneiros, braços erguidos, mais verdes no face que na vestimenta, convulsos do corpo-a-corpo e duvidosos ainda de estarem para sempre libertos do grande pesadêlo.

E a imagem ali fica. A seus pés, em latas de comestíveis vasias, em frascos de *Pickles* abandonados, mãos rudes de soldados põem cada dia essas flores de trincheira, cujas raizes crescem na terra adubada pelo corpo decomposto dos heroes que não houve tempo de enterrar com uma cruz e um distico,

Por um singular acaso poupam-na as granadas. Só o tempo, a chuva, a neve e o sol vão roendo os seus dourados, sumindo as suas côres e apodrecendo a madeira em que foi esculpida por quem não lhe cismou um destino semelhante. O seu sorriso de bondade, aquele sorriso que alumia a capela onde outrora estava repousada e acolhia as suplicas dos corações seus devotos, vaé desaparecendo da sua face carcomida onde ha salpicos de lama.

Só fica o gesto protector dos seus braços abertos estendendo-se sobre a campa do "unknowned soldier", e tambem sobre nós, soldados desconhecidos da grande guerra.

A lingua do “pas compris,,

Quando os ingleses desembarcaram em França, o governo de Sua Magestade Britanica, forneceu-lhes, alem dum solidissimo par de botas e dum excelente capote, um pequeno dicionário das frases mais usuaes em França. Os ingleses, para beberem *bass* e *stout*, venderam as botas, o capote e deram o dicionário como gorgêta ás meninas de *estaminets* que, invertendo as colunas e o destino do livro, aprenderam a fingir que falam inglez.

Os *tommies* crearam para se fazer compreender em territorio francez uma lingua especial composta de quinze ou dezoito palavras, pelo qual se tem á maravilha entendido com os indigenas durante os quatro anos de guerra. Os seis vocábulos fundamentaes d'essa lingua são : *pas compris, compris, no bonne, bonne, finish* e *tout de suite*.

Um flamengc pilha um escocez de saioite a roubar batatas n'um campo ? Furioso exclama em francez ou em *patois* :

— “Bandido ! Ladrão ! Vou já queixar-me ao *provost-marshal*. . .

Com a mais serena das fleugmas, o filho da verde Erin sorri e replica, voltando as costas :

— "*Provost marstal ? Pas compris.*

Em compensação, se num acantonamento uma velha *madame* leva um Anzac até um fofissimo mólho de palha ao fundo d'um estábulo, êle com o seu melhor sorriso ao léo, exclama :

— "*Coucher ! Bonne ! Tout de suite . . .*

Ir para o descanso é *trés bonne*. Ter de sahir do *estaminet* ás seis da tarde é *no bonne*. Ter morrido, ter bebido a ultima pinga do copo de cerveja, ter acabado uma tarefa, estar sem um *penny* no bolso, tudo isso é *finish*. A que vinham, pois, os dicionários do governo de Sua Graciosa Magestade ?

Escusado será dizer que aos portuguezes desembarcados na Flandres não se distribuiram dicionários. De resto, a maior parte não sabia ler. O mesmo seria entregar uma viola francesa a um hipopotamo.

— "Isto é rapasiada que noutro tempo foi á Guiné, ás Angolas, á India e sempre se soube entender, disseram comsigo os desorganizadores da nossa participação.

Os "lanzudos" ao pisar o solo da Galia tiveram pois que tratar de se governar como podessem.

Nos primeiros dias um muito desconsolado escrevia á familia : "*Nesta terra em que só os cães falam como a gente . . .*"; mas pouco a pouco lá foram indo. A gente da terra conversava naquela linguagem com os verbos no infinitivo, que usam os palhaços franceses nos circos e os professores do método Berlitz nas primeiras lições : — "*Vous asseoir ! Vous sortir ! . . . O patois* da Flandres, onde ha seculos correram aventuras hespanhoes e até portuguezes conserva vestigios dessas passagens. Uma vacca é uma "*vacque*", uma cadeira, uma "*caiere*", e quantos outros termos semelhantes. Com isso e com as desoito

nossas palavras da lingua do "*pas compris*", começou Folgadinho a acamaradar com as meninas da região e até com os ingleses. Não era de extranhar o ver *tartas* nossos de braço com *tommies*, passeando e conversando. O quê? Não lhes sei dizer; mas conversavam horas seguidas, fazião negocios em que os ingleses eram sempre explorados e contavam historias que nunca consegui perceber. Com o andar do tempo fizeram-se grandes progressos entre os nossos. Hoje falam francez pelos cotovêlos e até escrevem, benza-os Deus.

* * *

... Um rancheiro entra numa locanda d'uma cidade-sinha da nuca, logo á rectaguarda do *front*. Uma velha *madame* ao balcão.

ÊLE -- *Bonjour*, madama. *Campris* panela *oficier manger*?

ELA -- *Non compris* panela.

O nosso amigo relanceia o olhar pela loja onde se amontoam todas as cousas que se podem vender, desde o sabão para a barba até aos saca-rolhas e, não vendo uma panela, descreve no ar com um gesto a forma do recipiente que lhe mandaram comprar. A velhota acaba por exclamar: — "Ah! *Compris*," e vae buscar uma bacia de mãos.

— "Panela! *Manger*!" insiste o outro berrando já.

Ela, então, sorrindo e tendo compreendido afinal, vae a uma prateleira e traz uma lata de conserva de pêcego. O rancheiro, não podendo triunfar pela sugestão e pela

pantomima daquela estupidez irreductivel, tendo já imitado o som duma panela fervendo e feito os gestos de abanar o lume, de provar caldo com uma colher, etc., tem uma ideia luminosa : péga n'um lapis e pinta uma panela n'um rolo de papel higiénico para W. C. que está em exposição na montra ao lado duns suspensórios côr de rosa :

— “Ah ! descobre emfim a madama. *Une marmite !*

— “*Yess ! Compris marmite ! Bonne !* conclue o rancheiro radiante.

... Um soldado vae doutra vez comprar refrescos para uma *mess* de officiaes. Volta com uma garrafa de *grenadine*, que é acolhida com imprecações, pois cada copinho virá a custar os olhos da cára, tal é o preço que por ela pediram ao fachina.

— “Nãc faz mal, explica este todo senhor de si. A mulher aceita-a outra vez.

— « Tens a certêsa ?

— “Ora essa ! Eu cá disse-lhe logo : — *„Se mon officier disê grenadine pas bonne, moi venir á vous e vous donner monny á moi tout de suite„*.

— “E ela o que disse ? perguntaram uns ainda hesitantes.

— “Disse : — *„Compris„*.

Trata se evidentemente de um moço com excepcional pendôr para os idiomas estrangeiros ; mas havia muitos assim.

No francez que os nossos soldados falam, nota-se o vicio curioso de se inverterem os géneros. Não se diz senão um *bière*, um *maison*, uma *village*. Um dos meus rapases mandava dizer á menina Rosa que o espéra em Vila Nova de qualquer cousa : — “Está aqui um *mada-moisele* a querer saber a quem estou escrevendo. Já me perguntou se eu escrevia ao *mon fiancé* ; mas eu disse-lhe que era a *ma frère*.”

Aportuguesáram-se palavras: aquele *chien* que faz mover a roda da manteigueira passou a ser um *chião*, a cama, o *couchi*, etc.

Depois de terem aprendido o inglez, as meninas da região deitaram-se ao portuguez. Não estavam em França ha oito dias e já era vulgar ouvir n'uma loja Folgadinho espremer-se todo para perguntar : — “*Combião, madamoisele ?*” e a locandeira, muito amavel, responder-lhe com um sorriso cheio de convicção :

— “*Un toston et deux vintènes*.”

Hoje ha por lá quem fale muito bem a nossa lingua, tendo começado por aprender a dizer “*un bejû*” e acabado, como sempre se acaba em taes casos, por entender perfeitamente aquilo mesmo que se não chegava a explicar. E' — como disia um poeta meu camarada — a desforra de Sórora Mariana.

Um enterro

*A' memória de José de Oliveira, 129 da 1.^a,
José Maria Bêcho, 110 da 1.^a e Serafim
de Abreu, 506 da 1.^a, primeiros mortos
do meu batalhão.*

Foi pouco depois de destroçar o "a postos," da manhã. O batalhão tinha entrado na véspera nas trincheiras e pela primeira vez com responsabilidade. A noite fôra uma noite calma do alvorecer de Junho, picada de estrêlas e lavada de luar. Os homens tinham estado ao parapeito, olhos fixos na "terra de ninguem," mal virando a cabeça para responder ás interrogações dos officiaes que rondavam contornando as *bays* e abafando os passos na trincheira de vigilancia. O dia fôra rompendo, toda a guarnição da 1.^a linha acudira aos seus logares na formatura habitual. Dada a ordem de recolher aos abrigos, ficando apenas os vigias de periscópio, aqueles três tinham-se introduzido numa das tócas: meia duzia de sácos de terra sob umas folhas de zinco amparadas por estacas cravadas na lama. Iam ter algumas horas de sono. Mal se tinham acóchado todos três, surge um importûno. Era um cabo.

— "Sae-te dahi, *ó coiso*. Esse abrigo é meu,

— "Quanto custou ?

— "Eu tenho que ficar aqui. . .

— "Não me parece.

O cabo ainda insistiu. Os outros tinham estendido os lençoes impermeaveis, ageitavam os equipamentos para lhes servir de cabeceira e nem uma ordem do general em chefe os arredaria dali. O cabo ameaçou. Ia chamar o oficial de quarto. Um dos tres já resonava. Os dois restantes iam a caminho, tendo acabado de assentar os capotes sobre as pernas e enfiado os pés em sacos de linhagem vasio.

Furioso, o cabo abalou em busca de quem lhe atendesse a reclamação. Então, na trincheira *boche* soou uma detonação surda, ouviu-se um silvo especial — *ai vou, ai vou, ai vou*. . . — adivinhou-se no ar a chegada de uma cousa tremenda, e desageitada, houve um estampido formidavel, voaram pelo ar sacos de terra, pedaços de zinco, fragmentos de traves. . . O cabo, que mal tivéra tempo de dar dois ou tres travéses, foi sacudido, atirado ao chão.

Um morteiro acabava de cair em cheio sobre os tres dorminhôcos. Do abrigo restava uma cova no chão. Dos homens nada restava que se distinguisse á primeira vista. E' assim por acaso que se morre na guerra de trincheira e é tambem assim, por acaso, que se escapa. A morte nesse dia não nos quer.

* * *

Dali a pouco, no comando de batalhão, um telegrama vindo da linha : — "*Morteiro médio em M, 53*

d. 80.65. *Tres mortos.*» São os primeiros que a guerra nos leva e o coração aperta-se-nos. Na primeira linha vae uma azafama. As pás e picarêtas trabalham no desentulho, com cuidado não vá um ferro ferir de súbito a carne esmagada dos que jazem sobre aquele monte de destroços. E são as lugubres descobertas : uma bota que ainda tem o pé dentro, uma mochila feita farrapos, uma espingarda com o cano torcido, pedaços de corpos enegrecidos e amalgamados com lama. Ao cabo de uma hora ha, sobre tres mantas estendidas, tres vultos confusos. Não temos bem a certeza que esta perna seja do dono daquêle tronco a que já falta um braço... A terra, que os amortalhará a todos, tudo egualará no mesmo pó de que foram feitos e a que tornam. Pela trincheira de comunicação acima, em direção ao *decauville* que os levará ao posto de socorros, é a procissão dos maqueiros conduzindo os três fardos, devagar não vão esbarrar nas dobras da trincheira e magoar-se uma vez mais. Os que, ás portas dos abrigos, os vêm passar olham-nos com aqueles olhos escuros onde pêsam mil e uma sombras. São os primeiros mortos e citam-lhes os nomes, conta-se o que disseram na véspera, uma hora antes ainda. O tempo nos ha-de afa-se á desapareição subita dos companheiros e amigos e um dia ha-de chegar em que encarêmos sem comoção fardos idênticos aos que deslisam, devagar, trincheira acima.

* * *

A' tarde, em três macas rodadas, vamos levá-los ao cemitério, a um daqueles cemitérios de guerra postos

á beira das estradas para que o nosso espirito se não esqueça que é mais facil nestas paragens ganhar a cruz de pau do que a cruz de guerra.

Sáimos da trincheira e desembocamos na estrada crivada de granadas, onde a par de uma *ferme* em ruínas se eleva a capelinha intacta de uma encrusilhada. Não ha cantos destas estradas da Flandres onde se não eleve um calvário ou um modesto altar, á Senhora do Bom Socorro, á Senhora da Piedade...

Os condutôres das macas seguem em silêncio. Um pouco adiante uma bateria nossa, escondida atraz duma ruina, faz um fogo espaçado de regulação. A tarde é linda e o cabo nomeado para acompanhar os corpos, o mesmo da teima de manhã, conta a sua aventura e remata com o fatalismo, que tem de ser a nossa filosofia por estas bandas :

— “Não calhou !

Eu quiz acompanhar esses meus pobres companheiros que tão pouco levam que contar e com o meu oficial de sinaleiros ambos ouvimos silenciosamente a historia do cabo.

Passamos a uma sentinela ingleza do trafico, que se perfila ; crusamos alguns *camions* do alto dos quaes os *tommies* nos miram sem comoção. Um dêles encolhendo os ombros, murmura : “*Finish !*”

Chegámos emfim ao *war's cémeteri*, ao cemitério de guerra. Defronte ha um *estaminet*,¹ cuja *mademoiselle* veiu á porta de sùcia com alguns inglêses. Soldados portuguezes dum batalhão de apoio põem-se a caminhar atraz de nós, atravez as ruasinhas alinhadas,

¹ Em Pont de Hem, sobre a estrada Estaires La Passée.

floridas de cada lado de cruces brancas todas iguaes.

E, enquanto não chega o capelão, vamos lendo os letreiros. São soldados, bastantes officiaes. Ha algumas corôas, ofertas de camaradas e sempre a rematar os dísticos das cruces a menção: "*Killed in action*". Todos os que ali estão foram-se de morte súbita, duma bala desgarrada, dum estilhaço vadio, sem verem o inimigo, sem saberem ás mãos de quem morriam.

Pára um cavaleiro á porta do cemitério. Apeia-se um official, o capelão de brigada, e das bolsas do arreo saca um embrulho. E' uma sobrepeliz de grosso pano branco, uma estóla negra toda amarfanhada e o seu livro de orações.

As covas estão abertas, bocas hiantes da terra mãe esperando os filhos que regressam. E, enquanto os soldados portuguezes ajoelham e se persignam e nós nos descobrimos, o padre começa a sua encomendação. Mal se lhe entende o lätim e, de quando em quando, interrompe-se para crusar as mãos e resar a Avê Maria a que responde o côro dos soldados prosternados.

No meu espirito revivem os belos versos de Déroulé :

*Un linceul à moi ? Pourquoi faire ?
C'est bon pour qui meurt dans ses draps.
Le lit du soldat c'est la terre,
La terre rouge des combats . . .*

O vento sacode a sobrepeliz do capelão deixando ver as suas polainas e as suas esporas e o murmúrio avoluma-se :

— "Rogae por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte . . ."

* * *

Desceram sucessivamente á terra de França os corpos desses soldados de Portugal. Cada um de nós vae lançar sobre os restos informes uma mão cheia de terra. O capelão está retomando o seu aspecto militar e arrecadando o seu livro ; os ingleses, coveiros daquele estranho cemitério, começam enchendo as covas a grandes pásadas. As macas já lá vão de regresso e, acendendo um cigarro, sem podermos dominar uma certa melancolia, o meu companheiro e eu regressamos ás trincheiras, emquanto á nossa direita a bateria continua o seu fogo espaçado de regulação.

Manhã de "raid,,

A noite fôra tranquila, daquelas que, pelas três da madrugada justificam largamente o telegrama : *Situação calma, vento nordeste*. Os *very-lights* do costume, o costumado repicar das metralhadoras pesadas cortando por dever do ofício o silêncio e, lá em baixo, para a direita, muito longe, o quasi vago rumor da artilharia continuando a obra de uma ofensiva encetada ha largos dias, suspensa um tempo e agora recomeçada, contra uma cidade, cujos arrabaldes são construidos em volta de poços de minas. ¹

Fumado o ultimo cigarro, eu tinha adormecido. Falavam dois dias para a rendição. O periodo tinha sido calmo, apenas alguns feridos por estilhaços vagabundos. Nenhum mau indicio. O sôno, um sôno burguês, daqueles de ter em casa, tinha chegado depressa. De subito acordam-me as baterias da rectaguarda. As detonações aceleram-se, precipitam-se. E' a velocidade do S. O. S. da barragem protectora. Salto da minha cama de campanha, dois metros de rêde de arame sobre quatro traves e saio do abrigo. A manhã vem já nascida,

olho o relógio. São cinco e meia. Pelo silvar das granadas que passam, que estalam perto, compreendo que as nossas baterias estão sendo violentamente contrabattidas. Por cima do meu abrigo sibilam projecteis de metralhadora pesada. Trépo ao revestimento da trincheira e, lá em baixo, na linha, ao longo de toda a nossa frente, vejo mais de uma duzia de foguetes vermelhos pedindo soccorro.

Rastejando quasi, acochado pelas metralhadoras de lá que varrem a trincheira conduzindo á caverna-secretaria, chega o meu ajudante, o alferes C. . .

— “Que ha ?

— “A esquerda pediu S. O. S.,¹ meu capitão. . .

Mostro-lhe n'um gesto o cordão de foguetes rubros. O estrondear da nossa artilharia é cada vez mais precipitado. O *boche* por seu lado está bombardeando com uma violencia desusada. Faz fogo sobre as baterias, sobre a estrada do posto de socorros e lá para a linha não se distinguem os morteiros das granadas. Sente-se que um turbilhão de ferro está sendo desencadeado sobre todo o sector d'alto a baixo. Nunca sentimos isto, nunca tinhamos estado debaixo de uma tão grande ameaça. Que se está passando ? Que se irá passar ?

Sob as balas das metralhadoras, que continuam zunindo, corrêmos ambos ao posto de sinaes. Todos os

¹ Quando se julga necessario estabelecer na «terra de ninguém» uma barragem de artilharia para obstar a um avanço da infantaria inimiga, esse soccorro é pedido ás baterias pelas iniciaes das primeiras palavras de um cantico religioso inglez maite conhecido: «*Save ours soul. . .*» (*Salvae as nossas almas*). Este sinal é tambem transmitido por meio de telegrafia sem fios pelos navios em perigo em pleno mar.

telefones, todos os telégrafos trabalham a um tempo. Baixo-me para entrar, sento-me sobre a gaiola dos pompos correios e indago. O oficial de ligação de artilharia informa-me. A esquerda primeiro e sucessivamente o centro e a direita repetiram telegraficamente o pedido de S. O. S.

Num aparelho a Brigada pede que a informem. Solicitam outra ligação. E' o batalhão da esquerda que anuncia estar sendo atacado por infantaria. As companhias da linha comunicam que o bombardeio é violento. Ha granadas de gaz. Por sua vez a artilharia da rectaguarda anuncia perigo de gaz. Alguem me chama de fóra. De que se trata? No ar, voando baixo e fazendo signaes luminosos, dois aeroplanos *boches* correm sobre as nossas linhas. Sem duvida alguma estão regulando as barragens do inimigo.

Tenho nitida a impressão de que alguma cousa mais do que uma simples incursão de fortes patrulhas se está passando. Mas onde? Que ponto da minha linha será visado? Toda ela? E aquela anciedade dolorosa de quem comanda um sub-sector e nas horas mais graves tem de estar ali, amarrado a uma mēsa de telefones, dentro de um abrigo de metro e meio de altura, buscando adivinhar na vibração monótona dos aparelhos a tragedia que se passa nas linhas de fogo, aperta-me a goéla com uma mão de ferro.

Mando uma ordenança ao posto de socorros saber novidades, se já chegaram feridos. A esquerda anuncia que o *boche* está na primeira linha do sub-sector esquerdo. A direita comunica que na primeira linha inimiga se vēm relusir baionētas e que grupos alemães vão saindo o arame. Rapidamente peço ás baterias

que me apoiam a direita que suspendam a barragem na "terra de ninguém," e a alonguem para a linha de frente contrária fazendo uso da granada com bala.

Volta a estafêta do posto de socorros. Há varios feridos, alguns do batalhão visinho, que contam detalhes alarmantes. Logo após um bombardeio violento, saíram das cratéras de zona neutra excessivas vagas de assalto. A extrema direita do sub-sector pegado foi colhida de surpresa e metida entre o ataque de infantaria e uma barragem tremenda. Consta que os *boches* já estão na linha de suporte visinha, a que prolonga a minha. E' a esquerda do meu batalhão ameaçada, a possibilidade de um golpe de mão envolvente sobre os comandos de duas das minhas companhias.

Os meus nervos estão prestes a estalar. A direita comunica que o alongamento do tiro deu optimos resultados. Houve quem visse o inimigo fugir em campo aberto fóra das trincheiras. Desse lado o perigo está conjurado. Então, não podendo mais conter-me naquele buraco onde se abafa, onde o vibrar enervante dos aparelhos continua e num canto, pacificamente, os pombos correios arrulham, eu grito ao G. . . o meu alferes dos sinais: "Venha daí! Vamos lá abaixo!", e abalo correndo para ir á primeira linha ver o que se passa.

O bombardeamento continua. Há bastante nevoeiro e muitas granadas de fumo. Desembocamos da trincheira que leva ao posto de socorros e entro nêle de relance. Está cheio de feridos; os meus médicos, os enfermeiros, acodem aos mais necessitados. Há sangue no chão, tesouras ageis cortando carnes esfaceladas. As noticias não são boas. Os maqueiros, os que esperam tratamento, os que gemem pelos cantos, contam a brus-

ca invasão a uma hora que o habito fazia supôr tranquila, quasi ao retirar do "a postos" de madrugada.

Não me demoro. Acabam de me dizer que o alferes M... D... foi gravemente ferido, talvês morto, na primeira linha. Metêmos, o G... e eu, pela estrada á margem da qual a companhia de suporte está abrigada. O bombardeio não cessa. As noticias ácerca do gaz são contraditórias. Ninguem n'estas regiões ainda poz a mascara: mas todos farêjam inquiétos.

Para ir á primeira linha tenho dois caminhos: a coberto pela interminavel trincheira de comunicação, a descoberto pela estradinha que leva do reduto de apoio ao abrigo das metralhadoras pesadas da esquerda. Este caminho leva-me directamente ao ponto onde eu supôno que o mais forte da peleja está travada.

Metemos correndo por ele, primeiro por baixo das grandes arvores que foram outróra as de um parque, depois a ceu aberto. O nevoeiro, augmentado pelo fumo das granadas especiaes, não nos deixa ver a trinta metros deante de nós. Ouvem-se rebentamentos perto. Sobre a estrada ha funis de projecteis recentemente caídos. De quando em quando, açoitam-nos a cara pedaços de terra que andam no ar, vindos lá de casa de mil diabos.

Chegamos finalmente á trincheira de segunda linha. Saltamos por cima de sacos de terra e de uma *camouflage* derrubada. A linha de suporte está perto e sentem-se para a esquerda explodir granadas de mão. Mais um galope desenfreado, mais algumas balas de metralhadôra que passam silvando e cortam ramos de arvore e ricochêtam sobre velhos muros de tijôlo derruídos e eis-me emfim dum salto na linha de suporte. O

alferes G. . . ficou para traz. Num momento perdêmos um do outro dentro do fumo e do nevoeiro. Corro para a direita; a minha ancia é de chegar aos comandos de companhia, saber o que ha, o que se passa. Levo a pistola na mão, o dêdo no gatilho. Encontro-me com um grupo de soldados indecisos, do meu batalhão e do batalhão visinho ali refugiados. Confirmam-me que o *boche* andou ou anda ali perto. Mando organizar rapidamente um grupo de resistencia. E' preciso barrar aquella passagem e saqueiam-se os paioes das granadas de mão.

Continúo o meu caminho sobre as passadeiras que a cada instante, a cada volta de través, mudam de direcção. O bombardeamento vae amainando um pouco; mas ainda se ouvem os rebentamentos brutaes dos morteiros médios e pesados e a certa altura a trincheira está obstruida. Salto fóra, volto a tomá-la e, de súbito numa volta surge deante de mim, numa visão que não esquecerei nunca mais, um *boche*, o primeiro que vejo de pé e em tamanho natural. O capacête de combate enterrado na cabeça, um bigode loiro, uns olhos asues, varias correias cortando em cruses várias o pano esverdeado do uniforme... No inesperado daquele encontro levanto para ele a pistola. Pouco faltou — a terça parte de um segundo — para que ao pobre diabo lhe estourassem os miolos, quando vários soldados portugêses surgindo e o gesto de seus braços apavorados me fiséram compreender tudo. Era um prisioneiro que vinha na primeira linha, um maqueiro pacatissimo, desarmado, muito duvidoso, ainda do seu destino nestas horas e naquelas paragens. Mirava-me surprêso e, vendo-me em mangas de camisa, de suspensórios verde-

claro sobre a camisa *kaki*, no seu intellecto de teutão calculo que devia perguntar a si proprio quem eu era.

Fiz retroceder caminho ao grupo. Perto ficava o resto da trincheira de comunicação que me faltava per correr para chegar aos comandos de companhia, junto a Nossa Senhora das Trinchas. Chego emfim. Pergunto pelos dois tenentes comandantes. Um dêles, A... C... aparece-me, os olhos esbraseados, assegura-me que o *boche* não poz pé na linha do nosso batalhão e mostra-me este bilhete soberbo do seu alferes de serviço, o alferes R... "*O inimigo bombardeia violentamente. Esperamos ataque. Toda a linha está occupada.*"

Do outro tenente indago noticias acerca do M... D... que me disseram lá em cima estar ferido. Não se sabe ao certo. Algumas metralhadoras ligeiras estabeleceram-se num colchete defensivo na extrema esquerda do nosso sub-sector, fizeram um fogo infernal e devem ter prestado bom serviço. Surgem novas informações. Uma guarnição de *lewis* saltou fóra do parapeito para o *no man's land* e apanhou de enfiada as vagas de assalto que saiam das cratêras visinhas. Em torno de nós agrupam-se soldados, tendo alguns nos olhos um clarão estranho. São os que vem acolá da linha, os que *viram*. Perto o prisioneiro *boche* espéra e alguns dos meus *lanzudos* já querem falar com ele na lingua do *pas compris*. O bombardeamento reduziu-se a um duêto intermitente das duas artilharias. Peço que me façam os relatórios o mais rapidamente possivel e volto por ali acima, pelo mesmo caminho, trazendo a reboque o maqueiro do kaiser Guilherme, o cabo e o soldado que o tinham apanhado transido de pavôr na primeira linha. Cá no alto, junto ao cemitério dos indios, naquele canto

recatado e á vista das tres sepulturas perpétuamente abertas, não juro que êle não supuzesse que o iamós fusilar ali. Levo-o até ás linhas de suporte, onde o deixo ficar no abrigo *mess* dos officiaes, enquanto corro novamente ao posto de socorros a fazer o balanço aproximado dos feridos.

A noticia que me tinham dado era afinal verdadeira. Sobre uma maca com seis ferimentos está o pobre alferes M... D... Acaba de chegar e o que me contam enche-me de alegria. M... D... cahiu na primeira linha, agarrado ao parapeito, no seu lugar. Então um diabo dum soldado, vendo o seu alferes ferido, pegou nêlo ao cólo, pô-lo sobre os hombros e abalou por ali fóra. Subiu a primeira trincheira ; a certo ponto estava obstruida. Voltou para traz, seguiu a primeira linha até encontrar segunda trincheira. Essa tambem fôra estourada pelos morteiros e o rapaz retrocedeu com o seu fardo gotejante de sangue e novamente foi pela linha de frente, desmantelada pelo bombardeio e sem paracostas, atravez dos estilhaços, metendo-se á agua em certos pontos, até que pela trincheira da extrema direita poudé trazer o M... D... á segunda linha, onde o entregou a uns maqueiros. Chamo o rapaz que está ali fóra conversando. E' um diabo sem cara de ninguém, não se dava um pataco por êle e acaba de fazer aquela coisa linda. E' preciso pôr sobre o cotim nojento daquela farda suja de sangue e de lama uma Cruz de guerra. Juro a mim próprio que lha hão de dar e deram-lha.

O pobre M... D... géme enquanto lhe fazem os primeiros curativos. Duas balas nas pernas, cinco estilhaços : num pé, numa perna, nas costas, numa mão...

O médico, S... S... hoje morto pelo rebentamento duma espoleta, afirma-me que se poderá salvar, a não sobrevirem infeções. Os outros feridos já foram evacuados. Afinal tivémos sorte e relativamente poucas baixas.

Volto ao *mess* da companhia de suporte. O prisioneiro está comendo doce e tomando café. Surpreendem-no o pão branco, o assucar e todos aquelles officiaes buscando conversar com ele através dum dicionário alemão e das quatorze palavras do idioma de Goethe que todos nós sabemos. E' casado, tem tres filhos e mostra o grupo dêles, tres garotos loiros que não tem culpa do pae ser *boche*. Um outro seu irmão está na Inglaterra prisioneiro. E' uma vocação de familia. "Ia ! Ia ! Bonne !" exclama ele aceitando outra chavena de café. Consegue explicar-nos que quinhentos homens do grupo especial de *sturm-troops*, trasidos da Alsacia tres dias antes, foram lançados sobre a linha portugueza no maior dos ataques até então efectuados. Da frente chega-me o informe que o sector portuguez está limpo e que o *boche* regressou ás suas posições. O commandante do *raid*, um capitão, ficou estiracado numa das nossas trincheiras. Morreu bem, como soldado, varado por uma bala na cabeça.

O dia já vae alto. O calendario do meu abrigo marca "Agosto, 14, aniversario de Aljubarrota", e ao passo que o ajudante me narra alguns episodios que as estafetas das companhias lhe trouxeram enquanto andei lá por baixo, desafivêlo a pistola, estendo-me sobre o catre, respiro e, acendendo um cigarro, miro os retratos que me olham sorrindo de cima da minha mesa.

Mil e uma noites de trincheira

Ha trez mêses que estamos na *trincha*. Todos os seis dias saímos a descansar numas aldeólas á rectaguarda e, nêsses dias de descanso, temos cinco horas de instrução. De noite, ou os homens voltam ás trincheiras para trabalharem na reparação do sector que herdámos perfeitamente desmantelado e é necessario reconstruir ou um alérta da Brigada põe todo o batalhão de prevenção, em grupos pela estrada, pronto a acudir se se confirmarem suspeitas de atáque sobre a nossa frente. Começamos a saber esta guerra de cór. Quando estamos na linha, todas as noites enxotamos patrulhas que nos vêm apalpar e passeamos pela "terra de ninguem". Já tivémos um combate sério; o cheiro a maçã cosida do gaz *boche* é quasi o nosso perfume habitual. As sensações dos primeiros dias e das primeiras noites vão estando embotadas. Afisémo-nos á lama pelo joêlho, aos charcos d'agoa barrenta, aos *dogs outs*, ás rações, ás visitas de general, aos morteiros de todo o tamanho, ás pontarias dos *snipers* inimigos, ao "Zacarias" *boche* que,

em cima duma arvore, tem por missão atirar aos que se permitem passear na estradinha das Ghurkkas, ao maldito *whizz-bang* que nem dá tempo a diser: "Ai Jesus!" ao estrondear formidavel dos *Minnies*. Perdêmos o hábito dos lençoes, das louças lavadas, dos guardanapos. Comêmos e bebêmos, em pratos e canécas de lata, sólidos e liquidos que em latas nos vêm traser todas as noites, ao luco fusco, os carros de reabastecimento. Aquêla espada, que alguns sonhavam brandir em arrancadas de glória, foi substituida por um cacête nodôso a que se amparam os nossos passos sobre as passadeiras viscosas e com que se enxotam os ratos. Da minha gente só umas aves raras, dotadas duma pertinácia extravagante, ainda têm mêdo. Os outros passeiam, circulam, trabalham, dormem e fumam, instalados absolutamente nesta vida e sem pensar na morte, que já todos vimos bem de frente. De vez em quando conta-se um acto de valentía: — "Imagine você que eu ia descendo a New Cut Alley, vem um morteiro, agacho-me, êle passa por cima, fujo para o drêno, êle rebenta, enffio-me numa cova, a trincheira cae, levanto me, escondo-me, os estilhaços passam e cá estou". — "Bravo, seu catita!". E o heroe, vestido e calçado de lama, gotejante de todas as imundicies, ri e todos nós rimos, com o riso nervoso que sempre temos quando uma bala nos asso-bía a trez palmos do naríz.

Este heroísmo de cócoras, que temos de praticar seis vêses ao dia, é toda a guerra de trincheira.

Cavou-se a pouco e pouco um abismo entre nós e a rectaguarda. Aquêles que dormem todas as noites na cama, simples escribas da brigada a dois passos ou funcionários de repartição das paradisiacas regiões das bases e quartéis generaes, considerâmo-los umas creaturas desprezíveis. Quando ouvimos passar muito alto, a vários mil pés d'altura, os projecteis de artilharia grossa, a que o Folgadinho chama *carradas de lenha*, todos nós, nos *dogs outs*, esfregamos as mãos de contentes. Estamos a ver em calças pardas aquêles maraus, que só podem morrer por infeliz acaso, e se julgam com uma simples granada tão expostos como os que vivem por um acaso feliz. E rimos malvadamente, nós a quem o Fritz serve cada dia algumas desênas de morteiros de todo o tamanho e bastos milhares de balas de metralhadôra. Por isso um papel que vem da brigada é acolhido com ironías, uma circular da divisão com improperios e uma ordem do Q. G. com a mais desca-belada das irreverencias. A malta das trincheiras vinga-se e coitada déla! — não tem senão o seu rancôr para se vingar. Ainda se perdôa um pouco aos que vêm, de quando em quando, de botas engraxadas e nas horas calmas da manhã, bater-nos no ômbro e perguntar-nos: — "Então como vae isto?" Fasêmos-lhes o favor de os receber, de lhes impingir alguns palões, de nos rir nas costas dêles. Mas os outros, os que não vêm nunca, os que só conhecemos pela assinatura que põem em papeis escritos á maquina, para esses não ha na nossa

alma de exilados, de sacrificados, desde m'que baste. Quanto aos camaradas de Portugal, esses não existem. São vermes desprezíveis, que não chegam a valer o rato fedorento que galopa pelos cantos a embuscar-se nos seus esconderijos. Mentalidade cruel e ás vêses injusta!

Os dias de trincheira não se contam. Ha a alumiarnos um sol pálido, um sol triste e, porque nos vemos, nos sentimos perto uns dos outros, porque conseguimos conversar e dormir a prestações, agora uma hora, dali a pouco outra meia, os días passam e não se contam. O que vale são as noites, que a retaguarda dorme de *pyjama* em camas fôfas e altas. A noite é a nossa preocupação. Durante éla é que temos tudo a recear. A sombra que nos envolve entrega-nos a nós mesmos. Isola-nos, não conhecemos ninguém, crusamos sombras sobre as quaes nem sempre podemos apontar o feixe minúsculo da nossa lampada electrica. Todos os projecteis são traiçoeiros, toda a nossa ciencia de referenciação desaparece. O *boche*, cujos poisos conhecemos de dia, muda de lugar; não sabemos onde está e donde pode vir. Já não toureamos os seus morteiros como em plena luz. A noite é a negra aventura. Com éla nos chegar, estranhos: pioneiros, *engenhócas*, partidos do batalhão que viémos render e nos renderá dentro de alguns dias. Toda essa gente vem cavar, e trabalhar, ajudar-nos a pôr arame, a concertar trincheiras, a levantar parapeitos que ámanhã o *boche* atirá a baixo para que não falte trabalho e canceira ás Danaides da primeira linha. E é, em plena escuridão, um formigar soturno de gente atirando ás sentinélas de reconhecimento sênhas e contra-sênhas singulares, a quem se devia perguntar: "Bernardino!" e devia responder:

“Braga!», a quem se diz: “Pão para cinco!», e murmura: “Presunto e marmelada!».

• • •

Para o *museu*, para o comando de batalhão, a noite é também o problêma. O dia é papelada, é a interminável perseguição dos mosquitos das *recôcas*: a nota, a relação, o relatório; é todo o bicho carêta de pêne atrás da orelha a exigir-nos que justifiquêmos a sua existencia. A noite é o possível ataque, é o contínuo repique das espingardas automáticas, é a perpétua inquietação. Quatro morteiros que rebentam podem ser o prelúdio da barragem dum *raid*, qualquer vibrar de metaes parece o som das sinêtas do alarme de gaz. E ali, no abrigo-*mess*, enquanto o oficial inglez, fumando o seu cachimbo, lê uma illustração, enquanto o ajudante, abrindo a correspondencia da noite, presta um ouvido distraído á história que o *artilhas* de ligação lhe conta, enquanto o *sinalefas* vae e vem ao posto de sinães próximo verificar se todas as linhas funcionam e todos os S. O. S. respondem, pésa sobre todos nós a anciedade da espéra. De quando em quando, um sinaleiro levanta a manta impregnada de liquido anti-gaz que nos serve de porta e traz-nos um telegrama nos termos do código: — “Vinte e sete.» Vinte e sete quer diser que se nota algum movimento na linha inimiga. Responde-se: — “Trinta e nove.» isto é: “Lance patrulhas de escuta», enviam-se estafêtas prevenir os nossos morteiros e as nossas *machineg-uns* e o oficial de artilharia manda pôr de atalaia os vigías das baterías.

Que dará esta noite? Outro telegrama: um ferido na segunda linha, algum pobre diabo apanhado pelo fogo indirecto das metralhadôras pesadas. Uma companhia queixa-se de que a ração de aguardente é insufficiente, outra anuncia que o material requisitado ainda não chegou. As horas passam, as vélas vão-se substituindo nos castiçaes improvisados com o fundo das latas de conserva. A nossa artilharia torna-se de súbito mais activa. Será um S. O. S. do sector ao lado? E' apênas um *fréte* executado pelo grupo da direita ou da esquerda, batendo um crusamento de estradas em represália do mal que D. Berta nos fez na véspera. As horas passam. Uma patrulha nossa da direita recolheu sem novidade. Na nossa esquerda uma patrulha *boche* foi escoraçada pelas Lewis. A madrugada, uma madrugada baça e triste, vem apontando. Já ha quem durma, encostado á mêsa sobre os braços crusados. O dia nasce finalmente e todos se vão deitar. Mais uma noite, das mil e uma que temos de passar aqui, caíu hora a hora no grande esquecimento.

Q. G. 3.

A madame Faes, très chere amie

Sessenta e cinco por cento dos que andam na guerra regressarão á paz sem terem posto os pés nas trincheiras, dos da *malta* poucos conhecerão as bases, muitos de nós andarão anos por aqui sem se encontrarem Não haverá, porém, um official portuguez, que, tendo estado em França, não conheça o Q. G. 3

Na cidade para nós histórica de Aire sur la Lys, á direita da Grande Place olhando para o Hotel de Ville, no quarteirão que tornêja para a rua de Arraz com a linda casa do tempo das pequeninas guerras da Flandres, ha uma loja de cinco metros quadrados, á qual dão acesso dois degraus debruçados sobre um passeio de lagêdo. Uma porta ao meio, uma montra em cada ilharga. Uma tabolêta sobre a porta. E' a papelaria de madame Faes-Flageollet, — Faes é éla, Flageollet era seu esposo, chefe que foi da gare da localidade. — E' o Q. G. 3., quartel general da terceira divisão dum corpo expedicionário que tem apênas duas.

Se todos os caminhos levam a Roma, todas as es-

tradas do sector portuguez passam pelo Aire e levam áquela loja.

Havemos de guardar amaveis recordações de acolhimento que tivémos nesta terra da França. Entre as variadas saudades sobrelevará a da amisade com que os uniformes pardos de papel mata-borrão eram acolhidos nesta casa sobre a qual o governo portuguez deveria mandar colocar uma lápide comemorativa da nossa passagem, pois que — como disse — alguns não saberão contar do vento que açoitava as primeiras linhas de Neuve-Chapelle ou da brisa que acariciava os *chalets* á beira mar de Ambleteuse, mas todos, desde os generaes até aos simples alféres, se lembrarão daquele Q. G. 3. acollidôr, onde cada bilhete postal comprado dava direito a um sorriso amigo e cada bloco de *cartes-lettres* a uma entercedôra gentilêsa.

Atraz do seu balcão, Madame Paes pontifica, imponente na sua estatura, na sua corpulencia, nos seus cabêlos sal e pimenta. Ao peito uma rosêta de fita com as côres portuguezas. Cada um que entra é saudado pelo seu nome e ali sabe-se melhor que na Repartição de Estatistica a situação de nós todos. Para o que vem das trincheiras ha um abraço ou um demorado aperto de mão, felicitações por ter escapado e bom desejo de que breve tenhamos um descanso. Para quem está longe das regiões insalubres e não mostra empêño de as conhecer, ha uma amavel comiseração pelos incómodos que esta terrível guerra dá aos desgraçados sempre agarrados aos malditos papeis. Para os que se eternisam nas escolas, ha o encorajamento para persistir na taréfa admiravel de inculcar aos outros os ensinamentos uteis de que resultará a victoria de todos.

Durante trez anos aquêla loja esteve atulhada de ingleses. Desfiláram por ali vários corpos de exercito e inúmeras divisões. "*Mais les Anglais, ce n'était pas ça !*" Pouco amigos de conversar. . . "*Bonjour, madame ! Avê-vó papier à lettres ? Au rovoir, madame* . . . E toca de se safarem em bicycléte ou em cavalinhos de papelão lustroso com corda branca ao pescôço.

Os portuguezes são outra coisa. Trez francos de des-pêsa são quatro horas de conversa e um namôro logo pegado com as pequênas que ajudam á venda. Emquanto uns põem em revolução o caixote dos postaes illustrados, outros invadem o armazem pegado, outros instalam-se na salêta familiar e tocam piano, outros ainda enfiám pela cosinha sem cerimónia. Estamos em nossa casa e madame Faes, como aquêles *ases* do xadrez que jogam cinco partidas a um tempo, mantem oito conversas, vendendo aqui uma canêta de tinta permanente, dois lapis de côr a um segundo, laminas de Gillette a este, um romance de Willy áquêle, enquanto indaga da saúde da familia dum recémchegado.

Todos nós para éla somos notaveis e penhora-a profundamente ter conhecido e sido amiga dos grandes homens deste pequêno paiz. . . "*Disséram-me ontem que o sr. era dos primeiros escritôres de Portugal* . . .

"Já sei que trato com um dos grandes poétas portuguezes". "*Constou-me que o meu caro tenente era o primeiro cavaleiro da sua terra*". "*Ao que parece, o coronel que acaba de saír é um dos mais notaveis dos vossos officiaes* . . . Todos para éla têm virtudes ou

qualidades: um porque toca valsas no piano com dois dedos da mão direita, outro porque presume de ser caricaturista, este porque agrada a todas as raparigas, aquêlê porque tem um bonito cabêlo, o capitão porque é valente, o tenente porque usa monóculo, o alféres porque imita um gramófone com dois *sous* metidos na bôca...

Para os mais intimos ha sempre naquêla casa uma chávena de chá pela tarde, um fogão accêso no inverno e uma poltrôna na salinha, emquanto sobre o teclado correm uns dedos ageis tocando "*Sur les bords de la Tamise*", ou conduzindo o côro da celebre valsa...

*Malgré tes serments, tes promesses,
Malgré tes baisers, tes caresses,
Tu partis un jour...*

a valsa que algumas hão de chorar, quando nós partirmos *un jour*...

Ha mesmo no primeiro andar um grande quarto de amigos com uma cama esplendida, onde têm a certêsa de dormir os que chegam a deshoras e encontram fechados a *Clef d'Or* ou o Hotel de Inglaterra.

Na estante dos livros ha sempre obras portugûêsas e certo dia em que eu irónicamente aconselhava á *Madame* que mandasse vir dos seus fornecedôres de Portugal alguns exemplares do *Manual de Civilidade*, êla, com o seu eterno sorriso, atalhou:

— "*Pourquoi? Dans le fond, ils sont tous si gentils...*"

Se Madame Faes não tivesse com os lucros da guerra arredondado os rendimentos que lhe permitirão fechar a sua casa concluída a paz e se não fosse um ardente patriota, poderia ter feito fortuna comunicando ao inimigo os mais minuciosos informes acerca das nossas tropas, porque sabe tudo. Foi éla, que antes de mais ninguem me deu a noticia da entrada em linha da segunda divisão. Contára-lh'o um coronel. Desde os altos postos até á arraia meúda, todos ali vão dizer o que lhes consta, as ordens recebidas, os movimentos que se vão efectuar, as brigadas que sobem, os batalhões que descem. . . Mas de tudo isso só lhe interessam os amigos que durante um tempo não virão ali e os que éla vae tornar a ver. A sua vida passa-se a despedir-se com ternura dos que partem, a saúdar com alegria os que chegam.

Sobre a cidade, de quando em quando, em fúrias espasmódicas, o *boche* despéja bombas de aéroplano e granadas de longo alcance. Ha em várias ruas casas arruinadas e poucos são os vidros inteiros que restam. Uma vez o pânico foi total e o Aire ficou quasi deserto. Mas, emquanto todos os civis se safam, Madame, as suas filhas, o seu pessoal ficam. A' tardinha, mal começa a escurecer, a tribu põe os taipaes e, sempre com um cortejo de alféres, élas aí vão até uma aldeia das proximidades, na incertêsa de, ao chegar no outro dia de manhã encontrarem o prédio inteiro e a loja intacta. Mas não ! Até hoje a *Librairie* tem sido poupada e ha de sê-lo até ao fim da guerra. Então, quando já não

houver um portuguez para comprar postaes, tomar chá, tocar piano e galantear as *vendeuses*, Madame Faes sentirá tal vácuo no coração e tal penûria de frequêses na loja, que irá para qualquer rincão da França casar as suas filhas e recordar-se desses portuguezes malcreados muita vez, inconvenientes quasi sempre, mas *si gentils, dans le fond*...

Alicate ou as quarenta ligações

Ao tenente Victorino Galvão, «alicate» sans peur et sans reproche.

Este organismo que se chama um sub-sector tem o seu sistema nervoso : são as comunicações telegráficas e telefónicas. Elas nos têm em contacto com todos os elementos da linha, aproximam-nos da artilharia que nos protege e ligam-nos á rectaguarda a quem protegê-mos e vive confiada de que nos deixaremos faser em picado até ao ultimo para que possa ir agravando em paz a crise do papel.

Quem trata dos fios, quem os colóca, quem os concerta, quem conversa por êles nos mais cabalisticos termos são os maraus do braçal azul e branco, os *sináléfas* segundo uns, os *alicates* segundo outros, atendendo á ferramenta de que nunca se separam.

Ao longo da primeira linha, em *dog-outs* onde se não entra senão de gatas e se não pode viver senão de cócoras, estão os *sináléfas* dos S. O. S. Vibra a linha

inquiéta em tórno dêles, crepitam-lhes aos ouvidos as espingardas e as *Lewis*, sôam as detonações abafadas das pistólas *very-lights*. estrugem os morteiros inimigos abalando a tóca e pondo-a de esguêlha muita vez. E o pobre *alicate* enclausurado, atento á recepção, pronto á transmissão, sempre á espéra de apanhar em cheio com um *menino* ou com um *porco*, fica ali horas enquanto a chuva lhe alaga o esconderijo.

Mais acima, junto aos comandos de companhia, na altura da segunda linha, outros *alicates* noutras estações recebem as ordens do batalhão e respondem. Nos intervalos acódem á conferencia constante e chamam a atenção dos camaradas lá de baixo.

Perto do *museu*, fóra d'alcance dos morteiros, num sbrigo em que já se pode trabalhar sentado e mesmo ás vêses de pê, funciona a central. Aí estão todos os apetrêchos de ligação: os telefones, os telégrafos, os *powerbuzzers* e dentro de gaiolas aquêles felisardos dos pombos correios, que nunca fazem senão um dia de trincheira e são rendidos cada manhã. Todos vivêmos na doce esperança de nunca ter de os utilizar, esses suprêmos recursos que, á mingua de trabalho, passam a vida a arrulhar.

E aí, enquanto os manipulos martélam os sinaes de *Morse*, enquanto o *sinaléfa* que está de conferencia vai indagando constantemente—“*Está lá! Ouve bem?*” os pombinhos, sem ligarem a menor importancia á conflagração europeia, não ha forma de se calarem. “*Cucurru cucurru, cucurru . . .*”

Os *alicates* são uma seita dentro da *malta* das trincheiras. São senhores que sabem ler e escrever, que estiveram varias semanas em escolas a aprender a lingua do *pica-pau*, o *traço-traço-ponto-traço*. Não cavam, nem dão tiros, não vão ás patrulhas e nos dias de reserva ou de apcio andam pelo campo aos mólhinhos, fazendo sinais uns aos outros com espêlhos e bandeirólas. No emtanto, se os rancheiros de officiaes são mal vistos e os impedidos pouco considerados, uma estima amistosa liga os *lanzudos* aos camaradas de alicate á cinta, porque destes depende e da agilidade dos seus dedos um auxilio oportuno da artilharia. E' tambem pelos cordeis que êles estendem que se pedem represálias e circulam queixas contra o rancho atrasado e reclamações contra o *rhum* escasso.

Depois, o *lanzudo* de primeira linha, que, ao sentir chegar um morteiro *boche*, se escapule, se agacha e se esconde atrás de um travéz, não póde deixar de ter consideração por aquêles catitas que ficam ali, sempre firmes dentro dos seus buracos e a quem, quando lhes explode um inferno a seis metros dos ouvidos, um camaradinha irónicamente pergunta lá de cima : — "Está lá ? Ouve bem ?"

Alem disso, durante o dia, ha sempre um ffo velho a levantar, uma linha nova a colocar, um concerto a faser e os *alicates* lá andam, na lama como os outros, a agua pelo joelho, pois por sua desgraça os cordeis andam sempre escondidos pelos drênos fora e quando ortam caminho é por clareiras expostas onde se encon-

tra mais facilmente uma bala de *sniper boche* do que uma nota de cinquenta francos.

De noite são os bombardeamentos inesperados, as trincheiras que alúem, as comunicações interrompidas. O *alicate* continua a estar lá: mas já não ouve nada. Um estilhaço cortou-lhe o fío da conversa, um taipal, voando pelos ares, levou comsigo os cordeis todos. Então é preciso concertar imediatamente, andar por baixo dos aguaceiros de metrelhadôra e sob as rajadas de cacos velhos a repôr a linha, a atar as pontas, às escuras, às apalpadélas. Não ha botas de borracha que cheguem para a agua dos charcos onde se cae; às vêses são precisas as duas mãos e a ajuda do vizinho para se tirar o pé do lôdo.

E é dos dois lados uma aflição: a linha sem poder contar que lhe querem ir ao pêlo e tendo que mandar estafêtas a todo o galope por trincheiras que não acabam nunca, o *museu* sem saber o que se passa, imaginando o peor, e todos á espera que os cordeis tornem a falar, isto emquanto os pombos continuam inalteralmente: — «*Cucurru! cucurru! cucurru!...*»

* * *

A lingua que falam os *alicates* é uma lingua patu-sca. Ha sempre o perigo do *boche* surpreender as nossas conversas com aparelhos especiaes e então que remédio senão empregar cifras e códigos...

As estações são designadas por iniciaes e numeros; todas as eventualidades e todas as circunstancias se designam por lêtras e palavras convencónadas.

— “Santa Clara direita, ouve bem? Daqui fala C. K. 7. Almada. Quarenta e trez. Ouve bem? Almada, sim! Como? Cincoenta e dois?”

Mas já o C. I. 4. anuncia Coimbra. E' preciso avisar D. B. 2, transmitindo-lhe “Vinte. Np.” já que se não farta de pedir “1.”

Ao posto da primeira linha da direita, o batalhão perguntou : — “Que ha? Onde caíram os morteiros?” e, como o *alicate* dos *fauteuils* de orchestra anuncia que os *meninos* estão caindo sobre as banquetas de fogo, urge prevenir do bombardeamento a brigada que solicita a meúdo que a informem e diser-lhe ao mesmo tempo que não precisamos reforços para poupar os camaradas do batalhão de apoio.

São os *alicates* que aviam as represálias. A represália é o desabafo da trincheira. Se o *boche* bombardeia o crusamento da nossa segunda linha com a trincheira de comunicação, o único sistêma de o desgostar desse entretenimento é bombardear-lhe o crusamento da sua trincheira de comunicação com a segunda linha. Olho por olho, granada por granada. E, para que a artilharia ande ligeira e se não perca tempo em comunicar pelos fíos coordenadas geométricas, os pontos essenciaes do sector inimigo são designados por nomes curiosos: *Serpente*, *Lacrau*, *Cobra*, que sei eu. . .

E confessem que, a distancia, tem sua graça lembrar-mo-nos dum commandante de companhia que acaba de receber um 7,7 em cima da sua cosinha e corre para o telefóne onde se põe a gritar: *Kanguru!* afim que bombardeiem o comando *boche* correspondente.

Toda a noite e todo o dia é uma contínua vibração dos aparelhos. Nós bem sabemos que num dia de ofen-

siva séria todos aquêles telefones de namorados se inutilisarão num quarto de hora, e teremos de nos valer, se pudermos, dos agentes de ligação : ordenanças, esta-fêtas e ciclistas ; mas, emquanto apênas o morteiro vae e vem, emquanto relativamente folgam os Costas e os Silvas, confiêmos e sirvâmo-nos dos *alicates* e das suas ligações. Ai de nós na madrugada em que, cortada a sua endrómima, não tiverem mais que faser senão pegar numa espingarda e fazer fogo como os outros! Mal irão os nossos negócios na hora em que tivermos de soltar as pombos que não saem do seu *cucurru* !

Diabos os levem e o inferno os confunda ! Deus reserve no reino dos Ceus o lugar a que tem direito aquêle segundo comandante de br!gada, que, *si vera est fama*, ao receber de uma divisão inglêsa no começo da nossa guerra um cesto daquêles pássaros, os mandou cosinhar com arroz, agradecendo por carta ao general britânico e perguntando-lhe onde os comprava, pois tinham sido muito apreciados na *mess*.

Fritz e Berta

“Amigo,” Fritz é aquêlê *boche* que está ali defronte a cento e cinquenta jardas de distancia, a dusementas, se tanto. Na escalã dos nossos ódios, “amigo,” Fritz vem quasi em ultimo lugar. Na guerra de trinchei.a, a malta que vive nas cavernas de lama ou nas casas desmanteladas das reservas e apoios, odeia em primeiro lugar os camaradas anichados nas repartições da rectaguarda : os *cachapins*. A seguir odeia o serviço postal e a censura que demoram as cartas pelas quaes anreamos e as encomendas postaes que almas amigas nos envíam. Odeia ainda os *palmipedes*, gente dos quarteis generaes que anda de automovel e móra em pequeninas cidades. Odeia os morteiros pesados, médios e ligeiros, que fazem fogo ao nosso terreno e cujas guarnições se põem ao fresco terminado o trabalho, emquanto a malta fica para receber a resposta inimiga dada com a mais notavel pontualidade. Odeia a Brigada, que tem a culpa de tudo quanto nos acontece de desagradavel, desde as requisições que não chegam até á chuva que cae. Por fim odeia muito cordealmente “amigo,” Fritz.

O *boche* imperador, o *boche* kronprinz, o *boche*

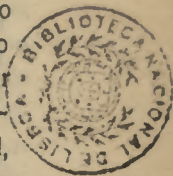
chanceler, o *boche* inventôr do gaz asfíxiante, o *boche* lá da rectaguarda da frente, são entes abjectos e desprezíveis. Sobre isso não se discute. Mas "amigo" Fritz, o *bôche* que está ali defronte, a patinhar na lama como nós, a dormir em cavernas e em ruínas, a quem as cartas faltam e atura uma Brigada, esse é, afinal, um camarada. E tanto assim se considera que, quando se entréga, levanta as mãos e diz que o é. Êle põe em ação a guerra que os outros nos faserem ; mas é êle que sofre a que nos mandam faser-lhe.

Quantas vês, deitando a cabeça fóra do parapeito ou aproveitando as sombras da noite para pôr pé na *terra de ninguem*, não temos tido vontade de conversar com o Fritz, de trocar impressões e perguntar-lhe se tem recebido carta da familia. Deste estado de espirito, que só pode comprehender quem tem vivido aqui, face a face com o inimigo, estado de espirito que êle partilha tambem, é que nascem as mil e uma convenções tácitas desta guerra. Ha umas horas em que se não faz fogo, em que todos dormem, outras em que se pode trabalhar nas reparações, encher sacos de terra, colocar arame, concertar parapeitos. Dali a pouco trabalham os nossos telégrafos e os dêle, giram as suas estafêtas e as nossas e, emquanto "amigo" Fritz dispára os seus morteiros e se safa de gatas, os nossos morteiros respondem e de gatas se safam as guarnições. Então alguns pobres infantes portuguezes sobem de maca as trincheiras de comunicação, ao passo que os nossos observadores encarrapitados nas arvores vêm passar de maca nas trincheiras defronte "amigo" Fritz com uma perna a mênos ou a cabeça amolgada.

Êle de lá vê-nos construir uma nova passagem ? Que

remédio tem senão contar o que viu; mas já sabe o que vae succeder. O *museu* dêle comunica a referencia e chovem granadas sobre o nosso trabalho. Um comandante de companhia corre a um telefóne. Passados minutos, o nosso *museu* pede represálias á artilharia amiga e uma trincheira que Fritz estava arrançando, em que fazia muito gosto, vóa pelos ares e tem de ser reconstituída á noite emquanto nós concertamos a nossa. E os dias passam assim . . .

A' noite Fritz vae para a patrulha. Dizem-lhe que venha observar o nosso arame, sujeito a ser visto á luz dum *very light* e levar pelos queixos uma rajada de metralhadôra ou uma granada de espingarda. Êle vem; mas tenho a certeza de que nesse trajecto em que se enovêlam os nervos e o cérebro dóe, em que a espingarda pésa dusesentas arrobas e cada pedra parece uma catedral, a unica ideia que o consola é que soldados nossos andam rastejando em sentido inverso, cismando o mesmo que êle cisma e como êle sujeitos aos *moínhos de café* e aos *foguêtes depataco*. De vez em quando a sua Brigada ordena-lhe que se não limite a escutar e observar que "colha identificações". Isto é maneira de diser que venha ao nosso parapeito, com uma granada em cada mão e um cinto cheio délas, que procure saltar na nossa linha, matar ou prender sentinêlas mais isoladas ou mênos prevenidas e levar o que podér: prisioneiros, papeis, material, qualquer cousa emfim. Fritz já sabe que, de dez emprêsas destas, uma por vêses acerta. Lembra-se dos muitos que ficaram estendidos sobre os arames e quando parte para essa viagem de que não tem a certeza de voltar, ampara-o principalmente lembrar-se que, dois dias antes, se não lança o seu



foguête iluminante a tempo, talvez os nossos o tivessem morto ou aprisionado. E assim se passam as noites.

Esta é a guerra em que a gente se aborrece; mas êle aborrece-se tambem muito. Uma tarde, um soldado portuguez descia uma trincheira levando ás costas um panelão de rancho. Sob o pêso e debaixo do casaco de cabedal que os fuchinas usam, o desgraçado suava em bica. Parou um instante a descansar, apoiou a carga no talude da escavação e, levantando um pouco a cabeça, viu no alto duma escada encostada a uma arvore um observador espreitando por um oculo.

— “Tu que vês, ó 58? perguntou o de baixo.

— “O quê? Não vejo nada, responde o outro sempre bispando pelo canudo. Ah! Lá vejo agora... Lá vae um, muito adiante. Leva uma panéla ás costas.

— “Uma panéla? Se calhar, é o rancho.

— “Se calhar... .

E, só com esta ideia que do lado de lá, áquella mesma hora, andava um *boche* tambem carregado e súando, o nosso amigo sorriu, creou alma e forças, com um ahn! esticou as correias e êle ahi vai, trincheira abaixo até á primeira linha. A panéla tinha nesse dia a menos o pêso que carregava o lombo do camarada defronte, do nosso “amigo Fritz”.

Curioso efeito desta guerra, o de aproximar pela simpatia os que têm por tarefa diária matar-se o mais possivel!

* * *

Mas, se Fritz merece o interesse dos que têm o mesmo destino, Berta inspira-nos um rancôr profundo e sem

limites. Berta é aquéla prima da *kultur*, a grande industrial de guerra que tem fundições de canhões, fabricas de munições, laboratórios de gases, que inventou, fabrica e fornece todas as *tralhas* de aço, cobre, alumínio, estanho e ferro, que constantemente nos desabam em cima. E' Berta que engendra cada dia um novo engenho de guerra, que anda pelos museus a desenterrar as catapultas para desenhar os modêlos de morteiros e obuses de trincheira, que reduz os grandes canhões ás proporções de brinquêdo do *whizz-bang* que não dorme, lá muito á rectaguarda, a cismar no que Fritz ha de faser para atrapalhar a existencia do Folgadinho,

E' éla que está á testa do grande basar de maquinas de morte. Cada vez que traz á feira uma nova amostra, Fritz abana as orelhas, já não acredita naquilo. Não duvida que, na primeira surprêsã, o novo produto fará bom efeito; mas demais sabe êle tambem que, passado mez e meio, o que se experimenta sobre a linha do parceiro defronte, este lh'o reenviará e muita vez correcto e ampliado.

Quando Berta apareceu com o seu gaz venenoso, Fritz, que está farto da guerra até ao barrête redondo, achou graça e pensou comsigo que aquéla porcaria era talvez um meio de regressar mais cêdo ao cachimbo de porcelana, á salchicha, á boa canéca de cerveja fresca. Mas quando, daí a tempos, recebeu o trôco da sua novidade, quando de súbito se sentiu sufocado, queimado, envenenado, antes de soltar o ultimo suspiro ou de fechar os olhos para todo o sempre á luz do dia, Fritz murmurou: — "Para quê, afinal?"

Quando o seu official lhe diz que a Alemanha é o

primeiro paiz do mundo, que Berta é infalivel e lhe dará a victoria com canhões que atirem á lua e projecteis que matem cem mil homens dum só golpe, o visinho defronte, calcanhares unidos, responde: — “la! la! Hoch! hoch!”, mas, apenas fica só com os camaradas no seu covil de lama, põe-se a pensar que é talvez de Berta que lhe provêm seus males, que as nossas granadas não são de manteiga fresca e não fazem simplesmente covas no ar.

Ai de ti, Berta, na hora em que Fritz se convencer da inutilidade do seu sacrificio! Tu que comes o pão de luxo amassado com o suor dos trabalhadores de Essen, que queres valorisar com o sangue da tua malta e da nossa a cotação das ações das tuas grandes companhias de navegação, talvez encontres deante de ti, não o Fritz que nós bispamos de cá, encolhido com os seus travéses e esgueirando-se pelas suas trincheiras, mas um outro formidavel, vingador de si proprio e dos camaradas que assassinaste inutilmente.

Nesse dia serás tu quem gritará “kamerad!”, e de debaixo do chão, de dentro das covas, milhões de vóses gritarão a Fritz que te não dê quartel, estoire os seus fornos, incendeie as tuas fundições e faça saltar os teus laboratórios.

⊙ almocréve das petas

A trincheira tem o seu *Diário do Governo*: é a Ordem do Corpo. Tem a sua gasêta de noticias: é o Boletim de operações e informações: o *Almocréve das petas*, como se lhe chama aqui. E' seu redactor principal um dos mais simpáticos e bem cheirosos entre os nossos *palmipedes*. Os seus *reporters* são aqueles *lanzudos*, em geral muito estupidos, que constituem o "serviço de intelligencia" dos vários batalhões. Como quem referencía um ponto acrescenta um conto, como na secretaria e de manhã cedo, antes de enviar o seu relatório, o official de observadores da *trincha* enfeita um tanto ou quanto o magro somatório da nossa bisbilhotece, depois de toda aquélla papelósa chegar ao Q. G. e ser redusida a uma folha escrita á maquina, dividida em capitulos e separada em secções, quando nos volta ás mãos é curioso ver o aspecto grandfoso que tomam actos de nula importancia. E' assim que, no seu telado, vão escrevendo a Historia os dactilografos dos quarteis generaes.

Em vários pontos do sector, em ruínas e pardéiros, organisou-se um cacifo betonado com uma fresta co-

mandando sobre a trincheira do *boche*. Dentro de cada um desses buracos instala-se um soldado munido de resignação, duma carta, dum oculo e de vagas noções de referenciação. E, conforme é hora do sôno geral ou ha probabilidades do comandante entrar de súbito no posto, o observador dorme ou espreita pela frêsta.

Na frente estende-se primeiro a parte avançada da nossa linha. As observações aí são interessantes. O soldado vê se as panélas do rancho andam em movimento. se o comandante do sector de companhia anda levantado e na ronda, se por acaso o divisionário e o brigadeiro se levantaram cêdo e viéram meter o nariz na nossa vida. Logo adiante é a "terra de ninguem," onde á luz do dia ninguem tem o mau gosto de passear. Depois é a *trincha* de Fritz, os seus corredôres semelhantes aos nossos, as suas linhas de apoio, os seus trêchos de estrada ainda transitaveis que são muita vez o prolongamento daquêles que nós usamos, os seus depósitos, os pontos notaveis que servem de linha zero á nossa artilharia e, disseminados na extensão do sector, os postos de observação onde áquela hora uns "inteligentes," como os nossos espreitam os movimentos do nosso sector para ajudarem a elaborar o *Daspektas almokreven*, que á noite, nos *museus* dali defronte, dirá, como o do Q. G. português, os seus contos da caróchinha.

* * *

Uma triste chaminé fuméga lá adiante? Logo o nosso espertalhão regista: — "A's 8,30 fumegou em

X. 24. p. 30. 27.» Passa ao largo um *boche* ajoujado com uma trave, seguido de dois outros munidos de picarêtas? "Viram-se passar trabalhadores ao longo da Serpent trench, dirigindo se para Z. 16. c. 84. 18.» As *salchichas* sobem e descem? "Subiu ás tantas o balão da direita. Desceu ás tantas o balão do centro.» Ao longe, muito ao longe, passa microscópica uma carroça qualquer? "Transito de viaturas ao longo da estrada de ***»

Os homens não servem para este serviço de observação, que deve ser raciocinado para ser util. De nada servem notações que não sejam sobrepostas na ocasião e no local em que são feitas e, como esse trabalho de sobreposição e de raciocinio é efectuado a distancia, num gabinete, dêle resultam ás vezes tão pitorescas conclusões.

Lembrei a vantagem de se encarregarem mulheres desse serviço, que na *trincha* tem de ser de pura bisbilhotice. Se qualquer de nós se puser á sacada da sua casa mirando a rua, com o encargo de apontar o que néla apparecer, dirá: — "A's tres da tarde passou um sujeito de lunêta e flôr no peito arrastando uma bengalinha.» "A's tres e um quarto safu, dirigindo-se para a paragem da esquina, a esposa do sr. Silva da loja de ferragens.»

O *Almocrêve das Pêtas* concluirá no capitulo "Movimento observado» que augmentou no sector defronte o transito dos sujeitos de lunêta e que madame Silva costuma tomar o carro de vez em quando.

Mas, se fôr uma mulher que tenha que registar o movimento, ligará logo as duas observações e explicar-nos-á que o arrastar da bengalinha do cavalheiro era o sina

costumado para a senhora do senhor Silva, que não vimos espreitando por detraz da cortina, se ir encontrar com a flôr ao peito que a esperava na paragem seguinte.

A observação, que são os olhos da trincheira, vê apenas. E' difficil conseguir que raciocine, dedúsa e tenha as qualidades de paciencia e de persistencia indispensaveis. O que consegue enxergar é pouquissimo comparado com o grande mistério oculto á rectaguarda das linhas que consegue dominar. Mas esse pouco, que é afinal o que nos interessa directamente: a posição nova de morteiros que nos vae massacrar no dia seguinte, o novo abrigo de metralhadoras que será nosso pesadêlo nas noites proximas, a rendição que se efectua e muda duma para outra hora o feitio e character do adversário, tudo isso é insufficientemente determinado e, se tem no papel uma forma aceitavel, é porque foi cosinhado pela fantasía dos que passam a limpo os relatórios, acertando as contas e somatórios das pequenas parçélas que a *frente* fornece.

O *Almocréve das Pêtas* é prudente, Quasi sempre os seus parágrafos começam por um "Parece," ou por nm "Consta,". Parece-lhe que certas flutuações as relacionam com uma rendição e consta-lhe que se prepara uma demonstração de artilharia. De quando em quando conta com a maior serenidade o que disseram prisioneiros e desertôres e, sabido o que podem conhecer da guerra os lapúses da Pomerania e da Saxónia, primos do nosso Folgadinho que não percebe cousa alguma, é de prever o crédito que a *trincha* liga a esses capitulos do boletim.

No entanto distrae-se lendo que o soldado Otto Schmitt afirma estarem as tropas muito abatidas e serem as rações insuficientes, enquanto o cabo Karl Grippen declara, vinte linhas mais abaixo, que o moral é magnífico e o rancho excelente. Conclui que o primeiro é cavalheiro de má bôca pronto a assinar a paz, ao passo que o segundo padece de apetite crónico e acredita nas arengas do Kaiser e dos seus profétas.

Outras vezes o boletim inclui em folha suplementar algumas novidades que lhe chegam através dos quartéis generaes superiores por meio da espionagem. Anuncia ataques poissiveis, grupamentos de tropas, concentração de material e acrescimo de linhas férreas mesmo diante do nosso nariz e, se fossemos crédulos, chegaria a convencer-nos uma vez por mez de que vae dar-se a grande batalha.

. * .

De quando em quando o *Almocrève* atrapalha-se um bocado com a ortografia do nome de certas localidades e com a topografia das frentes mais distantes. Ha por vêses uma certa confusão nos alfinêtes de cabeça redonda e colorida, que nos grandes mapas dos gabinêtes representam unidades, acantonamentos, posições de artilharia, ninhos de metralhadôra e plataformas de morteiros. Mas, em resumo, o boletim faz o que pode e repete o que lhe disem.

Apresenta, de longe em longe, deduçõs singulares. "Tem sido notado o movimento de soldados inimigos com papeis na mão dirigindo-se para V. 18. d. 26. 36

Trata-se, sem duvida, de uma secretária». E' a *tríncha*, sabendo o que lhe vae por dentro, é de parecer que não seria mau ter-se fixado o sentido do movimento. Se os soldados saem com papeis na mão, possível é que se trata dum *museu*; mas se, pelo contrário, entram apressados, porque não havemos de concluir que se trata dum W. C. ?

Os meus abrigos

Todos nós viémos aqui renovar a aventura de Robinson Cruscé na sua ilha deserta. Pela trincheira abaixo, a certas horas calmas do dia, os *lanzudos* fuínam, para um e outro lado, á procura de melhorías para as miseras cavernas onde estão condenados a jaser. Uma chapa de zinco que se descobre enterrada na lama, um tóro de madeira, um bocado velho de passadeira, tudo são fortunas inestimaveis. Um lençol impermeavel passado aos direitos, um masso de sacos de linhagem alapardado durante os trabalhos da noite, uma táboa furtada num *dump*, são cousas que não têm preço. Trabalham sem cessar os carpinteiros do batalhão, fabricam mobílias completas de estilo especial e todas saídas dos caixotes de *Corned Beef* ou de leite. Aparecem inesperadas aptidões, decoradôres insuspeitados, e consegue-se ali na *trincha* dar a certos buracos um pouco de luz e de alegria.

A primeira vez que realisei o meu velho sonho de ver edificar a casa onde haveria de viver, foi na guerra. O terreno era barato, a paisagem pitorêscas. Quiz ter a alegria de respirar debaixo dum tecto feito, por assim dizer, por minhas próprias mãos.

Não foi sem dificuldades que se levantou o meu primeiro abrigo : o *D. Aninha's Castle*, de Neuve Chapelle. Logo de entrada me reconhecêra incompatível com o abrigo-elefante onde dormiam de cambulhada quatro ou cinco officiaes do *museu* e puzêra em campo durante trez dias partidos vários na recôlha de materias : traves de madeira, vigas de ferro, chapas de zinco . . . Certa noite organisou-se uma expedição a um depósito inglez afim de furtao o resto que faltava. Finalmente encetou-se a construção. A planta era simples : uma porta á direita, uma janéla á esquerda, isto na fachada oposta ao *boche* e dando sobre o prado pantanoso que encostava á estrada de Pont Logy. De dia o trabalho tinha de ser feito a coberto das vistas dos *sal-chichas* e dos aéroplanos inimigos. De noite, quando se tratou de colocar o tecto e de o cobrir de sacos de terra as dificuldades aumentaram. Uma metralhadôra *boche* começava ao lusco fusco a bater o nosso *decauville*. Abria o seu léque á esquerda e vinha depois rassar exactamente a parte superior do meu palácio, cortando a rama das árvores á beira do drêno. Os camaradas encarrapitados nas vigas de ferro e entretidos em puxar o zinco ondulado tinham que, de vez em quando, desabar a toda a pressa cá para baixo enquanto zuniam os moscardos mortíferos.

Por fim pode tratar-se do arranjo interno, Os interválos entre as vigas do tecto foram preenchidas com sacos de terra. O chão foi assoalhado. Preparáram-se os gonzos da porta, a janéla ficou a funcionar. Ao fundo, á direita, a cama ; perto da cama, um caixote mêsa de cabeceira ; junto á janéla, a banca de trabalho feita de velhas traves e velhas táboas ; ao lado, outro caixote

mêsa de *toilette*. Defronte da porta, o lavatório ; a um canto, outro caixote ainda suportando uma lata de chá bacia de mãos e uma lata de gasolina jarro. Entre o lavatório e os pés da cama um *divan* feito de passadeiras. Sobre o *divan* uma tábua servindo de prateleira e descanzo de fotografias, postaes ilustrados e ligada a um caixote-bibliotéca. Uma linhagem forrando as parêdes e ocultando as chapas de zinco; um rodapé e um *lambris* de madeira branca toscamente aplainados. Sobre a mêsa uma capsula de granada de artilharia cheia de flores de trincheira. Eis o *D. Aninha's Castle*.

* * *

Vivi ali alguns mêses e creei áquelas parêdes que vira levantar uma amisade profunda, a ponto de nos bolêtos dos acantonamentos de reserva não me sentir á vontade. Era o meu refúgio. Ali poudes meditar sobre o que meus olhos iam vendo e me nasceram os meus cabelos brancos. Ali podia ser eu mesmo e reflectir profundamente nos erros que, dia a dia, se cometiam e preparavam as tristes horas de hoje. Cá fóra tinha de ser para os meus *lanzudos* o camarada alegre por quem me tomaram sempre. Lá dentro via a desastrosa impotencia de quem ali estava com toda a alma e, apesar de tudo, ainda encontrava alento para o sonho naquela luz superior animadora dos que, como diz Augusto Gil,

...já sem remédio ainda espéram.

Os felises da desgraça, os que soubéram

Pôr toda a sua fé num sentimento.

Deitado ao comprido sobre o meu catre, um Abdulla a arder entre os dentes, enquanto o meu espirito cis-mava nas suas saudades, nas suas esperanças e nas suas desilusões, pelo rebôrdo duma das vigas do tecto, num equilibrio difficil, avançava um ratinho, o único que pela sua minúscula corpulencia conseguia passar pelo interalo dos sacos de terra. O bicharôco vinha andando e não se lhe via senão a cauda pendente. De quando em quando deitava o focinho de fóra até ficar mesmo por cima da minha cabeça. Então, divertia-me a atirar para a trave num jacto delgado o fumo do meu cigarro, até que mais certa baforada o envolvia numa nuvem e mestre Ratinho se escapulía a galope para o seu esconderijo.

Não havia ali uma bugiganga inutil e cada objecto tinha para mim a sua significação. Desde o friso colorido, pregado na linhagem com alfinêtes e correndo em volta do tecto, até aos desenhos de Poulbot e de Mauzun, tudo falava de qualquer modo ao meu coração. No meu caixote-bibliotéca cinco ou seis livros: *Le feu*, de Barbusse, que melhor entende e melhor exprime a alma do soldado obscuro, *Gaspard*, de René Benjamin, um dos poucos livros de guerra que podem lutar com o do autôr de *L'enfer, The first hundred thousand*, de Yan Hay, que vê toda esta miséria com o mais enterne-cido e serêno humorismo, os albuns de Bairnsfather que serão um documento quasi unico desta nossa vida, um livro de Courteline filósofo e das mil e uma paginas inuteis, que eu rabiscava antes da guerra, as que mais estimo e mênos se venderam: *Soldados de Portugal*.

E, quando as saudades eram demais, quando o

desanimo insistia na sua irritante melopeia, eu abria a porta e ia por ali abaixo ver a guerra, distraír-me e encontrar no espectáculo dos meus pobres *lanzudos* transidos de frio. encharcados até aos ossos, sepultados nos seus abrigos de lama, o triste reconfôrto de espirito que nos dá a consciencia do sacrificio partilhado.

... Vivi ali mêses. Um dia de néve, estando noutro sector vim pelas trincheiras fóra e fui ver o meu *D. Aninha's Castle*. Sob o meu nome que eu escrevera na porta, alguem tinha posto uma obscenidade. Espreitei pela janéla. A linhagem estava arrancada e desaparecêra a minha pobre estante. Sem duvida servira para acender o lume.

* * *

Em Ferme du Bois, uns quilómetros para o sul, tambem fiz a minha casa num cacifo das ruinas pitorêscas a que chamavamos o *Páteo das osgas*. Mesma decoração aproximadamente; mas a mobília era sumptuosa, porque nos surgira de súbito um marceneiro até então desconhecido. Cheguei a ter, além dum cadeirão que Mapple não desdenharia assinar, uma mēsa de cabeceira com puchadôres. Era um deslumbramento! Uma grande janéla, cujos vidros ha muito ausentes mandára substituir por papel vegetal, abria sobre o depósito de munições. Uma granada *boche* que ali acertasse e era uma vez o *Pdco das osgas*, era uma vez a minha *Irene's house*.

Ali vivi tambem uns mêses, em certas noites bloqueado pela néve que entaipava as portas e tendo de saltar da cama para ir aquecer os pés anquolisados ao miseravel fogão dos sinaleiros Ali voltei nos primeiros dias de

Abril para sair numa madrugada horrível de tempestade em que ás fúrias desencadeadas do ceu se juntava o furôr estridente de toda a nossa artilharia, respondendo a um violentissimo bombardeamento inimigo. Eram trez horas da manhã. Numa encrusilhada e numa capelinha abandonada, uns soldados recemsaídos da trincha tinham acendido vélas e resavam de joelhos na lama. Sesenta horas depois os *boches* estavam no *Pátio das osgas* e no meu abrigo.

A repartição dos humoristas

O grande Q. G., tendo chegado á convicção que um dos meios de prover as tropas de bom moral é facilitar-lhes quanto possível o bom humor, organisou a Repartição dos Humoristas com delegações nas varias estâncias da Papelandia.

Ao começo alguns de nós pouco inteligentes não acharam graça ás chalaças dos humoristas officiaes; mas, por fim, todos acabamos por concordar em que eram mancebos bem dispostos, levando a guerra como deve ser levada e fazendo a diligencia por alegrar a pobre malta que se aborrece tanto dentro da trincheira.

Um comandante de batalhão anda muito enfadado porque lhe falta a untura para limpêsa de espingardas? Estas enferrujam-se o melhor que podem e dentro em pouco serão uma sucata ordinária? O comandante refaz a requisição enviada quinze dias antes e expede-a com nota de "urgente,." Então, nessa mesma noite e com um "Confidencial,." por fóra, a R. H. (Repartição dos Humoristas) envia-lhe uma nota disendo que foi por várias

vêses notado o mau estado das espingardas, que isso é pessimo para a saúde das mesmas e que sevêras contas serão pedidas aos comandantes de unidade. Com os cabêlos em pé por causa dessa desccomponenda, o pobre major numa "urgente", mais urgente ainda, explica que pediu untura, tornou a pedir e, já agora, pede mais uma vez. Então a R. H. sae-se com a melhor. Por um motociclista envia uma "urgentissima", indicando ao desgraçado que "da untura que tem cêda metade ao batalhão visinho".

Doutra vez um batalhão, estando num estacionamento em que não havia água senão a que caía a potes do ceu e tendo o Folgadinho escangalhado todas as bombas, poz os seus carros especiaes no serviço de ir a umas léguas proximas buscar o liquido indispensavel. Ao cabo de dois dias partiu-se um dêles e, com conhecimento da estancia imediata, foi para concerto. Ao cabo de quatro partiu-se o segundo e ultimo, que teve o mesmo destino. O comandante envia uma nota aflitiva pedindo pelo amor de Deus que se lhe envie um carro de água ao mênos. Os humoristas cismam um bocado e na volta do correio escrevem: "Dos seus carros de água mande apresentar um para serviço urgente nesta Brigada". Depois, admiram-se que os majores se viessem todos embora! . . .

A Repartição dos Humoristas não fala portuguez como qualquer de nós, nem ao mênos a lingua do „pas-compris", em que Folgadinho é mestre. Fala *alinea*, uma lingua especial, um calão se preférem. Exemplifiquêmos

Um artigo da ordem do C. E. P. explica que as botas serão requisitadas ao Deposito Central d'Alcatruses em Calais e uma circular da Brigada elucida que as requisições em triplicado devem ser entréguas até ao dia 15 nos S. A. da mesma. Passam quinze dias e um novo paragrafo, esse da Ordem da Divisão, anuncia que as butifarras se requisítam directamente á divisão e no dia 10. Mas, passados não são outros quinze dias, o sistema volta á mesma.

Qualquer de nós que tivesse de comunicar isto aos seus contemporâneos diria simplesmente : — "Participase aos interessados que as requisições de botas tornam a faser-se como se fariam o mez passado". Os humoristas, no exercicio das suas funções, começam a falar *alinea* e disem-nos o seguinte : "5.º — Que o disposto na ordem . . . do C. E. P, a que se referia a circular n.º . . . dos S. A. desta B. I, torne a vigorar, ficando sem efeito o exarado na nota n.º . . . dos mesmos S. A, que esclareciam a alinea . . . da O. S. n.º . . . da . . . D."

Isto chega á *trincha* no dia 14 á noite, num momento em que o cão do corneteiro a está bebendo de pé, quando a primeira linha se declara não muito segura e, dentro duma caverna secretaría onde não se anda senão de cócoras, o pobre ajudante tem de procurar em quatro caixotes para descobrir a nota que elucida a circular e a ordem divisionária que modifica a ordem do corpo. A requisição não parte, portanto, a quinze, pois não ha forma de providenciar e na tarde seguinte chega, vindo tambem da R. H., uma pergunta acerca dos triplicados que já não são duplicados e que deixaram de ir para o Q. G. D. para ir novamente para o Q. G. da B. I.

Sucéde a meúdo extravíar-se um dos fíos de Ariadne que nos conduzem no labirinto dos papeis e então os humoristas estão nas suas sete quintas. Passam um bocado de noite regaladíssimos de pés para o fogão a forjar outra do mesmo género.

Os humoristas tem por vêses brincadeiras trágicas. Enfiám-nos dum dia para outro num sector novo sem nos darem um só papel ou um simples mapa. Em seguida requerem urgentemente um *croquis* do sector, o detalhe por coordenadas das obras a faser, o dispositivo das metralhadôras ligeiras na escala de 1/10.000, etc. Pouco falta para exigirem uma série de aguarélas dos pontos pitorescos e um panorama a óleo da linha inimiga. Quando recebem todos os desenhos, que fisémos Deus sabe á custa de que dificuldades, passam-nos a limpo com tinta de várias côres, copiam á maquina os relatórios e, fasendo um embrulho lacrado, envíam-no-lo com a seguinte nota : — "Junto envíamos a V. Ex.^a a planta desse sector e respectivo plano de defêsa a que dará cumprimento immediato, comunicando com a maxima urgencia as alterações que julgar convenientes.

* * *

E' aos humoristas que está confiado o cuidado de elaborar os regulamentos e as instruções. Estas versam sobre tudo : sobre teorías e pratica a dar ás tropas, sobre os metodos modernos de combate, sobre contabilidade, que sei eu . . . Aquêles disem respeito a licenças, a preferencias para escolha de logares e comissões especiaes de serviço, etc.

O grande principio que preside a confeição de todos estes papelórios é o já apontado : — “A vida de trincheira é uma vida exhaustiva para o corpo e estagnante para o espirito. E’ necessario agitar aquéla rapasfada. Além disso anda sempre a queixar-se da insuficiencia da ração de vélas e da discussão costuma nascer a luz”.

Então, se se trata de disposições que seria urgente adoptar para contrapôr a esforços do inimigo, ha todo o cuidado em nos indicar processos irrealisaveis pela absoluta falta de meios. Falar-nos-ão no acréscimo de metralhadôras que o *boche* pratica, na utilização do fogo de morteiros como complemento das acções de infantaria, tendo-nos enviado na véspera nota de que não ha nas oficinas peças sobreceletes para *Machine guns* e uma circular informando que os officiaes de morteiros estão sob as ordens da Brigada e não dos comandantes de batalhão. A *trincha* discute isto tudo. Diz dos humoristas, quando está de mau humor, o que Mafôma não disse do presunto. Quando porêem o Fritz fez a paz separada e o sol está acêso, a *trincha* diverte-se.

Como para o fiel cumprimento do dever não ha nada como a consciencia do uso plêno do direito e como dos direitos militares o mais sagrado é o de reclamação, os regulamentos são feitos de modo a atropelar o mais possivel as legitimas esperanças de cada um para que cada qual tenha a meúdo ampla liberdade de confiar ao almaço o que lhe vae a mais no coração. Concedem-se as regalías e fasem-se as nomeações sempre de maneira que por um contemplado haja vinte em situação de poderem entreter os ócios fabricando um arrasoado a que se chama “exposição”. E, emquanto éla ae e não vem, o que a fez e o visinho têm um as-

sunto de palestra, um pretexto para exaltação, os nervos andam vibrantes, o espirito acordado e de tudo isto não pode resultar senão cousas desagradaveis para o Fritz se se lembra de vir atacar um posto cujo comandante está fulo.

Foi da R. H. que nasceu a ideia do *roulement* e para que todos nós acabassemos por convencer-nos de que o seu cumprimento integral era uma fantasia digna de espiritos orientaes, adoptou o sistêma de pedir de quatro em quatro dias uma relação do tempo de serviço de cada um de nós. Assim se fizeram seis ou sete. Em seguida publicou uma alinea alterando as categorías e a contagem do tempo após o que pediu mais oito relações. Depois alterou novamente a que já estava alterado e foi pedindo papeis, até que, por fim, todos, mesmo os mênos inteligentes, perceberam que tudo aquilo era uma facécia de rapáses bem humorados, a quem a guerra corre direita e têm por dever distraír de qualquer forma o espirito dos camaradas que vivem aborrecidos nas linhas avançadas.

⊙ medo

Se Bayard foi o cavaleiro sem medo, grandes capitães o tiveram e foram, ao menos um dia, joguete nas garras do mais cruel inimigo do soldado. Henrique IV teve medo em Jarnac, a sua primeira batalha. Turenne, sentindo o rosto livido, as pupilas crescentes, os ouvidos besoirando, as maxilas descobertas como as de um cão que vae morder, o coração desordenado, um suor lento na palma das mãos, os joelhos entrechocando-se, bramia rancorosamente: — "Tremes, carcassa? Mal sabes tu ainda onde te hei de levar! . . ."

O Espirito, senhor da casa, ausenta-se ás véses de súbito e deixa-a entregue a essa serva cega e louca, a Medûla, que numa áncia tudo revolve e tudo desalinha. Um pobre montão de carne, de ossos, de artérias fica á mercê dos mil nervos grandes e pequênos que éla comanda e, se o senhor não volta rápido e lhe não consegue ter mão, é um irremediavel torvelinho em que tudo sossobra, um indiscritivel furacão que tudo arasa.

Nesta guerra de hoje, a mais formidavel guerra de material que a Humanidade tem visto, em face dos destroços causados por maquinas movidas ás véses a de-

sênas de quilometros por inimigos invisiveis, ameaçado a a cada instante por perigos contra o qual nada podem nem o esforço dos seus musculos, nem o fâscar da sua intelligencia, o homem tem inevitavelmente de sentir-se pequeno e mesquinho. Compreende que não é senão uma triste poeira dentro desta tempestade, que a sua vida só tem por garantia o Acaso, que uma vez metido na engrenagem e posto ao alcance do Monstro um unico factor o pode ajudar : a Sorte.

O crusado, partindo para a Palestina, ensaiava sobre a unha o fio da durindana, apalpava os *biceps*, conferia a cota de malha e disia para sua esposa : — “Não ha novidade !, Que *biceps* ha que valham nestas regiões da trincha onde, de súbito, sem que ninguem nos previna, desaba do ceu um canudo metálico da altura de uma creança de sete anos, que, metendo-se pela terra dentro, abre com certo estrondo e para os lados um funil onde cabe uma carroça de bois ? Onde está o valentão de porta de café, mosqueteiro de bengala de cana da India, cuja cabeça seja mais resistente que um morteiro mesmo ligeiro ? De que serve tambem a intelligência nestas paragens ? O próprio inventor da polvora, pessoa arguta ao que parece, não se livraria de, estando em palestra com um amigo, sentir de repente uma pancada sêca no pescoço ao passo que o amigo ouviria como que a passagem dum besouro grande. Não foi nada ; apênas uma bala perdida que, atravessando a carótida dum o tombou na Eternidade e fez encolher a ponta do nariz ao outro.

Aqui só a Sorte nos pode salvar e ha só um meio infalivel de não correr perigo nas trincheiras. E' nunca cá vir e esse é o sistêma que adopta o verdadeiro sábio.



Em matéria de medo, conheci nesta guerra duas categorias de individuos : uns que tinham sempre algum e outros que tinham muito ás véses. Os primeiros eram os poltrões, os outros os valentes. Aquêles tinham medo quando não havia a minima urgência disso : tinham tido medo em Lisboa, teriam medo em Boulogne ou nos quartéis generaes e tinham medo nos dias bonitos, medo nas noites escuras, medo pela manhã, medo no intervalo das refeições, medo acordados, medo a dormir. Levavam a vida cismando que podiam morrer nesse dia ou no seguinte ou no mez que estava para entrar. Lembravam-se de tudo : da sua meninice, das graças que disiam quando eram pequênos, da falta que fariam á familia e do desgosto que havia de ter ao saber da noticia do passamento aquêle bom padrinho entrevado que tinham deixado em Portugal, Olhavam para o espêlho e disiam : — “Coitado ! Mesmo na flor da idade !”. Tendo sido forçados a vir para a guerra e não tendo podido furtar-se a éla, chegavam a convencer-se de que não passava duma questão pessoal e lhes era movida directamente. Nada os interessava senão a integridade do seu esquelêto. Bem se lhes dava quem fosse o vencedor e viviam na saudade duns sapatos de ourêlo que tinham deixado ficar aos pés da cama.

Felizmente esta guerra da *trincha* tem as suas acalmias e não mantem constantemente a violencia que lhe supõem certos paisanos, imaginando que a artilharia trôa de pela manhã á noite e nos cae uma granada em volta todos os cinco minutos. O medroso tambem vira a guerra assim. Afinal ha sempre umas horas para dor-

mir, uns dias para descansar e ouvir tocar o gramofone, escrever postaes illustrados á familia e invejar com rancôr aquêles bandidos que estão lá para a rectaguarda. A obsessão tem as suas fôlgas e o medroso os seus sorrisos. Sofre tambem a acção do ambiente, que gôsa um moral médio rasoavel. O medroso chega, fóra da *trincha*, a gracejar com a guerra e nunca perde afinal a esperanza de conseguir escapulir-se um dia. Não contem com êle para procurar o perigo, para andar pelos sitios mal frequentados por grãnadas e para que vá voluntário ás patrulhas. Numa hora grave será um empicilho e ha que contar com a sua ação negativa. Fóra disso é uma excelente pessoa e em geral joga bem ás cartas se é official, tem geito para pulir cabedaes se é soldado e uma bonita letra se é sagento. Êle mesmo explica o seu caso: — «Não nasci para estas cousas. . . » «Estas cousas» é morrer de repente.

. . .

Os valentes guardam-se para ter mêdo nas ocasiões. Não faltam, — as ocasiões entenda-se. Em geral o valente, convencido como está, conscia ou inconscientemente, de que tudo depende do Azar, pensa apenas que pode morrer no momento em que um *porco* lhe rebenta a trinta metros dos cotovêlos e a choradeira dos estilhaços lhe canta em tórno das orelhas. Tambem deita contas á vida no momento em que um aéroplano de bombardeamento, que paira a tresentos e cincoenta pés na vertical, pára de súbito o motôr. Cisma em várias disposições de character grave quando o nomeiam para

um *raid* a casa de Fritz. Fóra disso dorme se pode, fuma se tem tabaco, lê ou ouve ler os jornaes atrasados chegados nesse dia e entretém-se conforme as suas habilidades, rimando versos, escrevendo crónicas, desenhando mapas, arranjando castões de bengala, saboreando romances, disendo mal do general ou do capitão ou não fazendo nada.

Não altera os seus itinerários. Gira pela *trincha* e descasca o seu serviço como se nada fosse. Mira os astros, aventa previsões metereológicas sempre erradas e tem a meúdo uma cousa para faser no dia seguinte, o que é um excelente sintôma de serenidade de espirito. A's vêses traz o seu idílio organizado cá fóra e a trincheira faz-lhe um grande transtôrno por não poder falar ao namôro.

O valente é, em resumo, aquêle que, despidas as curiosidades e as incertêsas das primeiras horas, se habituou a esta vida que tem seu quê de charco de rãs, de buraco de toupeiras, de tremôr de terra, de queijo amanteigado e de cuja miséria moral nem todos podem entender a grandêsa. Ha quem consiga ser alegre e ter o espirito prêso a pequenos nadaes cheios de encanto. Ha mesmo casos estupendos: — o do Madruga, aquêle soldado da primeira, que dorme sempre nas covas que os outros desdenham e quando vae para as patrulhas de escuta na terra de ninguem, tem de ser acordado ao bofetão porque chega lá, instala-se numa cratera pequena, põe a espingarda para o lado e, puxando o impermeavel para o nariz, só lhe falta soprar a luz antes de adormecer. Seria uma barbaridade acórdá-lo, se não dependesse da sua vigilância a segurança da linha. Não se faz ideia da expressão com que respon-

de a quem o agride pela sua sonolencia incuravel e lhe mostra os perigos a que se arrisca: — "Ora! Se calhar, não tinha de calhar." Com efeito. Se tiver de calhar, que adeanta ter medo? E, se não tiver de calhar, para que serve tê-lo?

«Palmípedes e cachapins»

Numa multidão nada distingue, á primeira vista, o *palmípede* dos seus camaradas. Examinado de perto, observa-se que na góla traz umas palmas — dai o seu nome — e na manga direita um braçal verde rubro. Então ha que curvar-se cada qual perante o representante dessa casta superior — o Estado Maior — de que depende, quasi tanto como do *boche*, a nossa vida e o nosso destino. Êle é o cérebro inteligente que pensa, resolve e ordêna. Nós constituímos o braço que executa e, em desabafo, faz seus gestos de vez em quando.

Não somos nós, malta obscura, que fasêmos a guerra. E' êle, o *palmípede* e, para que trabalhêmos de madrugada, deita-se cêdo em gasalhada cama e reflecte sempre dez minutos antes de concilíar o sôno. Tem muito em que pensar, e para que o seu pensamento possa desabrochar completo como uma bela flor, uma cousa é necessária acima de todas : que nos aguentêmos no primeira linha. Para isso faz tudo quanto pôde. Distribûe-nos a sua ciencia em folhêtos e opúsculos, íntra-

dú-la naa ordens e instrucções e, á tarde, ao ceirar o seu gabinête, antes de ir tomar o seu chá e dar uma volta no "seu" automovel, põe a guerra toda em ordem, fecha-a na gavêta, guarda sob o pisa-papeis um bocado de guerra que ficou de fóra, e, satisfeito de si mesmo, murmura: — "Comtanto que aquêla malta não faça asneiras ! . . ."

O *palmípede* sabe cousas extraordinárias. Estudou no Curso Superior de Guerra toda a maneira de dar batalha, desde as guerras pûnicas até á dos Balkans. Esta de hoje não a sabe ainda bem ; mas, em éla acabando, verão. Nenhuma tactica lhe é extranha, desde a fórma de combater dos grêgos até as formações napoleónicas. Explica o cêrco de Troia e tambem a tomada de Sebastopol. Ha uma cousa então em que é inimitavel: a Organica. Indica, sem o menor erro de arithmetica o numero total do pessoal, animal e artigos de matertal de que se compõe um corpo de exercito, sem faltar uma víatura hipomóvel ou automóvel, de duas parelhas ou de vinte e quatro cavalos, armamento, equipamento, fardamento e calçado. Põe a guerra em acção em trinta folhas de papel almaço duma maneira inexcedivel e quando terminou as observações e chamadas, a gurra está pronta. Falta só fasê-la.

Não cuida apênas da organisação. A seu cargo tem tambem as operações. Estende um grande mapa. Como é ainda pequeno, acrescenta-lhe outro á direita e um terceiro á esquêrda. Começa então a espetar alfinetes, a estender cordelinhos e dali a pouco conhece aquilo como os seus dêdos. Os problêmas, que tem a resolver, não lhe apresentam grande dificuldade. A' luz pacata dum candieiro de quebra-luz verde, emquanto longe se

ouve o rumôr surdo da artilharia e uma boa chama crepita no fogão, êle desloca os seus alfinetes. Este de cabeça encarnada é um batalhão. Espêta-se mais adiante ou mais atraz. Estes outros de cabeça amaréla são baterias de artilharia que se desviam para os flancos ou para a rectaguarda com a maxima singelêsa, a não ser que a madeira da prancha seja dura e o bico do alfinête esteja torto.

No dia seguinte o comandante de batalhão não tem os carros necessários para os transportes, o seu material a deslocar excede em volume uma catedral de boa apparencia, o gado das baterias é insufficiente, os bolêtos dos acantonamentos são diminutos, as *étapes* são excessivas, surgem difficuldades inesperadas: doentes a evacuar reabastecimentos a estabelecer e o *palmipede* tem por vêses que se incomodar, que vestir o seu casaco de péles, que se enfiar debaixo do *couvre pieds* do "seu" automovel para ir verificar a ignorancia bárbara da mísera malta que não usa braçal e a reluctancia que os alfinêtes de cabeça colorida tem em realisar cousas afinal tão simples.

O *palmipede* vive esmagado pelo trabalho. Nunca tem tempo de ir ás trincheiras. Pésa-lhe sobre os ombros a montanha de papel que cada dia vae parindo, rato da Orgânica e da Operação. Passa a existencia a ocupar-se da *malta* e éla, a ingrata, queixa-se sempre. É insaciável. Não se contenta com mapas; quer botas, quer munições, pretende mudar de calções e não ha peúgas que a fartem. Depois obstina-se em afirmar que ha *fermes* onde não cabem cincoenta Folgadinhos, que uma barraca de lona não pode comportar um pelotão, que as fêbres não se curam com *pikles* e os embaraços

ntestinaes com *corned beef*. Surgem por vêses creaturas preocupadas com cousas minimas que falam do moral a manter, do fisico a cuidar, que apresentam reclamações e fasem exposições, que envíam relatórios com objecções e respondem tôrto. Para mais a gente da *trincha*, quando calha de topar na altura dos quarteis generaes, um *palmipede* em liberdade tem uns certos sorrisos. Que tropa! O *boche* é o mênos. Para êle, lá está a *malta* adeante. Mas quem livrará o *palmipede* da *malta*?

O *palmipede* é sobretudo interessante quando é de via redusida, do curso expresso de seis mêses. Evidentemente não sabe tanto como os genuínos; mas basta olhar-se para êle para ver que nos domina absolutamente em ciencia da guerra, embora a má lingua da *malta* afirme que esse curso superior de semestre foi uma grande descoberta para muitos que a *trincha* esperava de braços abertos.

* * *

O *cachapim* é aquêlo camarada, que, orfundo como nós das camadas modestas do exercito, não sabendo nada da guerra de Troia e mal de organizar as camisolas na própria mala, conseguiu um lugar á rectaguarda. Ou esteve na *trincha* um tempo e conseguiu de lá saír — o que demonstra a sua inteligencia — ou devendo para lá ir, nunca lá poz os pés, — no que prova ser muito mais esperto do que parece. A guerra é uma calamidade; mas, havendo maneira de se ir passando essa cala-

midade a muitos quilómetros da linha numa repartição onde os dias são monótonos e num bolêto tranquilo onde as noites são remansosas, porque não se ha-de colher a ocasião que passa sob o aspecto dum conhecido agalado ou procurá-la por meio da carta dum amigo bem colocado em Lisboa ou na própria frenie.

O *cachapim* não vive porém, inteiramente tranquilo. Ha sempre uma probabilidade de que o remetam ou o reenviem para a *malta*. Ha gente por lá que angaria preferencias para os logares de repouso, deixando-se ferir estupidamente ou ganhando louvôres e condecorações. Circulam de quando em quando boatos de rotação. Diz-se que os da rectaguarda passarão para deante e os da frente virão aprender a dormir com *édredou* e a ter chinélas. No fundo, o *cachapim* está convencido de que tudo aquilo são histórias e fantasias; mas quem sabe?

O *cachapim* está tão bem l Arranjou a sua casa, arrumou o seu quarto, já tem a sua aventura de sociedade com um motociclista inglez. A sua existencia funda-se no grande principio de que um exercito não pode estar todo em primeiras linhas. Ouviu mesmo diser que o escalonamento em profundidade é o segrêdo da vitória. Evidentemente num turbilhão destes nem toda a gente pode jantar com guardanapo e se, como é inegavel, deve haver quem esteja longe para se evitar um demasiado rendimento do fogo adversário, não ha razão nenhuma, a seu ver, para que não faça parte do pessoal diligente cujo cargo é cuidar dos que estão na *trincha*. Os outros comandam patrulhas e vão aos *raids*, é verdade; mas, se êle não estivesse na guerra, quem havia de passar a limpo as cópias do extracto das instrui-

ções do Q. G. ácerca dos salvados e da utilização das latas vasías ?

Depois não digam que não está em perigo. Ha quinze dias passou um aéroplano a duas mil jardas para a direita e foi deitar bombas a dôse quilometros. Ninguem dormiu nessa noite e, no dia seguinte, na repartição, não se falou doutra cousa. Só o que o tenente coronel dos enterros contou !

Como um dos heroes de Barbusse, ninguem imaginava que durante a guerra houvesse tanto militar sentado em cadeiras. Tambem como um dos pobres diabos do *Feu*, a malta leva os seus dias a bramar que são de mais e que esses "de mais" quasi nunca são os que lá deviam estar.

Um pintor nas "trinchas.

Numa tarde de Dezembro em que o frio cortava como navalha de barba, de dentro dum automóvel do Q. G. saltaram duas pessoas e uma d'elas, indicando-me a outra, disse:

— "O pintor Sousa Lopes !"

Era numa aldeia da rectaguarda onde a minha malta descansava uns dias. Conhecia de nome o artista que me apresentavam, vira d'êles uma exposição em Lisboa e nma grande simpatia me aproximou desde logo desse rapaz que não hesitára em deixar a vida tranquila do seu *atelier* em Paris para seguir a existencia vagabunda e não isenta de perigos de pintor do C. E. P.

A pessoa é profundamente insinuante. Um corpo meão e atarracado, uma cara redonda e ao mesmo tempo fina, uns olhos ínteligenes com a doçura dos olhos míopes e, em tudo, na correcção do falar, no agitar discreto da fisionomia, na redusida amplitude do gesto, no comedimento das atitudes, aquêles toque que a França mpõe aos que néla permanecem longo tempo.

A minha primeira impressão extremamente agradavel firmou-se definitivamente na conversação que entabólamos. Sousa Lopes saíra da sua existencia estabele-

cida com esta ideia bem patriótica : a de fixar nos seus carvões, nas snas aguas fortes, os lances principaes da vida dos nossos soldados em França. A parte financeira do seu contrato era uma miséria. Apenas o mov!a o seu interesse de artista portuguez. Caíra, porém, num meio em que a realisação dos seus desejos era difficil : o dos quartéis generaes, onde a sua missão e os seus planos não eram suficientemente comprehendidos. Depois, mal vestira a farda de capitão equiparado, tinham esquecido que era um pintor e um aquafortista e só viam nêlo um official dos serviços extraordinários. Deveriam dar-lhe todas as facilidades, deixá-lo vagabundar e facultar-lhe para isso todos os meios. Sucedia, entretanto, que nada se fazia em seu soccorro. Vivia meio esquecido e semi-abandonado. Quando tanto inutil dispunha dum automovel para passear a felpa dos sobretudos inglêses, Sousa Lopes tinha que esperar que um dia alguma viatura menos carregada o pudesse transportar.

Quando o vi em Dezembro do ano passado não excedêra ainda a linha das escolas e o seu *album* de apontamentos apênas continha esboços sem maior interesse para êle e para a sua obra.

Como o artista me pedia que lhe sugerisse alguns assuntos curiosos, disse-lhe no abraço de despedida :

— “Venha comnosco para as trincheiras. Aí terá tudo ”

. . .

Dois mêses depois, estando em Ferme du Bois, novamente um automovel do Q. G me trouxe Sousa Lopes. Vinha radiante. Já passára alguns dias num sector

da extrema esquerda, fiséra cartões de que tinha direito a orgulhar-se e vinha pedir-me que o recebesse na minha *trincha* e o hospedasse durante um periodo ou dois. Nessa mesma tarde, embora a minha gente estivesse em reserva, fomos dar juntos um passeio até aos dominios que haviam de ser nossos dentro dalgumas horas. No dia da rendição, fiel ao seu compromisso, Sousa Lopes deu entrada no *Páteo das Osgas*, o *mu-seu* de Ferme du Bois, seguido dum soldado que sobraçava, além da diminuta bagagem do pintor, a pasta dos seus desenhos.

Daf por deante, durante uns quinze dias, o autor do celebre retrato de Verahnhem foi um *lanzudo* autentico. Ouvi-lhe diser mais duma vez — e creio na sua sua sinceridade — que não esqueceria nunca a sua permanencia entre nós, o bom humor constante que reinava nos meus rapâses, a alegria despreocupada que animava o *Páteo das Osgas* e fasia com que as noites, decorressem entre ditos e anedoctas, alumiadas por *punchs* sucessivos de que o artista, sóbrio por convicção se arredava um pouco, mas que davam á sua retina de pintor especializada em colher efeitos de neve, de luar e de toda a sorte de illuminações extranhas, aspectos curiosos que fixou em *croquis* magnificos.

Os soldados, vendo-o entrar, de rosto glabro e rosado, de falas mansas e gestos comedidos, tinham-no imediatamente baptisado : — “Aquêlê nosso capelão que tira retratos com um lapis . . .” e êle logo de manhã cêdo, começava a trabalhar. Seguia pelo sector fóra, parando aqui para fixar uma dobra de trinheira interessante, mais adiante para desenhar um *dog out* ou um posto de gaz e os *lanzudos* que circulavam abaixo e

acima, na vida habitual, pasmavam de encontrar de súbito, sentado sobre uma banquêta, aquêlê senhor capitão, de óculos postos, que os não mandava cavar, que os não tratava por tu e estava ali tão entretido a desenhar. Em vinte e quatro horas tinha conquistado toda a gente, oficiais e soldados e, acima das suas qualidades pessoas ou de artista, todos nos sentiamos encantados pela camaradagem voluntária dalguem que se não impressionava com morteiros e granadas, que nem pensava mesmo nisso, pois — confesso — nunca vi serenidade que se assemelhasse á do nosso «capelão que tirava retratos com um lapis»

. . .

Sousa Lopes desenhou na primeira linha dum sector nessa altura sofrivelmente agitado como se estivesse no seu *atelier* da Rua Mallebranche. Apenas, de quando em quando, perguntava muito delicadamente a um fachina, que passava com uma panêla de rancho, se porventura estava ali perturbando o serviço... A' sua presença na *trincha* deve-se um acrescimo de trabalho verdadeiramente apreciavel. Apenas êle se instalava a caválo sobre uma cadeira para desenhar um canto do *Páteo das Osgas*, logo a um sinaleiro apetezia fixar um fio sôlto, uma estafêta lembrava-se de limpar as passadeiras, o cosinheiro vinha rachar lênhã para a porta do seu cubículo, os impedidos engraxavam com furôr as botas dos patrões e viu-se este caso estupendo do *Menino dos Holofôtes*, creado de quarto do tenente sinaleiro e marau que nunca na sua vida fisêra cousa

nenhuma senão andar enrodilhado num *cache-col* de estimação, pegar numa picarêta e agitar-se numa actividade febril. E' que todos "queriam ficar no retrato."

E, com o seu sorriso fino, piscando os seus olhos míopes, procurando a linha e o tom, Sousa Lopes ia recolhendo para a Posteridade os detalhes daquela ruina tão pitoresca onde viéra acolher se. A' noite, emquanto á luz de algumas vélas, traçava o *fusain* do meu retrato, conversavamos e disia-me o seu desgosto de ter perdido tanto tempo e não ter encontrado até então verdadeiras características que o inspirassem. Fôra necessario vir á trincha para topar algumas. Nas zonas da *rectaguarda* os tipos eram pálidos, esquívos, sem linhas que os vincassem e arrastavam nos seus aspectos físicos a inconsistencia da sua presença moral.

Contava-me tambem anedoctas curiosas. Aquêlê paisano de nascença, que sentira acordar a sua vocação artistica no canto duma farmácia da provincia, aquêlê portuguez lavado pelo espirito francez, observando tão de perto a vida dum exercito em campanha, vendo a guerra sob as granadas sem tomar parte néla, tinha uma facilidade de observação e uma prestêsa de refliexão que nunca encontrei em falso. Já então tinha reunidos todo, os elementos para a sua agua forte, *A rendição*, que ha de ser o elemento capital do nosso museu da guerra. Altos galões lhe tinham aconselhado, porem, que pozesse de parte, pois o movimento da malia, voltando á tona da vida, "não era feito em formatura regulamentar." (!!!)

Das minhas melhores recordações da guerra, uma das que mais profundamente me impressõnaram e me sensibilisaram mesmo foi a convivencia com Sousa Lo

pes, ali nas linhas, nas barbas de Fritz. O corpo expedicionario foi infeliz e mal servido em muitos dos seus aspectos. Foi felicissimo no seu pintor. De toda a documentação artistica a dêle ficará porque foi sinceramente vivida e inteligentemente raciocinada. Depois Sousa Lopes soube ser um optimo soldado. Todos o podemos verificar e foi assim que êle entrou nos nossos corações. Os *lanzudos*, ao vê-lo trabalhar á beira da terra de ninguem, miravam para os lados do *boche* e Folgadinho murmurava: — “E se vem um morteiro?...” Todos pensavamos o mesmo, juntávamo-nos em sua volta como para o proteger e de nós todos o mais serêno era ele. Se alguma vez interrompia o trabalho, era apênas para dizer com a sua voz de pessoa muito bem educada:

— “Não sei se estou incomodando...”

A recóca

Ao sr. José Carril, meu impedido

Folgadinho, apenas chegou á guerra, vendo que não se tratava de nenhum *pic-nic*, vendo tambem — porque não é cego — que da gente de galões mais de metade anda fóra das linhas e o restante, salvo raras excepções, aceitaria de excelente grado um cachapinato caído do ceu numa manhã de bombardeamento, reflectiu e verificou que aqui mesmo na *trincha* e em plena malta ha situações em que, com a ajuda de Deus e da Senhora dos Aflitos, se pode estar mais livre da triste occorrença de ser colhido por uma bala ou por um estilhaço. E passa a vida a sonhar com a *recóca*.

Ha, dentro do batalhão, os *recóqueiros* natos. E' a gente do parque: os tratadôres do gado, os condutores das carroças. Não é evidentemente na trincheira de fogo que se ha de estabelecer o bivaque dos transportes. Não seria de grande prudencia colocá-lo mesmo na linha das baterias de apoio. Põem-no então ainda para trás dos acantonamentos de reserva, quasi ao pé dos quartéis generaes divisionários. E, para os que não ti-

vêram a dita de se poderem encaixar na tranquilidade absoluta das rectaguardas, essa é a grande *recóca*. Ha um bocado mau a passar á noitinha, quando os carros do reabastecimento vem até á *trincha* derramar sobre nós as benções do *corned-beef*, do leite em latas, do pão e da bolacha. O *boche* enche a essas horas as estradas, de moscardos zumbidôres ; mas, havendo o cuidado de caminhar sempre do lado da viatura oposto ao Fritz, poucas são as probabilidades de incómodo. De dia é o socego, é a sonéca á sombra de grandes arvores, a par-tida de bisca ou, quando Deus quer, a perdição da ba-tota armada ás escondidas por detrás daquêle edificio que ha no páteo de todas as *fermes* e se distingue por um numero 100 maiusculo ou um coração recor-tado na espessura da madeira. No parque tem seu pa-lacio o rei dos *recóqueiros* : o cosinheiro do provisor. Este ultimo vive bem, alimenta-se com cuidado, man-tem excelentes relações com os recursos locais e o fa-china qae o serve é um principe. Emquanto na frigideira assobía o refugado e na grande panéla está cosendo a couve flor, lá muito longe a artilharia tosse o seu ca-tarro crónico e o cosinheiro em mangas de camisa ou de camisola de lã vae pensando que, se a guerra é aqui-lo, não havia afinal tantas rasões para ter mêdo déla.

. . .

Na trincha ha os *recóqueiros* profissionaes e os *recó-queiros* ocasionaes. Que me disem ao S. P. C., ao nosso amigo do correio? Vive ao pé do *museu*, num abrigo especial com uma lata á porta destinada a receber a

correspondencia e, grão mestre do carimbo da censura, com uma bicycléta para seu uso, bem tratado por toda a gente que sempre espéra dêle uma carta da familia ou uma encomenda da madrinha de guerra, esse funcionario está quasi garantido. Tem que faser, não ha duvida — é estupendo o que este povo de analfabétos escreve! — mas, enquanto os outros vão ás patrulhas ou cavam e lhes desabam em cima as cataclactas do ceu e os cataclismos de Berta, este está pondo em ordem e atando em macinhos as recomendações á menina Rosária, as saudades para o Manuel da Tenda e a história que o 67 da 1.^a conta á madrinha D. Ermelinda de ter perdido a chave do reducto da 2.^a linha, que custa cinquenta francos e que o *nosso* capitão lhe vae descontar. Durante o dia corre para a Brigada a levar a sua trouxa e buscar a que tão anciosamente esperamos. De caminho faz o seu recado: traz cigarros para o comandante, um pau de sabão de barba para o ajudante, uma gravata para o sr. doutor . . .

Os sargentos e cabos da secretaria tambem são *recó-queiros* de pôlpa. Em constantes *rounds* de *box* com a pasta do copiógrafo, os dêdos sempre roxos da tinta communicativa, ouvindo de quando em quando o mau hnmôr do chefe a quem se exige uma relação que já enviou na antevéspera, afinal sempre chega a hora de irem jantar á companhia de supôrte e serem aí os pessoas importantes que contam os segrêdos de gabinete, dão as noticias secréas e reférem as boas piadas que o *mu-seu* deu á luz durante o dia. São aguardados com impaciência e as novas que trasem, as esperanças de que são portadôres. correm como um rastiiho pela trincheira abaixo.

Dos impedidos dos officiaes do *museu* ne mse fala Quando o patrão vae á linha faser uma ronda ou verificar um serviço, o nosso amigo trata de se esgueirar, de não aparecer para não ser convida lo a servir de ordenança. Se o procuram, vão sempre encontral o no ponto oposto, tendo de súbito descoberto que é preciso escovar a calça comprida, untar de pomada as botas velhas ou puxar o lustro ao cinturão. Se não ha perigo de passeio incómodo, a cosinha atrae-o. O cosinheiro da *mess-mór*, outro *recóca* de se lhe tirar o capacête, tem sempre um petisco que sobêja ou empresta as brasas do fogão para uma frescata suplementar. Discutem cousas várias e não se tratam pelo nome próprio, mas pelo dos officiaes a quem servem. De resto o mesmo succede ás montadas no parque. Não se sabe nunca o numero dos cavalos. Sabe-se, porém, que o alasão inteiro é o *Comandante*, que a piléca que mete os cascos para dentro é o *Ajudante* e assim sucessivamente.

Os estafêtas do batalhão tambem passam entre a malta por estarem na *recóca*. Todo o dia e toda a noite giram trincheira abaixo e acima, a levar e traser despachos. Não tem conto as vêses que tem de andar de cócoras ou de gatas pelos drenos e pelas trincheiras velhas ou de esperar dentro duma cova pue o Fritz ponha termo ás suas manigâncias; mas, porque dormem — quando dormem — cá em cima, porque prívam com o *museu* os Folgadinhos olham-nos de resto e pouco falta para os considerarem embuscados.

Ha ainda o *recóqueiro* ocasional que deve aos seus talentos pessoais a situação privilegiada de que gósa. Temos o alfaiate que, enquanto os camaradinhos vão para a *trincha*, fica na arrecadação do apoio a virar uma farda ou transformando uns calções. Temos o sá pateiro que é habil em ageitar ao pé de cada qual as botas *dreadnoughts* que se compram nas cantinas inglêsas. Ha o carpinteiro que transforma um caixote numa prateleira e uma prateleira num caixote sem o menor embaraço, levando apenas o mais tempo possível. Ha o funileiro que arranja os *souvenirs*, que dum capsula de granada faz um cinzeiro, dum espólêta um tinteiro, dum granada de espingarda um castão de bengala e dum morteiro pesado não rebentado um alfinêta de gravata. Estes pobres *recóqueiros*, cuja *recóca* pode cessar dum dia para o outro, fasem tudo para conservá-la e o seu primeiro cuidado é arranjar uma caixa de ferramenta. Em tendo uma lata fechada a cadeado ou um caixotinho de tampa corrediça julgam-se seguros. Transportam-nos bem á vista, pouco falta para que, á laia de tabolêta, escrevam no capacêta: —“Fulano da 1.ª: alfaiate. Será possível? Uma farda virada por um franco e cincoenta!”. “Cicrano da 3.ª: funileiro em todos os gêneros.”

Pobres *recócas* da trincha, como me divertís e que bem vos entendo! Na hora em que tudo se baralha e se confunde, as vossas imunidades rebentam como bólas de sabão. Bem sei que, quando é preciso e vos chamam ou muita vez de vosso livre desejo, vocês vão onde os outros chegam. Quantos impedidos andaram na zona neutra a dois passos dos seus patrões, prontos a defen-

dê-los como irmãos! Também sei que se pode pedir-vos sacrificios e que, a méido, sois os primeiros a oferecerê-los. Os cosinheiros largarão as suas panélas, o saa pateiro a sua sovéla, os escribas as suas canêtas parpegarem na espingarda e na granada de mão. Mas, em quanto o momento não chega, se é necessario que se remendem calções e se, na proxima licença, um *ananas* alemão transformado em caixa de costura fará sensação num pacato recanto de Portugal, porque não hão de ter a ilusão de folgar um pouco entre a malta alguns destes pobres diabos, que estão aqui esquecidos, quasi abandonados e afinal sempre espreitados pela morte, a qual, ás vêses, por ironía e para que se não ossam fixar principios e sistêmas, vae exactamente atingir aquêles que se julgam mais seguros nas suas *recôcas* e poupa os que, á primeira vista, mais arriscados andam.

As cidades mortas

Em certas tardes de fólga, quando se podia montar a cavalo e galopar uns quilómetros, os passos das nossas montadas levavam-nos infalivelmente áquelas cidades que iam morrendo aos poucos, Armentières, Béthune .. Perfeitamente ao alcance dos canhões *boches*, na linha de passagem dos aeroplanos, centros de tráfico importante, constantemente sobre élas caía a furia destruidôra do inimigo. De cada vez que lá voltávamos, encontrávamos no chão várias das suas casas. Dia a dia iam-se tornando um montão de ruínas onde dentro em pouco só poderiam viver cães e soldados.

A população civil que ainda as habitava, que tinha instalado locandas dentro de compartimentos sem portas, aberto *estaminets* e *for officer's only* nas melhores edificações, que ainda mantinha tristes casas de chá, pobres lojas de modas e quinquilharias baratas, raras vêses era gente dali. Tudo eram refugiados das localidades defronte, das que estão á beira do *boche*. Eram aquélas pobres criaturas moralmente desamparadas, fi-lhas a que faltam as mães, mulheres que perdêram os maridos, expulsas dos seus lares e agarrando-se áquêle

descalabro, vivendo de todos os comércios, vendendo suspensórios e sorrisos, no meio desta formidável miséria que nos acabrunha, se por ventura pensamos nisso.

Os habitantes daquêlas cidades, os que nélas nasceram e tinham a sua vida prêsa ás parêdes que a artilharia inimiga e os torpêdos dos *gothas* e *aviatiks* vão destroçando aos poucos, fugiram um dia, foram para outros pontos da França reconstituir um lar em que se terão sentido estranhos e ao qual regressarão afinal, a alma em pedaços, quando, terminada a guerra e tendo voltado ao seu rincão natal, poderem contemplar o que dêle fez a barbárie da guerra.

Todos nós, civis e militares que por aqui giramos, somos afinal um intrusos que invadiram sem piedade, dura e cinicamente, circulando como senhores, estas ruas e estas casas que outróra tinham quem as amasse, quem lhes ligasse o seu coração.

Se calha de se topar algum que ficou, mais miseravel que os que partiram, mais prêso talvez ás pedras familiares, no fundo dessas almas vamos encontrar uma tristêsa e um constrangimento que gélam o sorriso nos olhos e matam as palavras na bôca.

Que horrivel tragédia a das cidades que aos poucos ão morrendo !

. . .

Certa vez, num acréscimo de ódio e de furôr, o *boche* decide acabar com aquilo. Sobre Armntières caem aos milhares as granadas de gaz; durante tardes inteiras circulam *camions* cheios de ferídos, queimados e cêgos.

Sobre Béthune desencadeiam-se miríades de granadas incendiárias e a grande cidade histórica das guerras da Flandres é durante quasi oito noites um formidavel bra-seiro iluminando muitos quilómetros em redor.

Os que quiséram faser essa peregrinação e tornar a vêr pobres pedras mártires, esverdeadas pelos gases tóxicos ou enegrecidas pelas labarédas, sentiram de súbito uma vontade horrivel de gritar. O mais alto talento não descreve aquêles horrôres. E' um corpo definitivamente morto o que pisamos. E' um corpo retorcido pelo sofrimento, em que certas esquinas ainda de pé parecem mãos enclavinhadas erguendo-se para o céu a pedir socorro. Bréchas grandes, aqui e acolá, abertas no alinhamento das ruas pelos desmoronamentos ou pela explosão duma bomba aérea, parecem largas feridas e a impressão sentida é a mesma que nos aperta a goéla em face dos restos calcinados de certos desgraçados, mortos na trinheiras e feitos pedaços por um morteiro. As cinzas são como o sangue coagulado e escurecido pelo ar ; os interiores híantes das casas abatidas são como ventres rasgados dum só golpe. Nada palpita naquêles cadáveres. Já não são senão a derradeira miséria, o absoluto aniquilamento.

E, como se recorda a vida dum amigo cujo caixão estamos velando, o nosso espirito fantasía a existencia daquêlas cidades dentro dos séculos e do tempo, crescendo e medrando, modificando-se aos poucos e conservando sempre como relíquias os seus mais antigos monumentos á sombra dos quaes as casas novas se erguiam e se juntavam, taes as creanças que aos velhos se chegam para lhes ouvir as histórias.

Armentières, Béthune ! Pouparam-vos os successivos

inimigos que, atravez da História, por vêses se instalaram dentro dos vossos muros. A distância vos foi mantando aos poucos, até descarregar o golpe decisivo, o mais brutal, o mênos piedoso de quantos soldados pas-searam sobre a terra as suas âncias de conquista. Debalde as vossas cathedraes crescêram mais ainda para estender sobre vós a inutil protecção das suas torres sagradas. Foram o primeiro alvo da destruição; eram o ponto de referênciã que guiava a fúria de devastaçãõ. Foram as ultimas a caír tambem. Eram fortes porque eram bêlas; mas que força ha que resista, que belêsa ha que se opõnha a este furaçãõ que ninguem tinha podido sonhar ?

E agora, taes como estão, têm o ar dos soldados que morreram fasendo o seu dever e guardam, na expressãõ serêna da sua face, o orgulhoso sentimento do seu sacrificio. A cruz que ainda resta sobre a arcarfã duma délas parece a Cruz de Guerra posta píedosamente sobre o peito dum heroe sem vida.

• • •

Apoz os dias crueis de Abril fomos estabelecer o nosso bivaque ás portas de Lillers. Mêses antes era a séde do grande Q. G. dum exercito britânico. Era uma cidade cheia de vida, em cuja estaçãõ desembarcavam cada dia oiiciaes ás centenas. Havia mulheres, automoveis circulando, restaurantes, um cinematógrafo. Quando ali passámos pela primeira vez, numa manhã de sol ardente, não havia ninguem. Fôra totalmente evacuada oito dias antes, em parte pelas ordens das au-

toridades, em parte pelo fogo inimigo que arrasára a estação e queria a todo o transe cortar a linha férrea. A artilharia *boche* não fiséra ainda toda a sua obra. Lillers estava quasi intacta. Não tinha um unico vidro ; mas contavam se as suas casas destruídas. Apenas a zona do arrabalde e a da linha férrea tinham sofrido duramente. No emtanto estava totalmente deserta. Apenas a certas esquinas uns velhos escossêses do transito, de saiote e boína, agitavam a suas bandeirinhas para guiar os *camions* que passavam com fragôr.

E era uma sensação extremamente curiosa passear em Lillers abandonada, com a perpétua ameaça duma granada que podia chegar. Nessa cidade, donde a vida humana fugira, as casas viviam e falavam naquêlê silencio de sepulcro. Pareciam soldados alinhados a quem se tivesse dado a ordem de ficar até ao fim e contavam-nos histórias. A casa baixinha, de persianas brancas, escondida atraz dum tardim, disia a felicidade duma familia antes da guerra. No jardim sentavam-se á tarde dois velhos que ali tinham visto crescer os filhos e viam crescer os nêtos. A escola defronte com o seu grande páteo, disia-nos histórias de creanças, a louca galopada das horas de recreio, a grande solenidade do dia de prémios em que pequenos heroes saíam ao lado das mães, levando enfiadas nos braços corôas de papel que eram o orgulho e nas mãos livros de gravuras encadernados em vermelho que iam ser o encanto. Aquêlê *Café de la Place* contava as interminaveis partidas de manilha e de *piquet*, o repicar das bolas no bilhar de dentro. A casa de modas, que se intitula em grandes lêtras *La Ruche* e cujo dôno de barretinho de sêda eu conhecêra naufragado numa humilde aldeia da

rectaguarda, segredava-nos todas as tentações dos seus mostruários, onde, de quando em quando, surgiam para esse canto provincial as novidades de Paris. Falava a velha igreja, falavam o teatro, a a *mairie*, cadeia numa travessa escura. . . Todas aquêlas casas tinham que contar. Acima de todas, porém, falava claramente a loja do sr. Thaine, relojoeiro. Viéra uma granada e acertára-lhe em cheio. Pobre relojoaria, em que estado te puséras o *boche* ! Mas, sobre a tua porta, ficára quasi incolume a tabolêta onde em grandes letras douradas o teu dôno tinha mandado outróra escrever seu nome. A explosão levára apenas a primeira letra e as restantes, brilhando ao sol, eram como um santo e sênha dado ás outras casas, soldados alinhados á espéra da morte: . . . HAINÉ.

Heroes de traser por casa

A guerra de trincheira não fornece aquêlo tipo de heroe que os paisanos de cinquenta anos para cima e as mulheres de desoito anos para baixo esperavam, figura de gravura ou de oleografia atirando-se, com uma espada na mão e um dito histórico na bôca, para o meio da baralha e para o seio da História.

Como se poderá ser heroe segundo esse figurino nesta guerra em que todos andamos entalados entre travéses e párcostas com mil cuidados para que o inimigo nos não veja e nunca conseguindo vê-lo, senão por acaso? Quando ha modo de chegar á fala ou é nas patrulhas em que se rasteja e o grande golpe é saltar em plena escuridão á goêla dum Fritz que se não acautelou suficientemente contra tal surprêsa, ou é no *raid* repellido quasi sempre em confusa baralha sem se saber se o *boche* é um ou cinquenta, se ataca em força pela direita, ou se, pelo contrário, o grande perigo está na esquerda, ou é ainda na incursão á trincheira inimiga e da qual, anunciada como foi por bombardeamento prévio, resulta quasi sempre encontrarem-se apenas uns pobree diabos que não poderam acolher-se a tempo ás suas segundas línas.

O heroe das trincheiras é um heroe obscuro porque trabalha na escuridão e de dia não é tão tólo que se vá metêr no bêco duma aventura sem saída. Mas, se a sua heroicidade não tem espectáculo, nem por isso é menor e ninguem a poderá avaliar tão bem como nós que a praticamos todos em dóse maior ou menor.

O que ha de principalmente heroico na *trincha* é viver néla. Na outra guerra, na guerra de movimento, por muito bem informado que o inimigo estivesse, nunca poderia fixar o alvo da sua acção como aqui, em que, serenamente, com um mapa, um transferidor e uma régua graduada se escolhe com a maxima facilidade um ponto onde ha sempre noventa e cinco probabilidades de se atingir alguém. Somos, até certo ponto, principalmente nesta terra da Flandres, em que não ha meio de organizar abrigos de sofrível resistência, uns tristes bonécos de *pim-pam-pum* de feira dentre os quaes o freguez folgasão pode escolher tranquilamente aquêle que quer deitar abaixo.

Tenho defronte do meu nariz um mapa em que estão marcados todos os pontos interessantes da trincheira *boche*. Sei onde ficam os comandos de batalhão e companhia, os postos de sinais, os depósitos, as cosinhas, tudo enfim. Quem me impede de conudicar á artilharia uma simples referencia composta de duus letras e trez algarismos e fazer saltar o *herr* major que comanda ali defronte? Ninguem. E' um entretenimento que está ao alcance do meu capricho. Quem me garante, entretanto, que a esta hora o citado *herr*, que tem sobre a sua banca um mapa tão completo como o meu, não está pedindo ás suas baterias que façam o possível para me enviarem ou para o hospital ou para um mundo

melhor do que este, ao que se diz? Felizmente, como sem nos conhecermos, temos um pelo outro certa consideração pessoal, contentamo-nos em mandar bombardear, quando é indispensavel, cruzamentos de trincheira, linhas de supôrte e outros pontos por onde Fritz e Folgadinho passeiam sem saberem o perigo que os ameaça.

Porque nada nos garante que não sejamos atingidos dum segundo para o outro, porque durante seis longos dias e seis interminaveis noites temos de nos manter dentro desta prisão de lama, heroes somos nós todos e bastante. O que nos tira o mérito é que acabamos por não calcular que o somos e por viver pacatamente sem a menor ideia de que podemos morrer por violencia. E' uma heroicidade perpétua, obrigatória, professional. Somos uns heroes de traser por casa.

Restam, porém, distincções a fazer. Entre os que vão ás patrulhas, ha os que se oferecem para lá ir e excedem os objectivos, não se prendendo nos nossos arames e indo até aos de Fritz. Ha quem, sabendo que se não recebe a Cruz de Guerra senão em troca de um *boche* vivo, ande nas profundas da *terra de ninguem* com a obsessão de pilhar peço fundo dos calções um saxónio mais pacóvio ou de meter a baionêta aos peitos dum bávaro mais violento.

Nas horas de bombardeamento, quando se sabe que por detrás da baragem estão *boches* prontos a saltar-nos em casa, ha quem sinta de repente a necessidade de ir prevenir o commandante da companhia ou a con-

veniencia urgente de transportar um ferido ao posto de soccorros ; mas ha tambem os que ficam agarrados á linha, fazendo crepitar as espingardas automáticas ou apertando convulsivamente nas mãos as granadas com que se enxótam os importunos.

Certa noite — Augusto Casimiro, um dos meus tenentes, já vos contou esta aventura, — faltou um soldado da patrulha que ao poeta da *Hora de Nuno Alvares* se encomendara na esperança de colher um posto de escuta inimigo, Na manhã seguinte, quando combinavamos outra patrulha para explorar de novo a *terra de niuguem* á cata do perdido, que possivelmente lá podia estar ferido ou cadaver, um soldado veio á porta da caverna-mess onde conversavamos e disse apenas :

— “O soldado que falta está morto dentro duma cratera ao pé do arame *boche*.”

E, como surpósitos lhe perguntássemos donde lhe vinha essa informação, êle muito simplesmente, mostrando-nos a espingarda e o capacete do seu camarada, disse-nos ;

— “E’ que fui lá ver.”

Fôra em plêna manhã, á luz clara do sol, rastejando nas barbas dos vigias e dos *snipers* alemães, até encontrar o corpo do seu amigo. E voltou lá, de dia ainda, a buscá-lo com dois maqueiros, acenando, é certo, com a cruz vermelha dos braçoes, mas sem a menor garantia de que Fritz não aproveitasse o ensejo para o varrer com uma metralhadôra.

Não poderei esquecer tão pouco a frase altamente pitoresca dum estafêta regressando da primeira linha sob um violentissimo bombardeamento e a quem nervosamente se perguntava :

— “Então ? Que ha ?

Com o seu sorriso mais tranquilo, no estrondear formidável dos morteiros e granadas cahindo ás d'úsias, falando o seu rude falar de soldado, êle explicou :

— “Tudo fixé ! Não ha empêno. Aquilo lá em baixo é um lascar de fogo que é mesmo um louvar a Deus !

Outros então faziam quotidianamente e sob um perigo constante as tarefas mais ingratas sem nunca se queixarem nem procurarem fugir a élas. Durante longos meses de trincheira, mestre Barata, chefe da minha banda de corneteiros, que deveria ficar tranquilo no acantonamento, pois os seus méritos sinfónicos não tinham applicação naquélas regiões, passou cada noite quatro e cinco horas no encargo da distribuição de material. Ia com as fachinas buscá-lo aos depósitos por meio dum *décauville* que todas as noites recebia alguns milhares de balas. Levava-o depois pelo mesmo processo até á segunda linha por caminhos ainda peores e aí o dividia e o entregava. Em certas noites não havia ao ar livre senão mestre Barata e os seus fâmulos, os quaes mudavam cada vinte e quatro horas, ao passo que êle ficava sempre. A lama dava pelos queiros, não se via um palmo adeante do nariz, as bâtegas d'agua ou as rajadas de neve quasi nos derrubavam. Tranquilamente instaladas nas suas casas de *béton* as metralhadôras inimigas faziam o peor serviço e salpicavam de morte as nossas terceiras linhas. . . E, emquanto no *museu* todos se enroscavam junto do fogão e estendiam para as brasas as mãos encarquilhadas, alguém pedia licença á porta. Era

mestre Barata que vinha participar que várias dificuldades tinham surgido, mas que êle tudo resolvera afinal a contento de todos. E lá se ia, dado o seu recado, gotejando de lama ou vestido de neve, para recommençar no dia seguinte.

São assim os heroes de que se não fala senão quando uma bala estúpida acerta eufim nesses pobres cântaros fartos de ir silenciosamente á fonte.

A terra imortal

*Aos alferes Michaud e Mercuel do exército
francez, camaradas queridos!*

Mestre Carril, natural de Tóla, concelho de Penêla, meu aio e impedido, abre devagar a porta do meu abrigo e entra com um braçado de flores. Dentro em pouco, distribuidas pelas capsulas de granadas de 7,5 que me servem de jarras, ha naquêla caverna de troglodita uma grande rajada de luz. Sobre os meus retratos queridos abre-se a umbêla protectora do carinho da terra de França e mais um sorriso me acompanha, um sorriso triste que teve suas raíses numa terra adubada de mortos que morreram bem.

As flores de trincheira são irmãs das flores de cemitério. Disem o mesmo protesto da Vida contra a Morte; clamam como êlas que a Terra não morre e dará amanhã aos que vierem as mesmas bençãos que hontem concedia aos que se fôram. A Terra imortal fornece nos a maior lição de humildade. Todos que aqui estamos, por maiores e melhores que a nossa vaidade nos faça supôr que podemos ser, ao mirarmos a grande mortalha florida que cobre tantos mortos, temos de pensar fatalmente

ria nossa pequenez, de cismar que, se uma bala ou um estilhaço nos matar, a Vida não parará por isso e não deixará de romper pelos campos fôra os canticos eternos, pequenas flores frageis e delicadas que um sôpro desfaz, fartos campos de pão que cada ano se renovam, arvores a cuja sombra as gerações successivas se sentam,

Nunca contra a Terra um inimigo maior se levantou do que esta guerra. Impiedósamente lhe diz, em desafio: — “Sobre ti desabarão os cataclismos. Rasgar-te-ei até ás entranhas com as minhas maquinas infernaes. Destroçar-te-ei, far-te-ei pedaços. Derrubarei as copas que alimentaste, espalharei aos quatro ventos a tua superficie e os meus engênhos mais potentes irão fundo revolver a tua alma. Mudarei o teu aspecto. Aquêles que te queriam não te reconhecerão, mutilada, desfeada, transformada . . .” E faz o que promete. Desencadeiam-se contra a Terra os horrôres da sua terrível inimiga. Voa em estilhaços uma linda aldeia, desvía-se um curso de água, desaparece uma estrada, os caminhos confundem-se, a varíola das cratêras e dos funis de granada estende-se sem piedade. . . Chega porem a Primavera, um dia de sol e a Terra, que poderíamos supôr morta, parece estirar-se como uma formosa que desperta e ali, na cova profunda de um *minenwerfer*, uma florinha azul aparece que mestre Carril irá de rastos buscar para a pôr, como um sorriso, sobre a minha mêsá.

A Terra é a grande amiga do soldado. Nas horas em que cismamos no nosso isolamento, no nosso possível destino, é da terra que pisamos que nos volta a confiança. É ela que nos diz nas suas mil vozes mudas que a Violência é inútil, que amanhã será um grande dia, que os cataclismos passam e a Vida se perpétua. É ela que alimenta o nosso heroísmo feito mais de passividade do que de acção. É a grande companheira, a que entende a guerra melhor que todos os corações que nos amam, porque também a sofre, porque a vê com os mesmos olhos com que nós a vemos.

A sua existência é paralela da nossa. Quando folgamos e o inimigo nos deixa repousar, este pedaço de chão é para nós banco de descanso, preguiçeira de sonho, mēsa de jantar e secretária de escrita. Logo, quando rebentar o bombardeamento, será travez, párcostas posto de observação e trincheira de combate. Tem ares trágicos agora, daqui a pouco terá aspectos rústicos e quasi idílicos. Hoje é campo de batalha, amanhã será recanto de merenda. Nos momentos de horror encolhe as suas flores, como nós crispamos os nossos sorrisos; nas horas de socêgo élas reaparecem, balouçam-se ao vento, tal como na nossa face se espêlha a nossa inconsciente resignação ou a nossa egoísta felicidade de viver ainda.

Vendo que estamos para aqui isolados, procura distraír-nos. Chama os seus passaros para que cantem na folhagem, salpica de insectos as suas aguas paradas, agita a rama das suas árvores, cobre as ruínas com as apoteoses teatraes dos seus pôres de sol. De noite divide o

luar em inverosímeis efeitos, acumula as suas mais estranhas fantasmagorias e, quando nos podíamos supôr sósinhos, a Terra segréda-nos: — “Estou aqui, tal como era ha cincoenta anos, tal como serei daqui a trez seculos.” Só éla nos afirma que este inferno não é difinitivo, que um dia se voltará a tudo quanto vimos e quanto conhecemos. Tem para nós aquêlê amistoso confôrto que só pode dar a experiencia. A terra é um amigo muito velho. O que éla tem visto! E, quando a nossa pequenez se assombra, diz-nos: — “Deixem lá! Estou farta de assistir a estas cousas e cá estou ainda.” Que leva a guerra afinal? O trabalho transitório do homem. A Terra fica e néla ámanhã se poderão tornar a cavar os alicérces de novas casas, tão facilmente como néla hoje se cavam as sepulturas novas. Sobre as campas que são rasas estenderá as flores rasteiras; pelas parêdes que são altas fará subir as trepadeiras ageis.

* * *

Abro a porta do meu abrigo. Defronte ha um largo pasto que só espéra que voltem as vacas cinzentas de outróra. As árvores da beira do drêno estão cobertas de verdura. Os ramos cortados pelas balas das metralhadôras pendem com garridice e certa graça. O grande asinheiro, que uma granada feriu em cheio, enfeitado como está pelos seus rebentos novos, parece um mutilado de flor ao peito. O ceu azul é tão tranquilo e firme que o avião *boche* que passeia ao alto é um passaro a mais naquêla serenidade. A granada que passa lá em

cima e vae matar não sei onde é um zumbido em que se não repára.

A terra removida á minha porta afim de se compôr o pára estilhaços trouxe sementes consigo para a sua prisão de taipaes e oito dias bastaram para a encher de alegria e faser déla um canteiro. Entalado entre dois sacos de terra pende do meu telhado um tufo de gramineas tenues como uma penugem, que a aragem agita como cabêlos sôltos de mulher. O meu cão estira-se ao sol. Em cima de um fio telefónico pousa um pardal e põe-se de conversa com um parceiro que saltita sobre as passadeiras. Tenho pêna de os não entender nésta manhã gloriosa e soberba, pois são os pequênos que melhor sabem falar das cousas grandes. Inconscientemente, ponho-me a cantarolar uma toada de Portugal.

Circulam os soldados. Poséram-se em mangas de camisa e todos trazem no rosto o contentamento da terra que pisam. Logo, quando a noite caír e o perigo se avisinhar, as sombras e a ameaça farão de bronze aquélas faces rudes. Agora são homens que vivem da vida que a grande mãe carinhosa lhes empresta. Crêm em si próprios, existem e cismam em mil pequenas taréfas que lhes lembram o tempo em que não eram escravos deste pesadêlo. Alguns cantarólam como eu. Interpélam-se de longe, gracêjam e falam de cousas futeis, os pés assentes sobre mortos que defenderam outróra a terra que êles agora defendem.

O vento faz ondear aservas húmidas do pasto, traz-nos ao rôsto uma caricia forte a que abrimos gostosamente os pulmões e um arôma campesino que vamos haurindo com sofreguidão. A ideia da guerra desaparece e, com surprêsa nossa, ribombam de súbito as deto-

nações de baterias proximas. Que será aquilo? E, por muito que aquele estridôr nos queira perturbar, o nosso espirito continúa a embeber-se deliciosamente na canção formidavel que toda a Terra murmura no pipilar dos seus pardaes, no ramalhar das suas arvores, no grande frémido doce que passa e faz ondear as hervas tenras da grande *patûre* abandonada.

A rua do Imperador

"Duas companhias de batalhão guarnecerão os postos da extrema esquerda da linha dos Aldeias, outras duas acantonarão na Emperor's Road."

Ha quatro dias estamos cumprindo esta ordem extravagante que nos coloca sem defesa sob o fôgo mais violento da artilharia *boche* em redutos donde mal podemos ver as terceiras linhas do sector que abandonámos e num ramal de estrada onde restam trez ou quatro *fermes* em ruínas e na extremidade do qual, a tresentos metros uma da outra, duas baterias de artilharia pesada inglêsa provocam sem cessar o trabalho de contra-bateria inimigo.

Na situação de reserva em que nos encontramos tinhamos sonhado um acantonamento um pouco distante e repousado donde viriamos rapidamente na hora necessária ocupar posições de resistencia e contra ataque. De súbito indicam-nos este destino : estarmos aqui longos dias sem vermos ao menos, como nas trincheiras, a linha do inimigo, sem fazermos contra êle um unico tiro e sujeitos ao dilúvio de metralha com que fustiga sem des-

canço á nossa ilharga as peças de 15 e de 21 britânicas e, em tórno de nós, as nossas peças de campanha disseminadas pelos arredóres.

Paralélo á Rua do Imperador, a dusetos metros á rectaguarda, circula constantemente um *décauville* de munições que os aviões e os *drachens* referenciaram e o *boche* martéla todo o dia e toda a noite. Os seus elementos de observação também lhe indicaram que os postos da *Village line*, reconstituídos ultimamente, estão anormalmente ocupados. Sôbre êles e sem repouso chovem granadas de 7,7 e de gaz, desde que, irónicamente e como a prevenir-nos de que estavamos descobertos, a artilharia inimiga com a maxima méstria plantou certa manhã um projectil na direita e na esquerda de cada posto.

Estamos prêsos numa gaiola de morte e ninguem nos explica o que aqui estamos fasendo. Os artilheiros enfurêcem-se comnosco. O nosso movimento chama a atenção dos passarinhos trigueiros e das "salchichas," que nos espreitam. Nós amaldiçoamos os artilheiros, cujos *frétes* quasi ininterruptos chamam a represália inimiga, e aqui estamos todos para morrer de graça, dados de presente a Bertha e aos seus serventes. Não ha medidas de precaução possivel. Nes redutos não existe sequer a sombra dum abrigo ; um sopro maior do vento desfaria as velhas *fermes* abandonadas da Rua do Imperador. Não podemos abandonar os postos que nos designaram. O que nos resta faser ? Esperar. O quê ? Uma granada que nos acerte em cheio ou um estilhaço que nos colha de flanco. Ha perspectivas mais risonhas, hão de concordar !... Temos desde o começo deste mez de Março mais baixas do que em oito mêses de

trincheira. O tempo não está mau, faz sol ás vezes, hontem houve luar . . .

O peor desta aventura é o maldito gaz. O *boche* metodicamente entremeia os seus projecteis de cruz amarela com as granadas de tempos e de percussão. No estridôr destas ultimas não se apercebe o rebentar mais surdo dos engênhos toxicos. Tem corrido constantemente um vento variavel que passeia o venêno e a cada instante vêm ao P. S., instalado num velho casinhôto, incautos que não puséram a tempo a máscara e começam a tossir ou cujos olhos corrofdos se injectam de sangue e se vão cerrando pouco a pouco. A minha gente anda dispersa. O alojamento da terceira companhia foi já atingido duas vêses, encostado como está a uma das baterias. No bolêto dos officiaes da segunda entrou, rompendo a parêde, uma granada que, felizmente, atingiu apenas o impermeavel dum alfêres por ter chegado a horas em que ninguem ali estava. Os soldados andam de dia pelo campo, deitando-se em vâlas ou escondendo-se em médas de trigo. Tentei opôr me um pouco áquêla quási debandada, mandando pôr uma tarde a minha mêsa no meio da estrada e convidando para um chá ao ar livre dois ou trez officiaes que me acompanham ; mas reflecti depois que melhor seria marcar pontos de espêra onde os meus rapases se mantivessem enquanto duram as rajadas. O cosinheiro da terceira não tem largado as suas panélas. Ficou sósinho junto da pessima visinhança britânica. Vários soldados foram feridos em volta dêle ; mas, heroe á sua moda, deixa-se estar e manda diser á hora do costume ao seu tenente que o rancho está pronto.

A nossa Brigada, cujas imediações foram bombardea-

das, marchou para perto da Divisão. A Brigada ao lado também descafu para mais seguras paragens e até o comando do grupo de artilharia se retirou. Todos reconhecem que a zona está inhabitavel, a não ser pela *mal-*. Não temos ligações telegráficas directas e os meus ciclistas, circulando numa zona batidissima, levam horas e fazem prodigios para chegar ao seu destino. Como o desgaste é continuo, como este capricho me vae já custando em poucos dias mais de dusetos homens e dez officiaes, mandei ordem ao meu depósito de convalescentes estabelecido a alguns quilómetros para avancarem os que podessem fasê-lo e com êles o medico encarregado de os tratar. Alguem que passa, vindo das trincheiras, conta-me que por lá a temporada tem sido tranquila e safa-se lépido. exclamando — "*No bonne!*"

. . .

De súbito uma tarde, entre muitas outras, uma de-
onação . . . Mal ouvimos o silvo que a antecedeu. Esta
foi absolutamente para nós, a cinquenta metros do coman-
do, em cheio sobre o Posto de Soccorros que estava
apinhado de doentes suspeitos de gaz. De lá vem cor-
rendo, direita a mim, uma multidão espavorida. Alguns
caem na estrada, outros rolam-lhes por cima, outros
ainda metem-se sem hesitar na água lodosa dos drênos.
O primeiro que pode falar explica que deve haver mor-
tos e feridos e, rapidamente, antes que chégue outra gra-
nada, precipitam-se os mais ousados para o posto donde
sae o médico J. . . C. . . e donde vêm já sacando em
braços e em macas as pobres vitimas daquêlê horror.

A casa mais perto é a ruína onde instalei o meu comando e fazemos *mess* de officiaes. Para ali ha que mudar o posto e, enquanto peço a um batalhão visinho um médico de reforço e as estafêtas cavalgam as bicyclêtas para irem prevenir a Brigada e, á cautela, chamar auto-ambulâncias mais proximas, a casa, o páteo, enchem-se de feridos. Um dêles tem uma perna cortada cêrce ao tronco, os intestinos de fóra e os excrementos saindo dêles. O rosto de outro é como as bolas de alcatrão que as creanças amassam para se divertirem e apenas ressaltam os dentes brancos na pasta negra que forma toda a face. Um terceiro tem a cara rasgada transversalmente e pendem lhe os lábios da ferida, deixando um rasto de sangue. Outros sufócã, roídos pelo gaz e, de repente, uma segunda granada chega, passa paralela á aba do nosso telhado e vae estourar na pastagem mesmo atrás da casa. Estamos referenciados em absoluto.

-- "Que fazemos? me pergunta o médico,

— "Ficar. Você para os tratar e eu para lhe faser companhia.

Enxota-se a malta que inconscientemente se juntara á porta e na massa da qual outro projectil pode talhar o mesmo trabalho de ha pouco. Ficamos ali, quatro ou cinco pessoas, numa atmosphêra empestada de gaz, entre os gemidos dos feridos, fazendo-se-lhes os primeiros curativos. Dois ou trez não tem remédio. De resto, morrerão daqui a pouco nas auto-ambulâncias que não ha meio de chegarem. O peor de todos fala. Péde que o tratem, suplíca pouco depois que lhe dêem um tiro, por fim insulta-nos e as mais grosseiras obscenidades silvam na sua boca crispada. O estertôr dum outro ao

lado é como o sôpro duma forja. Uma voz chora num canto: — “Minha mãe! minha mãe!”

Chegou o médico do batalhão ao lado e já vão sahindo amparados, o rosto e as mãos cobertos de pensos brancos, alguns desgraçados que cêdem o seu lugar aos que esperam ainda no pátio e sobre a cabeça dos quaes passam, em série e com interválos matemáticos, as granadas que vão rebentar na *pature* da casa e cujos estilhaços voltam em feixe por cima do nosso telhado. Um tiro trinta metros mais curto e estamos todos liquidados. Os dois clinicos, um enfermeiro, um impedido, o cosinheiro que retirou do fogão a frigideira onde alouravam as batatas do nosso jantar para que as chamas absorvam um pouco o gaz impregnado nas roupas dos feridos, todos trabalham agil e nervosamente, com a pinça da mascara entalando o nariz e o bocal vedando a bôca. Quasi todos os curativos possiveis estão feitos. Resta apenas tratar os miseraveis agonisantes na cosinha sobre as macas, o que continua a rogar que o matem, o do estertôr violento, o que chora baixinho pela pobre mãe, aquêles a quem nada se pode faser.

Com fragôr, na maxima velocidade, aparêce finalmente um automovel cedido pelo posto de soccorros mais próximo. Introdusem-se com cautêla as macas, enquanto uma granada, estoirando próximo, faz esconder o *chauffeur* de gatas sob o carro. Os feridos, que podem ir sentados ou encostados, acumulam-se dentro da viatura, que parte sem a certêsa de levar inteira ao seu destino a sua triste carga dolorida. Estão chegando nesse instante os convalescentes que puderam vir e já um outro cortejo dos intoxicados e contusos,

conseguindo seguir por seu pé, se põe em marcha por pequenos grupos naquêla Rua do Imperador, bombardeada agora nos seus dois extremos, e onde estamos condenados a viver ainda horas como as que acabam de passar.

* * *

E' para que esta historia tenha o seu lado trágicamente cómico, todos nós somos sacudidos dum rico interminavel e nervoso, quando, á noitinha, acalmado um pouco o furacão em que vibrámos toda a tarde, chegam enfim noticias da Brigada, a tal que se foi acochar para a rectaguarda. Numa nota responde á nossa comunicação da urgência de evacuar casos gravissimos com a indicação de que as requisições devem ser dirigidas, conforme determina certa alinea de certa ordem, á C. A. T. F. — Coluna Automovel de Transporte de Feridos, segundo uns, segundo outros e dada a qualidade das pessoas que a dirigem, Combinação Automática de Transporte de "Formigas,"

A veneravel Ordem da "cava,

A necessidade de descer ás *caves* para tentar escapar aos bombardeamentos de artilharia ou aéreos creou na lingua francêsa o verbo *caver*. "*Nous avons cavé trois fois la nuit passée*", dir-vos-ão correntamente os habitantes do Aire e Santo Omer, de Boulogne e mesmo de Paris, contando vos a ultima noite dum *gotha*. De *caver* provem em portuguez "cavar". Na sua primeira acepção o *cavanço* era o único recurso que tinhamos para nos opôrmos a violências contra as quaes não ha resistênciã directã possivel. A grande escola do *cavanço* é a *trincha*. Que faser perante um morteiro ou uma grã-nada, cuja chegada se anuncia com grande instrumental, senão procurar o travez atraz do qual nos escondãmos, a trincheira velha onde nos agachêmos, o drêno onde nos ponhãmos de barriga para baixo? Todos *cavam*, com relativa serenidade uns, outros sem método e com precipitação. E' difficil, porém, fixar os verdadeiros principios do *Manual do perfeito cavador*. As circumstancias variã ao infinito e raras vêses dão tempo a

que se procure o capitulo e a regra a aplicar. O *çavanço* é uma ciencia de intuição quasi sempre e é duas horas depois, quando terminou o trabalho *boche*, que os que se présam de entender da matéria conseguem enunciar o método pelo qual se deviam ter guiado os que, a essa hora, espéram no posto de socorros a auto ambulância que os evacûe.

A artilharia é mais simples de perceber. Tudo está em não apanhar em cheio as primeiras granadas. Quem tiver ensêjo de poder presenciar uma dúsia de "chegadas" conclue com certa segurança. O tiro é feito por trez peças: a primeira atira sobre o W. C. da 4.^a, a segunda cinquenta metros á direita, a terceira cinquenta metros á esquerda. Dada a zôna de dispersão dos estilhaços, um *lanzudo*, se não fôr tólo de todo, já sabe que, sentando-se á sombra de determinada arvore, está tão tranquilo como se pertencesse á terceira reserva não mobilisavel. Acende o seu cachimbo, deixa correr o aço e o ferro fundido e espéra tranquilamente que o serviço acabe, a não ser que venha um tiro mais curto ou mais comprido e o mate, o que é extremamente lamentavel debaixo de todos os pontos de vista.

O morteiro é mais próprio de surprésas desagradaveis para aquêles a quem é destinado. E' uma arma grosseira e de tiro incerto, principalmente tratando se de morteiro ligeiro ou médio. Vem um pouco ao acaso e tem desvíos formidaveis. Para esse não ha senão o recurso do escalonamento em profundidade. Se mestre Folgadinho está de serviço em primeira linha e esta é batida de repente por morteiros, o único meio de poupar o esquelêto é ir com certa prestêsa ao depósito de companhia ver se ha arame farpado para concertinas ou

se já chegaram as folhas de zinco para os abrigos que se tencionavam construir.

O bom *cavador* deve guardar para seu uso o que sabe ou julga saber. Nesta guerra de *trincha* cada um trata de si e Deus trata de todos. Na altura própria cada qual se governa e *cava* conforme pode. As pernas sabem todos para que as querem e conheço um marau que durante meses guardou segrêdo dum velho posto de observação abandonado, onde na altura em que as cousas estavam mais prêtas, ia tranquilamente dormir a sésta e ressonar de assobío.

A maxima fundamental do *cavanço* é a seguinte: — “Não ouves cantar a granada que te mata”. Se temos tempo de ouvir silvar no ar o projectil que chêga, podemos estar garantidos que não é na nossa freguesia que rebenta e então ha tempo para fixarmos o seu ponto de quêda, para determinar o raio d’acção das particulas em que se fracciona e para nos pômos longe dum e fóra do alcance das outras. O *lanzudo* diz a meúdo:

— “Deus me livre da primeira que das outras me livrarei eu!”

Ha tambem em matéria de *cavanço*, superstições e convicções singulares. Numa noite de *raid* de aviões vi na bérma duma estrada um enfermeiro colado ao talude e cobrindo a cabeça com um tufo de hervas o qual teria o volume dum daquêles mangericões que se compram na praça da Figueira.

— “Que fases tu aí? indaguei eu surprêso.

— “E para livrar dos estilhaços, me respondeu êle e não tentei persuadi-lo do contrário, pois nunca, como aqui, me convenci que vale mais cortar uma perna a um homem do que tirar-lhe uma illusão.

A rectaguarda estragou o verbo *cavar*. A rectaguarda estraga tudo. Dum vocábulo até certo ponto heroico fez uma cousa ignobil, sinónima de fugir. *Cavar* para a Base, *cavar* para a junta, *cavar* para Portugal... Sobre o *cavanço* se fiséram cantigas de fado em que os poetas, ignobeis *cachapins* de meia tigéla, apresentavam o C. E. P. todo disposto a *cavar* quando calhasse, desde o general em chefe até ao ultimo fachina. Essas imbecilidades circulavam e desmoralisavam a *trincha*.

A veneravel ordem da *cava*, cujo manto era aquêlê *capindó* de borracha que nem todos tivéram a honra de usar e serviu de mortalha a tantos, foi invadida por uma multidão inumeravel. O *cavar*, que era a nossa defêsa, tornou-se uma baixêsa ao alcance de todas as cobardias. Em certas horas dolorosas, quando se indagava o que sucedêra a creaturas sobre as quaes pesavam as mais altas responsabilidades, explicavam-nos:

— “*Cavaram!*”

E tinham-no feito, não como nós o fiséramos durante mêses dentro da Morte, mas por estradas direitas e tranquilas onde os pneumaticos dos automoveis rodavam céleres e a ameaça era minima. Desde então o *cavar* foi uma vergonha, uma baixêsa que já se não podia faser senão ás escondidas. Antigamente o *cavador* era um homem que se defendia. Depois de certa data podia parecer um cobarde que fugia. Desde que o *cavanço* alargando de desênas de metros a desênas de quitómetros, se estendêra aos que mênos expostos estavam, passou a ser uma prática deshonorosa. O que era vanglória de alguns tornou-se vilania de muitos. O

que constituía um direito, direito indiscutível da *malta*, ficou como uma nódoa indelevel sobre o exercito todo.

— “*Cavei*, disia ha mêses com orgulho o *lanzudo* coberto de lama.

— “Que remédio tive eu senão *cavar*, explicava embaraçadamente o *cachapim* de barba feita e colarinho lavado.

Como era necessário salvar a honra do convento, a *malta* atirada novamente para deante depois dos dias terriveis da derrota, já não ousava *cavar* ás claras. Quando eram ás dúzias os aviões por cima dos bivacques, quando, durante horas consecutivas, nos pairava sobre a cabeça o *ram-ram* enervante dos motôres, era de rastos e por entre os cordões de sentinêlas, dolorosamente empertigadas dentro do seu dever, que, á sorrelfa e como que praticando o crime mais vergonhoso do soldado; o da deserção, sombras se escapulíam das barracas e dos acantonamentos e iam para os grandes campos de trigo procurar á beira das trincheiras recém-abertas uma illusória defêsa contra a formidavel ameaça que zumbia no ar, a tresentos ou quatrocentos metros, na claridade leitosa do luar.

Por honra própria e de todos, certos chefes mantinham-se no seu lugar e blasonavam de serênos. Afinal tudo eram farroncas inuteis. Uma grande desgraça irremediavel podia succeder dum momento para outro que lhes acarretería, se escapassem, inolvidaveis remorsos. O grande e único remédio ali era *cavar*, dispersar-se metódicamente o aglomeramento mais ou menos visível, mais ou mênos referenciado, que não oferecia a minima segurança. Ordená-lo era mesmo o dever den-

tro da obrigação directa e insofismável de poupar aquêles cujo comando se exerce.

Infelizmente tinha-se feito do *cavar* uma resolução inferior. Quem a adoptasse, mesmo em presença dum grande perigo, irmanava-se ao grande rebanho de Panûrgio que o panico impelira certo dia adeante de si. E ficava-se, enquanto nas dobras sombrias da Noite havia um formigueiro obscuro dos que, sendo inconscientemente heroes todo o dia, não tinham força de vontade bastante para sê-lo com decisão um bocado de noite e não conseguiam dominar os seus nervos sob o rouquejar monôtono das aves de Morte que andavam pelo céu perseguidas pelos focos dos projectores, pelas metralhadoras esparsas nas visinhanças por todas as baterias aéreas dos arredores.

⊙ mosqueiro da batalha

Aos que caíram bem em 9 de Abril.

Estamos na madrugada de nove de Abril. O meu batalhão, saído da *trincha* às trez horas da madrugada de sete, chegou ontem pelo meio dia a Boseghem, aldeia a dôse quilometros do *front*, ainda tranquila ha dois dias e que acaba de viver horas agitadas, invadida como foi de súbito pelos bandos dum batalhão insubordinado que se rendeu horas depois perante a ameaça de absoluta liquidação pelas baterias inglesas semeadas a toda a pressa em tórno desse fóco de revolta. Vamos partir dentro dalgumas horas para um longo repouso, o primeiro que nos dão. Tomarêmos para isso um comboio numa estação proxima ⁽¹⁾ e á tarde estarêmos perto do mar. Uma brigada para lá sahiu ha pouco; o que sobra da nossa, o quartel general de divisão e o resto dos serviços são nossos visinhos e estão repartidos pelas localidades proximas.

Já vem amanhecendo; mas um nevoeiro bastante espesso ensombra os vultos das casas ainda adormecidas e as ruas onde circulam alguns raros madrugadôres. Subita-

¹ Thiennez.

mente a artilharia desperta ao longe. O seu rumôr avoluma-se e torna-se dentro em pouco como o marulhar duma onda brava batendo a rocha sem descanço. O longínquo horisonte ilumina-se sucessivamente. Na véspera, na antevéspera, todos os nossos canhões batêram sem repouso a zona da rectaguarda *boche* onde se apercebiam movimentos insólitos de tropas e víaturas. Será a continuação desse trabalho? A esta distância não é possível distinguir o som do fogo e o dos rebentamentos. O rumôr não cessa um minuto e em breve toda a aldeia se agita. Todos se erguêram para saber o que ha. De quando em quando ouvem-se perto as *chegadas* da artilharia mais pesada. O inimigo está regando as nossas zonas recuadas. As nossas peças grossas ripostam. Temos a impressão de que cousas formidaveis se estão passando. As horas vão decorrendo sem que aquêlê furação abrañde. Os nossos ouvidos afeitos a taes tempestades reconhecem que esta é a maior de todas.

E' chegado, porem, o momento de partir e tomar o comboio. Não acreditamos que não chegue uma contraordem que nos detêna. Sem termos a menor indicação, o menor esclarecimento, advinhamos que uma horrivel tragédia se está desenrolando e parece-nos impossivel que não sejamos chamados a tomar parte néla. As cornêtas vão fazendo os toques. Pelos cantos vão-se agrupando as frações e o rumôr não cessa. A ultima barragem, a mais pesada, não deve estar longe do nosso grande quartel general, a alguns quilómetros daqui.

Forma-se afinal o batalhão. Todos, sem falar, contraíndo a face, fazem maquinalmente os movimentos, enquanto o marulhar da onda terrivel se ouve ininterruptamente, enervadôramente. Seguimos para a estação.

Crusamos fracções doutras unidades que para lá se encaminham. Toda aquélla multidão volta os olhos para a distancia onde está o mistério e sente-se uma estranha flutuação em todos os espiritos. Chegamos á pequena *gare* onde trez grandes comboios aguardam a brigada. Dois estão cheios já. Soldados escapados dos seus compartimentos, retardatários que chegam, formam entre os carris e os caes um formigueiro confuso. Estão ali chefes e é preciso manter uma tradição. Uma ordem breve circula pela interminavel bicha do batalhão, os homens emperdigam se, alinham-se as fileiras, sôam as cornêtas, rufam as caixas e o batalhão desfila como em parada para junto dos vagões que lhe são destinados.

Continuámos a não saber nada. A convicção optimista é que se trata dum *raid* importante ou duma demonstração de artilharia. Os homens estão embarcados, chega o momento da partida e, enquanto lá longe a tempestade insiste e perto se ouve o rebentar dos grossos projecteis, os comboios põem-se em andamento. Meia hora depois não se ouvia mais nada.

. * .

A' noite eramos chegados a uma linda aldeia, quasi á beira do mar. Era enfim a tranquillidade, grandes encostas arborisadas em vez da terra interminavelmente plana, aguas correntes em vez de drênos lodosos e canaes parados, casas intactas e garridas em vez de tristes pardieiros em ruínas. Cada qual busca instalar-se no seu bolêto. Era a alegria de estar, ao cabo de dez mezes de frente, num descanso absoluto.

Repentinamente uma notícia estupênda corre como

um rastilho pela povoação : — “Os *boches* estão em Laventie.” Quem o disse ? Um oficial que acaba de chegar num *camion*. Detalhes não os conhece. Safu de Borseghem pouco depois de nós e contára-lhe a tragédia um grupo que passava atulhando um carro de esquadrão a toda a brida. O que fazem as nossas tropas ? Resistem, ao que parece. Laventie tomado seria a extrema esquerda da nossa linha fortemente excedida, a invasão completa de parte do nossos sistema defensivo. Começam a chegar outras novas. O desastre é maior. Os *boches* estão em Vieille Chapelle, o outro extremo do *front* que defendíamos desde Junho do ano passado. Nesse caso, é todo o Corpo Expedicionário repellido.

Então começa para nós a noite do Calvário. A estrada sobre que está situado o nosso acantonamento principia a povoar-se de gente que o espirito e a lógica mal compreendem que já ali esteja. Passam viaturas, cujos conductores chicoteam as mulas violentamente e não querem parar. Surgem soldados desarmados, sem equipamento, que pertencem aos parques de unidades que deixámos na frente, Só sabem contar de barragens treçadas, caíndo de repente, enrodilhando tudo num torvelinho espantoso. Horas passadas, o luar ilumina fracções da brigada que recolheu antes de nós á rectaguarda pela via ordinária e vem chegando tocada pela ância que sentimos caminhar para nós.

Officiaes que aparecem de relance pedem-nos de comer e não podem diser-nos senão aquélas cousas vagas, cuja noticia percorre quilometros em minutos, nasas do vento e da desgraça. O que ha de positivo é que fomos violentamente atacados e não podémos suster o embate. O. Q. G. da Brigada, instalado a dois

passos num *chateau* imponente, tambem está sem noticias precisas e não sabe como obtê-las. Interrogamos febrilmente os que vão chegando, atulhando a estrada, peijando-a na escuridão. E vão-se acumulando detalhes, citando nomes, dando indicações. . .

Sabemos as unidades que ocupavam determinados pontos sobre os quaes caiu o principal esforço inimigo. Todas ellas, tendo occupado na véspera sectores e postos que mal conheciam, foram colhidas de roldão por uma voragem que apenas se podia prever por vagas informações da ultima hora. Aparece como certo que o *boche* atacou no melhor momento, em plena rendição, quando todo o sector português estava em movimento e antes que as divisões inglesas destinadas a substituir as nossas, reconhecidamente extenuadas, tivessem chegado á frente. A rede de espionagem dentro da qual viviamos e contra a qual não sabiamos precaver nos indicou-lhe o dia próprio e o momento mais favoravel. Todos quantos nos ultimos dias tinhamos reflectido na precipitação das nossas deslocações, febrilmente executadas desde que a insubordinação começara lavrando em roupas inutilmente sacrificadas nos ultimos tempos, olhavamos mudamente uns para os outros, aterrados pela rápida confirmação de todos os nossos receios.

Passeavamos da casa de jantar da parteira da terra, onde instaláramos a nossa *mess*, para a estrada em que continuavam a passar vultos indistintos. A cada instante, assaltando um ou outro, perguntavamos: — "O que é? O que ha?" E da pobre malta dos foragidos, morta de canção, sem saber onde se encontrava, procuravam uns indagar, pelo numero das suas unidades, onde seria o canto onde afinal podessem repousar um pouco, de-

cidiam-se outros a ficar ali mesmo, sentados á beira da estrada ou recolhidos ao acaso em bolêtos de camaradas.

Anciosamente nos orientavamos e nos voltavamos para o lado do *front*. A noite dum luar leitoso era de impressionante serenidade. Algumas estrêlas picavam, ali e além, o ceu que nos cobria. Nem u ma aragem bulia nos ramos das grandes arvores silenciosas e adormecidas. Por mais que para o ponto onde fantasiávamos a batalha estendessemos a nossa angústia, a nossa ancia dolorosa de saber, a noite guardava o seu segrêdo. Parecia-nos ver ao longe, nos cantos familiares distintamente evocados, os nossos irmãos batendo-se ainda, enquanto ali estavamos interrogando o horisonte com os olhos e o coração. Apurávamos de repente o ouvido. Parecia chegar até nós o ruído da pelêja. Afinal era ainda a recordação do marulhar trágico que ouvimos de manhã, acordada agora pelo rumôr dum *camion* que se aproximava de faroes acêsos e a quem, de braços erguidos para o faser parar, perguntavamos:—“O que ha ? O que ha ?” Daboleia uma voz resmungava em inglez e outra perguntava em mzu francez o caminho duma cidade próxima. Mais uma esperança se arredava de sabermos tudo enfim, de acalmar a nossa fébre, de aquiêtar os nossos nervos.

E a noite foi passando... Oh que horrivel, que interminavel noite !

A marcha dos "gósmas,,

*Ao capitão médico Bossa da Veiga, grande
soldado do 23.*

O batalhão vae em marcha. Para onde ? Não sabemos ainda. Saímos com um rumo oposto ao da zona onde são urgentemente necessárias as trincheiras que, segundo se diz, vamos cavar. Estivémos apenas quarenta horas no acantonamento tranquilo e, de madrugada, a ordem urgente de partirmos de repente atirou-nos pelas estradas fóra. Os francêses desta região nunca tinham visto portuguezes; os inglêses que por aqui pairam olham-nos desconfiados, sabedôres como são da retirada da antevéspera. E' preciso paradar um pouco. Temos a consciencia de que vamos para a frente cumprir o resto dum dever e é preciso cumpri-lo bem. Mas ai de nós ! A estrada é longa e os meus soldados estão extenuados. Supondo que iam descançar, tinham desengatilhado os nervos e deixado adormecer os músculos. Ao presenciarem durante longas horas o exôdo terrível dos vencidos, vendo-se tão poucos e tão cançados, nunca suposéram que os chamassem logo. Ao que parece, po-

rém, a situação é terrível. O *boche* marcha sobre Calais e na linha dos montes, cerca do mar, uma formidável batalha está travada. Porque descerêmos nós para o sul? Na segunda *étape*, retomando o verdadeiro caminho, o saberêmos. Para nada. Entretanto, pelas estradas intermináveis, o batalhão vae em marcha. Ha muitos estropiados dos pés, outros anemiados em extrêmo, bastantes febris, gente que não pode suportar qualquer fardo. Acondicionam-se então as mochilas nos carros, sobre as montadas dos officiaes e á rectaguarda das quatro companhias, junto do trem de combate e dos serviços de saude, forma-se uma pequena companhia: a dos *gosmas*, sob o comando do médico que nos resta, o B. . . da V. . . Coxos, arfando, batendo o queixo, os *gósma*s lá vão no emtanto. Não querem largar o batalhão e vão até onde êle fôr. O seu chefe, doente tambem, amparando-se com estimulantes e anti-térmicos, caminha incessantemente ao longo da sua coluna, como cão de rebanho, para que nenhum fique para traz. Nos carros seguem os mais cançados e, de quando em quando, ha um que se apeia e vae retomar o seu lugar. Se a estrada sobe e é precisa uma arrancada, ha sempre dois corneteiros dispostos a romper e outros para acertar no côro. Divide-se a *étape* e, de longe em longe, faz-se alto. Alguns não espéram que se formem os sarilhos e, deitados sobre a *tralha*, apoiam-se aos taludes da estrada. Um dêles tem um dito inesquecível. Um grande cão, desses que os habitantes atrélam, vem farejar um grupo. Então uma voz dolorida suplica:

— "O' *chião*, vae buscar a tua carroça e leva as nossas mochilas."

* * *

Cada noite vamos ficando numa pequena aldeia onde nos não esperam e onde os boijetos serão sempre feitos um pouco ao acaso. Toda a brigada está em marcha e nunca sabemos ao certo onde pára o seu quartel general, vagabundo como nós. Na segunda marcha, vindo de casa dum curz onde mal se poudo acabar de comer um jantar improvisado e tendo crusado de noite, através duma cidade acordada em sobresalto ¹, um interminavel comboio de *camions* que leva para a batalha dos montes divisões francêsas de infantaria d'*élite*, instalo o meu comando num celeiro cheio de beterrabas que apodrecem. Na manhã seguinte partimos atravessando o resto da aldeóla e desfilando perante um acantonamento de cavalaria inglêsa. Um cavalo médio e lusidio, escovado como alguem que acaba de saír de barbeiro, tem em tórno d'ele dois veterinários e trez enfermeiros que lhe examinam um casco. Os meus pobres *lanzudos* miram com invéja profunda aquêles animaes tão bem tratados e, na cauda da coluna, cresce a companhia dos *gósmas*. O pelotão de sinaleiros caminha na frente do batalhão e nem um só dos seus homens deu ainda parte de fraco. Cantam até de vez em quando para animar o resto e pela coluna fóra, até aos *gósmas*, vão correndo cantigas de Coimbra : a *Marcha do vapor*, a *Nazaré*, a *Amendoelra*.

De súbito, certa tarde, numa estrada em cotovêlo, desponta ao longe um grupo de cavaleiros. Vestem de azul e trasem na cabeça a *bourguignotte* gaulêsa. De começo

¹ Fruges.

tomamo-los por *gendarmes*. Trata-se porém da secção de quarteis dum regimento de cavalaria que traz dusentos quilometros nas pernas dos seus cavalos e sobe a toda a pressa para a batalha. Meia hora depois encontramos o grosso da unidade. E' preciso que os primeiros soldados francezes que se cruzam com tropas portuguezas guardem desse encontro uma impressão que nos não rebaixe. Rapidamente circula a sênha : — "Rapases ! Fixes ! Cabeça alta ! Atenção ás continencias !", e o meu requinta solta o toque de sentido. A' frente do seu regimento o coronel, de longos bigodes loiros que o vento faz esvoaçar e cujo peito se ensanguenta da cruz dos bravos, saca da bainha a sua espada, uma espada que brilha ao sol e vae carregar . . . O seu clarim d'ordenança toca o *Garde à vous !* e, enquanto se perfilam as lanças, sucessivamente as minhas cornêtas vão mandando as companhias olhar á esquerda. Saúdamos-nos, o coronel abatendo a sua espada e eu erguendo o braço e a minha alma inteira numa comovida continencia. Volto me para ver os meus homens e vejo-os todos, cabeça erguida, passo firme, olhando os soberbos *poilus* que parecem estátuas sobre os seus cavalos. Um grande frémito passa em todas as espinhas e até os *gôsmas* não coxeiam, se indireitam e levantam alto os olhos volvidos para a França que desfila.

Os primeiros soldados da guerra, aquêles que ha quatro anos dão sem regatear o seu sangue na defêsa do mundo inteiro, olham com simpatia os pobres *lanzudos* estropeados que vêm pela primeira vez. Um cavaleiro, servente de metralhadôra, exclama : — "*Bonjour, vieux ! On les aura !*". O medico gorducho de lunêtas, atira nos um amistoso adeus e os condutores dos car-

ros, fumando o seu cachimbo, as pernas embrulhadas nas mantas do gado, acordam um pouco da sua sonolência para se debruçarem e nos vêem. Por fim, no alto da estrada, o regimento que acaba de passar é uma mancha confusa e os *gosmas* já podem coxear, coitados!

Durou cinco dias esta marcha. Acabámos por passar cêrca da primeira aldeia onde o meu batalhão acantonára na sua chegada a França. ¹ Vimos ao longe as altas chaminés das minas e voltamos a pisar a região da planície interminável, dos drênos verdes e lodosos. Lamo-nos chegando á fornalha. De noite já se via todo o horisonte em brasa e se percebia o rumôr dos monstros vomitando metralha.

Estamos na testa de todas as unidades. Trasêmos avanço sobre todas e, sem nunca requisitarmos um *camion* para as mochilas, não ficou um só *gosma* para traz. Ha uma estafêta que traz um pé torcido, inchado como um trambôlho e recusa ser evacuado para o hospital. Volta-se para mim o pobre 100, que conheci com cara de Páscoa florida e anda agora magro como um cão vádio, e diz-me: — “Quero ir até onde fôr o meu comandante.” E lá marcha de carro ou amparado a um cacête ou ainda nas descidas cavalgando de pernas esticadas a biciclêta dum ciclista.

Em cada paragem, em cada estacionamento, mais me comove esta *malta*, resignada, amiga, a quem basta amparar com uma palavra para que o seu brío se estimu-

¹ Enquin-les-mines.

le e dê uma arrancada ainda. Cada marco quilométrico que deixamos ficar para trás é saudado com alegria. E' mais um. E' tambem mênos um que falta para chegar seja onde fôr e se poder atirar para longe a cruz que martirisa os ômbros, a *cabra* maldita, a *tralha* que trinta dêmos levem.

Temos por fim a ultima marcha. Dentro em pouco haveremos de parar, que o *boche* está ali perto. Um *palmipede* inglês e gordo, que fuma por uma comprida boquilha de osso, vem dar-me indicação do nosso destino. Vamos acampar num bosque ¹. Pergunto-lhe que noticias ha. Substitue o seu *King's One* por outro, encolhe os ômbros, estende os beiços e responde-me apenas :

— *"Il fô faire tranchées, tout de suite ! . . ."*

Fisémos alto para comer o rancho da tarde á beira duma estrada ² que leva a certa cidade muito nossa conhecida e, mal a ultima pinga de caldo está escorrida...

— *"Vamos, rapazes, é o resto . . ."*

Uma hora depois, após cinco dias de caminho, os pobres *gosmas* viam o tal bosque que o Staff Corps inglês nos tinha destinado. Era um pântano e dormimos todos de pé, encostados ás árvores, os pés apoiados sobre tóros de madeira, enquanto a artilharia próxima enchia de estridôr aquéla noite miseravel. No dia seguinte o batalhão ia cavar durante oito horas a sete quilômetros dali.

¹ O bosque de la Goulée, cerca de Norrent-Fontes.

² A estrada de Santo Hilaire ao Aire.

Refugiados

Porque o estado maior britânico se convenceu afinal de que não eramos tão batráquios como á primeira vista parecíamos, tiráram-nos do pântano onde estávamos e pusésam-nos numa *pature* ensombrada de grandes arvores á beira duma linda aldeia ¹. Vivêmos em barracas de lôna e o bivaque todo disfarçado com ramagens parece um jardim. Logo de manhã, os homens abalam, espingarda em bandoleira, cartucheiras atulhadas de munições, e vão cavar para as terceiras linhas da nova frente. Atravessam, muita vez debaixo de granadas, uma cidade deshabitada ² e, durante horas, removem terras sob a vigilância dos seus officiaes e a direção de capatazes inglêses.

Á tarde espalham-se pela aldeia onde se instalou o Q. G. da Brigada e enchem os *estaminets*. As casas estão pejudas de refugiados. Os officiaes da missão franceza trabalham sem descanso para descongestionar as localidades e condusir aquêla miséria para os cen-

¹ Ecquedescques.

² Lillers.

tros de evacuação em *camions* e nas viaturas que lhes podemos emprestar.

Ha compartimentos onde dormem vinte e cinco pessoas. E' por toda a parte uma multidão de velhos, de mulheres, de raparigas, de creanças. A cidade próxima, que tinha alguns milhares de habitantes, esvaziou-se subitamente e todo o dia é pela estrada uma triste procissão de creaturas desamparadas procurando um albergue transitório. Ha velhas de chapéu apoiadas a sombrinhas asues, velhos de sobrecasaca domingueira gemendo sob o pêso de vários cestos, pequenotas de cabelos loiros passando em bicycléta, caravanas de creanças pegadas ás saias de mulheres de luto.

— "Não terá por acaso um logarsinho para nós, indaga a uma porta uma mãe de familia. Somos apenas seis. . .

E, perante o gesto negativo, retoma a sua marcha mais curvada, mais dolorosa, mais cheia de pó.

Circulam grandes carroças de lavoura cheias de moveis. A uma carrocita de mão pejada de utensilios de cosinha, de caixotes arrombados, atréla-se uma familia inteira e o cão, que vae andando de lingua de fóra e com a cauda a dar, a dar. Já não ha um unico lugar vago por ali. Talvez mais adiante, a alguns quilómetros. Os *camions* inglêses tambem transportam gente e mobília. Parada numa esquina, uma mulher conta a sua aventura.

— "Fiquei até ao fim. O meu marido está na Argonne. Cafram as casas á direita e á esquerda da nossa. Quando as nossas parêdes foram por fim atingidas, agarrei nos pequenos e fugi.

— "E não conseguiu salvar nada ?

— "Sim. O carrinho do pequeno vem atulhado e en-
chêmos as algibeiras todas

— "E os moveis ?

— "Os moveis ? Devem estar em cinzas a estas horas;
mas felizmente estamos todos salvos e juntos. Já hontem
o escrevi ao pae . . . Ainda ha quem seja mais infeliz do
que nós.

Outra então passeia com olhos de louca. Tinha dois
filhos. Desaparecêram na fuga desordenada da sua al-
deia. Pergunta a toda a gente se os não viram, descre-
ve-os e olha para as creanças que enxameiam em volta
a ver se encontra alguma com quem possa comparar
os seus ausentes. Apertando o peito com as duas mãos
trémulas, géme :

— "Que dôr ! Que dôr que eu tenho aqui . . .

Os que não viram este horrôr, a guerra feita aos que
se não podem defender, nunca entenderão o odio pro-
fundo que acima de tudo, da ideia de Pátria e da ideia
de bandeira, guia o soldado francez na sua áncia de
de desforra e da vingança.

. * .

Ha um refugádo que me diverte no meio desta mi-
séria. Era dono duma grande loja de modas na cidade
próxima e bem quisera ficar por ali na esperança de
poder voltar a sua casa. As ordens, porém, são termi-
nantes. Ha o risco dos aviões e da artilharia ultra pe-
sada. Os arredóres estão cheios de tropas, nas estradas
circula um trafico militar importantíssimo, os inglêses
acumulam reservas para obstar a um ataque provave-

sobre Béthune e a bacia mineira de Bruay. E' necessário que apenas fiquem os civis indispensaveis. Enquanto não é possível transportar todos os que sobejam, o velhote magrinho, sêco, espevitado, com um barrêto de sêda na cabeça, passeia com sua mulher, matrôna baselga d'olhos inquietos. O par cumprimenta com respeito os officiaes, o homem faz mesmo a continencia espalmado a mão junto ao barretinho redondo rematado por uma borla que lhe cae a um lado da cara. Andam ambos furiosos. Ha um mez eram pessoas importantes pontificando atrás dum balcão e atendendo as senhoras de condição. Agora estão dormindo no chão em pilha e de súcia com uma ralé onde ha creanças que choram, velhos que tosem e mulheres que se lamentam. Algumas impertinências que soltáram foram pessimamente recebidas e andam á cata do adjunto do *maire*, dos officiaes francêses, para se queixarem, para apresentarem as suas reclamações. O velho caminha a largas passadas, difficilmente acompanhado pela sua esposa gorda e, com gestos sacudidos, explica:

— "Isto não fica assim. De resto, não admira. E' gente sem a minima educação. . .

Para cômulo, uma béla tarde, porque chegam primos do dôno da casa, o casal é convidado a procurar outro refúgio. Só ao anoitecer conseguem encaixá-los no presbitério, junto ao cemitério, e fasê-los hóspedes do cura octogenário. Ali, sim. Estarão finalmente entre pessoas bem educadas.

Com os refugiados viéram tambem os vendilhões, os que disputam ao *boche* o terreno palmo a palmo, os que, bombardeados hoje, vão estabelecer a quitanda uns quilometros mais para traz, os que espéculam com tudo e

com tudo negoceiam, até com a filha que poem ao balcão da loja improvisada em qualquer canto. Para esses o findar da guerra será a gavêta que se fecha definitivamente. Contra vontade, irão acabar seus dias num repouso ganho com a miséria de muitos, com a necessidade de todos.

Ha, aqui a dois passos, uma velha de quasi oitenta anos que deixou a sua casa em plena zôna de combate. Entre vários bens que lá ficaram figura um pôrco e as saudades do suíno são tantas, tão vagas são as informações que lhe dão ácerca do possivel destino do bicho, que a velha decide ir vel-o. Méte os trôpegos pés ao caminho e chega enfim á linha de frente inglêsa. Esta agora não é contínua. Não houve ainda tempo de cavar trincheiras e organisaram-se postos isolados. O *boche* fez o mesmo defronte. Entre dois postos, a uma hora de relativo socêgo, a dona do pôrco atravessa o *no man's land* e chega enfim á sua casa.

— “*Wer da?*” grita de dentro um alemão.

A velha não entende e prossegue. Soldados inimigos cercam-na, condusem-na a um oficial que fala francez como um redactor do Dicionário da Academia. Aca-bam por convencer-se de que a pobre creatura não vem espíonar e quer apenas ver o seu porco. Infelizmente este faleceu; já deve estar digerido mesmo a estas horas. Só resta á velha a satisfação de poder ordenhar a vaca e os *boches* bebem o leite, depois de terem obrigado a dona a provál-o, não o tivesse éla envenenado de caminho. De repente a *ferme* é bombardeada, caem em descanso os projecteis inglêses sobre os seus muros debeis, o *boche* procura outro abrigo e a velha, cerrada num estábulo, fica durante horas sob aquêla tem-

pestade. De noite, irreconhecível de lama, rendida de fadiga, regressa ás linhas inglêsas onde a prendem, a interrogam e a soltam afinal. Agora vagueia por aqui e não ha nada que a console.

— "*Mon cochon ! Mon pauv' "quin" ! ' Ils l'ont mangé.*

. . .

E' dentro de toda esta miseria fisica e moral que vamos vivendo. A' tarde não se vêem pelos degraus das portas senão soldados tendo creancinhas sobre os joelhos e sargentos conversando com *mademoiseis*, emquanto nos interiores grulha uma multidão de inglêses bebendo cerveja ou jogando aos dados. Adivinha-se e sente-se muita fome em certos rostos pálidos. O pão francez é escasso e, se não fosse a generosidade de Folgadinho e de Tommy, muitos se deitariam sem ceia.

Um dito dum cómico altamente trágico define bem tudo isto. Um rapaz chora desabaladamente encostado a uma ombreira. De dentro da casa a voz irritada da mãe intima-lhe que se cale :

— "*Ne braye donc pas comme çá !*"²

Nada acalma o chorão. Cada vez o seu alarido é maior. Então, vendo que a coisa não vae sem uma ameaça formidavel que lhe géle o sangue nas veias, a mãe surge de mãos nas ancas e grita :

— "Se não te calas já, dou-te a comer a um refugiado.

O petiz cala-se como por encanto.

¹ Meu pobre querido, em *patois* da região.

² *Brayer* : chorar no dialecto regional.

“On his Majesty's service,,

Estamos ha trez semanas ao serviço de Sua Magestade, *on his Majesty's service*. Dos nossos quartéis generaes não ha noticias e cada tarde um major do Staff Corps, o tal gordo que fuma por uma boquilha muito comprida e se supõe creatura da maior importancia, entra na nossa Brigada e detalha o serviço para o dia seguinte.

São curiosos estes inglêses. Ha mais dum ano que estamos em contacto e já temos tempo de os conhecer. Muitos de nós irritam-se contra êles. A mim divertem-me e ainda não tive occasião de encontrar um que fosse malcreado para lhe poder mostrar a má criação dum portuguez.

Diz-se que, quando nos arredores de 15 de agosto de 1914 os inglêses começaram a desembarcar em França com uma porção enorme de bagagens, as divisões que marchavam para a frente não sabendo nada de francez, tinham aprendido já no emtanto uma frase para a atirarem como saudação ás populações que os viam desfilar : — “*Vingt ans, s'il le faut !*”

Esses soldados de Mons e do primeiro Yser não poderão durar vinte anos. Os de agora, os do actual exercito, successores dos "Primeiros cem mil," de Kitchener, estão na absoluta disposição de se demorarem por aqui duzentos anos pelo mênos. A primeira cousa que nos disséram, quando nos viram em instrução, foi: — "*Guerre ne bonnel*," ; mas, como é preciso fasê-la no emtanto, como a terra sacrificada não é a dêles, como as grandes ilhas isoladas são um manancial inexaurível de homens e de riquêsas, instalaram-se e, ao ver o complicado e metódico mecanismo da sua organização, o passo solemne dos grandes cavalos atrelados ás suas viaturas escrupulosamente limpas, a velocidade moderada dos seus *camions* na sua inalteravel andadeira, os multiplos avisos que semeiam nas estradas recomendando que se anda devagar, que se não trote, que se avance a passo, tudo nos dá a impressão que a guerra está para durar dois ou trez séculos.

Percorremos ultimamente a pé uma zona de quasi oitenta quilómetros. Não vimos uma só casa que não tivesse pendurada á porta a tabolêta indicando quantos officiaes e *others ranks* ali podiam viver. Não atravessámos uma unica aldeia onde não houvesse um inglez a puxar o lustro aos botões da farda ou limpando com areia o freio duma cavalgadura.

Nas vésperas da ofensiva de Vimy disia-me um official britânico:

— "No dia tantos, ás tantas horas, tantos minutos, tantos segundos, vamos dar uma grande bordoadá no *boche*.

— "Ah, sim? E depois? perguntava eu interessado.

— “Depois esperamos.

— “O que ?

— “O que faz o *boche*.

O oficial com quem eu falava não era evidentemente o comandante em chefe; mas sentia-se que a guerra inglêsa era então essencialmente aquilo: manter sendo possível e com o maior conforto as posições ocupadas e, de quando em quando, fazer um pouco de *sport*. O comando unico veio alterar esta concepção britânica da grande guerra.

* * *

Os inglêses não gostavam de nós? E' natural. Não gostam senão de si próprios e a grandêsa secular da Inglaterra alimenta com fortes rasões o orgulho nacional que é o fundo de todas aquêlas mentalidades. Ha uma convicção fortemente ancorada em todos estes espiritos: a Inglaterra não póde perder a guerra porque é a Inglaterra. Quando, como e quando a ganhará, isso é indifferente.

Depois do nove de Abril um oficial de engenharia inglêsa disia-me:

— “Este *ofensive* foi muito pessimo para nós.

— “Perdeu-se muito terrêno, respondia eu pensando no nosso sector destróçado.

— “*Yess!* E no *cantine* de Béthune arderam quarenta mil cigarros egípcios. Eu perdi todo o meu roupa. Muito difícil agora arranjar calções. . .

As divisões australianas e francêsas que tinham ficado no monte Kemmel tomado e retomado cinco vêses, os portugêses que, resistindo em Lacouture, tinham

permitido que se conservassem as posições de Festuber e Givenchy, tudo isso nada era comparado com os cigarros egípcios que o incêndio de Béthune tinha devorado e com a dificuldade de encontrar feno nas *ordenances* desorganizadas temporariamente.

Os soldados perdidos serão substituídos daqui a tempo; no dia tal, ás tantas horas, tantos minutos, dar-se-á uma bordoadá no *boche*, se êle tiver a paciência de esperar. O mal agora é ter que fumar o Virginia das cantinas baratas.

Para o inglez a guerra é á repartição, o escritório, a oficina, o trabalho, enfim, que tem as suas horas marcadas, findas as quaes se pensa noutra coisa. Se posérem um subdito de Sua Magestade Graciosa a dusentos quilómetros do *front*, carimbando durante uma tarde inteira guias e recibos, êle dirá daqui a vinte anos a quem lhe perguntar o que fasia no mez de junho de 1918: — "Estava na guerra". Se, de surprêsa, o mandarem seguir para a linha da frente, o encorporarem num batalhão de ataque, marchará sobre o Fritz com a mesma impassibilidade com que carimbava ante-onlein e dirá daqui a vinte anos com a mesma fleugma: — "Estava na guerra".

Para nós, nas trincheiras, um *raid* ou uma patrulha é um acontecimento que se discute durante dias ou durante horas. O inglez — tive ocasião de o presenciar — conversa de tudo ou não conversa até á hora marcada. No momento próprio mira o relógio de pulseira e, pondo o capacête, afivelando a pistola, segue para a *terra de ninguem* tal como ha quatro anos em Londres ou em Cambridge pegava no chapêu e na bengala para ir para o seu *office* ou para a sua loja. Alguns vendiam pre-

suntos antes de serem capitães, ao que se diz. Pois o que me surpreende é que vendam hoje guerra com a mesma falta de entusiasmo e o mesmo escrúpulo no pêso.

Certa vez, viajando para a America do Sul, falei de Shakespeare a um engenheiro electricista britânico. Ouviu-me com atenção e disse-me ao remate :

— "O senhor sabe Shakespeare. Eu não sei. Eu sei de electricidade.

Esta restrição de espirito, esta limitação dentro da especialidade, notamol-a aqui tambem. Um official de morteiros não terá nunca a tentação de olhar para uma metralhadôra e a um artilheiro não interessa de modo nenhum uma granada de mão. Cada qual faz bem aquilo que tem a faser e, emquanto ao resto, todas as providências devem estar dadas pelo comando para que se faça. Quando está no exercicio das suas funções, nada o perturba e vae até ao fim. Rudyard Kipling conta algures que um soldado ferido regressado da frente explicava a recrutas prontos a partir em :

— "E' escusado excitarem-se contra o *boche*. E' mau para a saude e não é bom para o tiro.

* * *

Uma casta interessante de inglêses é a dos officiaes de ligação, a dos interpretes de braçal verde e vermelho. Alguns são pessoas que vivêram em Portugal ; o resto, quasi todos, provem do Brasil e da Argentina, pois que, para as altas repartições britannicas, portuguezes e hespanhoes falam a mesma lingua.

Alguns entendem-se bem. Outros, sabendo nós in-

glez e tendo um dicionário, não nos será impossível compreender o portuguez que falam. Vivem connosco, partilliam da nossa mēsa, fumam, lêem *magazines* e jornaes e fazem os seus relatórios. São dentro da nos a guerra os olhos do alto comando britânico e, no geral, são uns pobres diabos contentíssimos de terem sido tirados da vida activa da trincheira. Tive um que, todas as manhãs, depois do almoço, me disia num tom grave de pessoa que toma uma grande decisão :

— "Vou á primeira linha.

— "Bom proveito! Até logo.

O nosso amigo calçava umas botas enormes, vestia o impermeavel, apertava a pistola, prendia a bussola ao cinto, punha o binóculo a tiracólo e agarrava na pasta dos mapas. Antes de saír perguntava-me as coordenadas exactas do morteiro pesado ou indagava se tal trincheira estava transitavel, posto o que seguia pela passadeira até á entrada da terceira linha e aí, resolutamente, sem hesitar a milésima parte dum segundo, optava pela trincheira de saída para ir á Brigada tomar chá com os colégas e ler o comunicado da véspera. A' tarde reaparecia e disia-me com um sorriso amavel :

— "Tudo muito bem.

De longe em longe, ou chega a ordem de partirem *in leave*, de irem de licença descançar uns sete dias que em geral se prolongam até quinze, ou surge a indicação de regressarem ao serviço num batalhão do Somme ou das bandas de Ypres. Explicam neste ultimo caso :

— "E' para faser moral.

Alguns, nesses banhos de retêmpera, deixáram a péle que tinham conservado com tanto cuidado durante mēses. Outros voltam, estendem as pernas, acendem o

cachimbo e das suas impressões dos sectores agitados não ha meio de lhes sacar senão bocados de frases :

— "*Allemand très fort bombard ! Beaucoup camara-des finish ! Boche* muito forte. Nós tambem muito forte. O capitão Fulano *napoo !* O tenente Cicrano em Inglaterra. *Bonne blessure.*

Quando se fixarem as características dos vários heroismos desta guerra, o britânico poderá ser definido : — "Uma fervura vários graus abaixo de zero". Batem-se e morrem muito bem, de peito largo e barba escanhoadá ; mas tenho a certêsa de que, se, no meio duma batalha e á beira dum objectivo que já tivesse custado milhares de homens, ouvisse o toque de sentido, todo este exercito uniria os calcanhares batendo as botas e se perfilaria levando a mão ao barrete, com o mesmo gesto sacudido com que saúda quando nos encontra pelas estradas fóra ou passa á velocidade regulamentar um altomovel de bandeirinha conduzindo um general de divisão ou comandante do exercito.

23 sur-la-Lawe

Tivemos que ceder a nossa aldeia a outro batalhão e vae para dois menses que estamos acampados á beira duma estrada, a dois passos da ribeira da Lawe e a muito poucos do *boche*. A visinhança é o peor: grandes parques de gado inglez, escalões de artilharia de campanha, baterias de artilharia pesada e vários *decauilles*. Em permanência na nossa frente os *drachens* de amigo Fritz. A um quilómetro, se tanto, acantôna o batalhão de reserva da primeira linha e voltámos quasi á situação de Março de estarmos constantemente sob o fogo inimigo sem o vermos e sem podermos faser-lhe algum mal em represália.

Ninguem nos diz quando se alterará esta situação. Não ha rasão para que não dure anos visto que ainda ha até ao mar muitas desênas de quilómetros em que se podem cavar trincheiras.

Já que estamos condenados a viver aqui, esquecidos de Portugal e utilizados apênas para taréfas subalternas toca de alindar este bivaque que viémos encontrar em desordem e refisémos completamente, derrubando as

barracas e reconstruindo-as com certa lógica. Quando os homens regressam do trabalho, trabalha-se para melhorar esta aldeia de lona e de ramagens, enfeitar as cozinhas, erguer caramanchões, limpar arruamentos, profunder velhos drênos e traçar outros novos.

Temos entre a nossa gente soldados habeis para entretecer os arcos floridos das romarías, que conhecem os ramos tenros facilmente amoldaveis e sabem de ligar com feixes de hervas compridas as pernadas e os galhos. No bosque proximo vae um desgaste constante. Pela estrada passeiam *lanzudos* carregando fardos formidaveis de verdura.

Um enorme pano tenda, que estava mal aproveitado, desdobra-se e dá uma secretaría e um posto de soccorros. O parque das biciclétas alinha-se perto. Limpa-se uma grande faixa que servirá de parada e, como de noite pairam sobre as nossas cabeças desênas de aviões e nada ha mais facil do que uma dessas aves de mau agouro satisfaser sobre nós as suas necessidades de guerra, ha que erguer em tórno de cada barraca uma camada de terra, protectora, ao mênos, contra os estilhaços.

As *mess* de sargentos estão instaladas em caramanchões alinhados e para alguns officiaes já se vão construindo autênticas casas com parêdes de leivas sobrepostas á laia de certas terriolas humildes de Portugal. Os carpinteiros, pessoas importantes nesta altura, não vão cavar de manhã. Andam assoalhando barracas, construindo moveis, fasendo a armação de bancos de jardim cujo assento será de rêde. O funileiro fabrica anternas á luz das quaes se possa ler á noite sem chamar a atenção dos aviões. Cada qual se vae instalando,

e procurando um pouco de conforto enquanto não cae do ceu um cataclismo ou o *boche* não alonga um bello dia o seu tiro. Certo domingo de tarde fazemos uma festa de *sport* a que afluem inumeros ingleses da visinhança e no final, no desfile dos vencedores, abre o cortêjo a nossa filarmónica composta duma rabéca, dum clarinête, dum cornetim, dum harmónio, de trez flautas de cana, um tambôr e uns ferrinhos. O mais triste e mais grave dos meus sargentos faz rir a bandeiras despregadas recitando inverosimeis monólogos.

Quando recebemos a visita do comandante do exercito inglez em que estamos incorporados, esse australiano rude ¹ diverte-se imenso com o aspecto singular daquêlê acampamento e, quando após recomendar-me que se prepare o espirito dos homens para tôdas as eventualidades, eu lhe replico que esse trabalho de manter o moral é o nosso constante disvêlo, êle, com um bom sorriso e pousando-me a mão no ômbro, diz-me para orgulho meu e de nós todos:

— *Yess! I know. It's the best...*

* * *

Certa manhã alguém me informa que é possível que não tarde muito o momento de termos de cumprir a missão tactica que nos está incumbida. Não estamos ali simplesmente para cavar. Em caso de ataque temos que guarnecer umas trincheiras perto, a cavallo sobre a estrada, recolher nélas os elementos que porventura recuem da primeira linha e aguardar que cheguem os reforços da rectaguarda.

¹ O general Birdwood, libertador de Lille.

A pessoa que me informa — um oficial do estado maior inglez — explica-me que o *boche* tem engatilhada uma offensiva sobre Lillers e Béthune. Lillers é o córte da linha ferrea que êles bombardeiam todas as noites. Béthune é o accesso ás minas de Bruay que hoje fornecem a terça parte do carvão consumido pela industria francêsa. E' um golpe formidavel já organizado, cujos detalhes foram fornecidos ás tropas da frente a tal ponto que pelos papeis apreendidos num *raid* feliz executado perto de Calonne se soube, por exemplo, a data provavel do ataque. Será entre 17 e 20 de Julho.

Contam-me isto em segrêdo, em prova de grande confiança e acrescentam :

— “Eles não passam. Temos trasido de Inglaterra desde maio mais de tresentos mil homens. Ali á nossa rectaguarda está um corpo canadiano e em Euchin temos mil e dusetos *tanks*.

E o homem bate-me no ômbro sorrindo satisfeito e deixando-me a pensar que estou exactamente sobre a principal estrada de marcha para Lillers, que temos de defender a passagem que o inimigo tentará abrir com uma das suas habituaes offensivas em massa e que por cima de nós os canadianos do contrataque e os *tanks* de Euchin virão deter o embate. Sinto-me na situação dalguem a quem se tenha dito : — “Deixe-se estar aqui tranquilo porque lhe vae desabar em cima um prédio de cinco andares. . .

Olhava para os meus *lanzudos* entretidos de tarde ou a jogar o lôto sentados no chão ou a contemplar a verde *camuflagem* das suas barracas ou ainda a jogar a bola de sũcia com inglêses da visinhança. Olhava para os

poucos officiaes que ainda me restavam e ouvia-os conversar de licenças que se iam restabelecer, de cartas que tinham vindo com noticias e esperanças de Portugal e não me atrevia a anunciar a toda a minha gente o destino singular que nos aguardava. A' noite os boletins de informações registavam movimentos de tropas naquêla frente, referenciação de novas baterias e os dias fataes iam-se aproximando. Media o cançasso moral e fisico daquêles desterrados a quem os aviões não deixavam dormir, que passavam os dias cavando interminavelmente em interminaveis trincheiras. Punha-me a cismar no que seria o dia da offensiva que cada noite decorrida aproximava mais. Seria o que pudesse ser. A perspectiva mais segura era a de estoirarmos no nosso logar, enquanto sobre nós se degladiassem os exercitos de Rupprecht da Baviera e os tresentos mil inglêses recém desembarcados.

Dias antes da data temerosa rebenta a contra offensiva de Gouraud na Champagne, apoiada logo a seguir pela acção de Mangin. E' a gente do Kronprinz derrotada violentamente e tendo de recuar quando ensaiava o definitivo arranco sobre Paris.

Mas os outros ainda ali estavam defronte. Mantinham os seus grupamentos, as suas concentrações de artilharia. Eu interrogava inglêses companheiros e ninguem sabia nada. Chegou o dia desoito, chegou o dia vinte. A' noite, quando o fogo *boche* sobre as baterias proximas se acelerava, logo se me afigurava encetado o martelamento preliminar. Passaram, finalmente, as datas marcadas. Eram excelentes as noticias do sul. Os francêses avançavam victoriosa, irresistivelmente e uma tarde alguem me disse emfim que os balões e aéroplanos come-

çavam a assinalar o deslocamento de tropas da nossa frente para acudir ao descalbro que ia tomando ares de catastrophe. Pude respirar então, contente por nunca ter dito o que sabia e não ter alarmado inutilmente a minha pobre aldeia.

* * *

Tinham-se restabelecido as licenças e chegou a data da minha, concedida ha oito menses. Extenuado como estava, éla vinha na hora própria. Ia poder emfim matar a ância do meu coração expressa na quadra que pregara na lona da minha barraca :

— *Minha tenda de soldado,
E's como a cêla dum frade.
Lá fóra o mundo agitado,
Cá dentro a paz da Saudade.*

Ao chegar, porém, a hora da despedida, vendo todos os que deixava ali, muitos dos quaes meus fieis companheiros de desesseis menses de campanha, não tendo como eu abandonado nem um só dia o batalhão, ao ver grande parte dêles doentes, anemizados, roídos da tristêsa da Ausencia, a mim próprio perguntava se poderia deixá los com inteira paz da minha consciencia. Então lembrei-me de tantos que não tinham dado ao seu dever nem a sombra da centessim^a parte dos nervos que eu consumira em França, que nunca tinham sentido as angústias que tanta vez me tinham torturado, que tinham arrastado nas trincheiras e fóra délas uma existencia torpemente egoísta, se m o

minimo espirito de sacrificio, e senti-me redimido da falta que porventura cometia separando-me da minha malta.

Era o momento, enfim, de partir. Percebia que em volta de mim alguns me invejavam sem maldade. Quem abála de licença é sempre uma creatura muito feliz. Vae descansar, não voltará talvez. Tornará a vêr os seus, a descansar sob o tétó da sua casa, a viver entre os rostos e os objéto familiares, Os que ficam continúam no mesmo problêma, dentro do mesmo mistério, encerrados no mesmo cárcere. Despedi-me dalguns, não tendo alma para me despedir de todos. Havia em tórno olhos que me fitavam com saudade e com carinho, mas onde eu advinhava uma amistosa censura tambem.

Subi para o carro que havia de levar-me á estação. Os meus melhores amigos abraçaram-me na estrada e quando o cocheiro fustigou as alimárias, quando a largo trote das muares passei junto da sentinêla que se perfilava, puz-me de pé para retribuír a continência e duas lágrimas me caíram pela cára abaixo.

⊙ “meu,, batalhão⊙

*Aos que se mantiveram sempre fieis
ao batalhão de infantaria 23.*

Quando parti de Portugal ignorava qual seria o batalhão em que ia servir: mas, como príncipe de batalha que parte á conquista duma Béla Desconhecida, já sabia que havia de ser o melhor de todos e dentro dêle não haveria melhor companhia que a do meu comando. E assim foi. Quando, horas depois da minha chegada, seguíamos para as trincheiras, ao mirar as filas á testa das quaes caminhava, eu sentia que não haveria nunca soldados como aquêles. Mais tarde, quando as circunstancias, que não o favor de ninguem, me dêram o comando de mil almas e a defêsa dum trôço da linha portugêsa, em certas noites em que latejava no meu peito o coração de todos os meus rapases, quasi chorava de orgulho. Não trocaria o meu batalhão por nenhum e, com cego amor de pae, repelia sempre: “E’ o melhor!”

Batalhão de cadêtes, como alguem te chamava, em que os capitães eram tenentes e o comandante capitão,

em que todos trabalhavam unidos, em que os que mandavam eram os primeiros a ensinar como se cumpre; batalhão que podes hoje, após quasi dois anos de França e mêses sem conta de linhas avançadas, dizer altivamente que não tens em mãos de *boches* nem um prisioneiro nem um desertor, e nunca deixaste pisar por tacões inimigos o chão que te davam a guardar; batalhão que soubeste, como os bons cavaleiros, ser sempre fiel á tua divisa, dois versos arrancados á tua canção de marcha:

“Que a gente do vinte e três
Má figura nunca fez . . .”¹

batalhão que, nas horas duras de desanimo ou de fadiga, podeste sempre responder á voz de quem te clamava: “Para a frente”; batalhão onde, aprendendo a conhecer-me, vivi os maiores momentos da minha vida, acompanhei-te como a um filho que vemos crescer e medrar em forças e perfeições e senti, nas bÉlas horas da fé e da esperança, a tua alma colectiva a afaser-se ás mil tragédias de cada instante e temperar-se cada vez mais. Faz hoje um ano avaliei bem quanto era merecido o amor que te tinha. Lembram-se, rapases, o 14 de Agosto? AquÉlas tropas de assalto, especialmente adÉstradas, vindas de propósito de tranquilos campos de trÉno da Alsácia e lançadas de madrugada sobre as historicas ruínas de Neuve Chapelle? Era o primeiro e formal grande *raid* sobre as nossas linhas e, ao passo que no sub-sector visinho a surprÉsa colhia efeito e havia prisioneiros e uma baralha infernal, a nossa

¹ Vidé Nota III.

linha mantinha-se íntegra, vedada pelas metralhadôras da ilharga. Os *boches* que por éla passavam ou iam de pernas vacilantes, prisioneiros, ou de pés adiante, mortos. Que importa que então se sonegassem relatos ? Vocês bem sabem, meus soldados, o que foi essa madrugada, aniversário doutra madrugada gloriosa : a de Aljubarrota, Que importa que então vos não louvassem, se o vosso maior amigo, o vosso comandante, ao voltar ao seu abrigo, sentia estoirar o peito de alegria ? !

. . .

Os meses foram passando e o meu amor por ti, meu batalhão, não esmorecia, nem mesmo quando, durante algumas semanas de rectaguarda, outras mãos, que não as minhas, te dirigiram. De mais sabia então que havias de voltar, que entre a minha alma e a tua havia laços que só uma fé maior que a do meu peito poderia quebrar. E não havia fé maior. No alvorecer deste ano á minha mão voltaste, ali na lama revolvida das trincheiras, e nunca mais a cegueira inepta das repartições nos voltou a separar. Passaram os dias dolorosos de Março em que te vi sacrificado inutilmente e viéram as horas crueis de Abril de que nos salvámos. Um suor frio de orgulho me cobria o corpo naquêla manhã em que, á beira do torvelinho do combate, entrei á tua frente na estação onde nos esperava o combóio que devia levar-nos para a rectaguarda e pela qual desfilámos, ccrnêtas e ciclistas em frente, fileiras alinhadas como para uma parada, enquanto em tórno de nós havia uma mul-

tidão de soldados desamparados, no sobresalto duma in-
subordinação e na atmosphéa duma derrota. E tu, meu
batalhão, desfilavas assim, porque, na véspera, cara a
cara, como grande amigo, em formatura de fileiras cer-
radas e saídos da fórma os poucos officiaes que resta-
vam connosco, te tinha falado claramente e feito com-
preender que o primeiro acto duma revolta tua deveria
ser a minha liquidação, porque, enquanto houvesse ba-
las na minha pistola, nunca veria um soldado meu dei-
xar de ser soldado. Sentiras então que era teu dever
manteres-te através de tudo e assim cumpriste, quando,
cuidando chegar a um descanso sempre prometido e
nunca concedido, mal conseguiste medir os palmos de
terra da cama em que te ias deitar e meia dúzia de ho-
ras depois partiste novamente para a frente. E foi en-
tão essa marcha que deve ser um dos teus orgulhos,
como é um dos meus. Para onde iamos? Nem tu o
sabias nem eu. Era para a "frente", para onde estava o
inimigo triunfante, onde troava sem descanso o canhão.
Todos estavam exaustos, sangravam os pés da maior
parte e sangrava o meu coração onde pesavam todos
os desconhôlos e todas as angustias. Marchavamos no
emtanto, dispensando *camions* que transportassem as
mochilas, não quedando para traz um só estropeado
ou doente, não abandonando um único artigo de ma-
terial. Eram muitos os quilómetros. Embora! Como
aquêles soldados de Napoleão que Raffet immortalizou,
vocês grunhiam, mas marchavam sempre. Ficavam para
a rectaguarda batalhões saídos antes de nós e, através
das povoações, as caras curiosas que vinham ás portas
viam-nos passar, maxilas cerradas pelo esforço, mas de
cabeças levantadas.

Lembram-se, rapázes, aquéla tarde de sol e de poeira quando crusámos numa estrada interminavel os regimentos de cavalaria francêsa que, com cincoenta légoas de marcha sem interrupção, subiam para os lados do Monte Kemmel onde ficaram aniquilados depois de se baterem quinze dias consecutivos com um inimigo oito vêses superior em numero? Nós sentimos que aquêles eram grandes soldados, desde o coronel de Legião de Honra ao peito até ao alferes que parecia uma menina. Eles adivinharam que nós, restos de um corpo derrotado, buscavamos ainda ser dignos companheiros. Para onde iam essas duas tropas que se cruzavam? Para o dever. E na continência então trocada nessa estrada interminavel houve qualquer cousa de grande.

Depois foi a "frente," novamente, as horas que tu, meu batalhão, passaste cavando trincheiras com a espingarda á mão, o inimigo acumulando na nossa frente os preparativos duma ofensiva, que teria por primeiro objectivo a cidade deserta cujo acesso deviamos defender. Não ha um mez ainda, a data estava fixada. Assim nol-o comunicavam todas as informações. Era uma questão de horas e, a efectuar-se o ataque, quantos de nós teriam voltado? Mas lá em baixo, na Champagne, a contra ofensiva finalmente victoriosa desencadeava-se e, por fim, as divisões inimigas foram descendo a acudir ao desastre irremediavel. Respirou o meu coração opresso. Mais uma vez a sorte te poupára, batalhão que tanto o mereces! Na hora da decisão, sei bem que não hesitarias e marcharias em frente. Recordas-te daquéla tarde de Maio ultimo em que, braços estendidos para a nossa bandeira, te fiz renovar o

Juramento classico, de te dar todo á Patria e ao nosso nome? No instante decisivo havias de cumpril-o porque eras o *meu* batalhão. No entanto senti-me feliz que a ameaça afrouxasse e senti-me feliz por ti.

* * *

No momento em que me concediam um repouso, a mim próprio perguntei, á minha consciencia de soldado, se o merecia. Só que fosse no mundo nunca me teria separado de ti. Mas, na terra distante de Portugal uns braços pequeninos se estendiam para mim e um gorgueio de passarinho cada noite resava ao Menino para que eu voltasse. E tu, meu batalhão, bem sabes que me não poupei ás tuas fadigas, que caminhei a pé as estradas em que que teus pés sangraram, que dormi sempre na mesma lama onde descançaste, que sempre estive onde estiveste e nunca saí ds meu logar. Sabes bem que, por te castigar ás vêses, não deixei nunca de ser o chefe amoravel que não se esquece de ser pae. Sabes que sempre falei em teu nome aos chefes claramente e sem baixêsa. ¹ Sabes bem que não fiz a *minha* guerra, mas sim a nossa e mais me envaideciam um louvor que te davam ou um elogío que te dispensavam do que poderiam contentar-me as maiores satisfações do meu amor próprio. Os galões novos que trago nas mangas foste tu que mos ganhaste e são teus. Convicto de que merecia um repouso para o qual não podia, infelizmente, trazer-te comigo, vim.

¹ Vidé Nota II.

Hoje, numa casa bem longe da terra onde ficaste, cada noite ao deitar-se uma creancinha résa, na sua algaravía ainda confusa, as orações que sua mãe lhe ensinou para pedir a Deus a volta breve de seu pae. E, como seu pae voltou e a escuta enternecido, para ti, meu batalhão, vão agora as préces de minha filha: —
"Menino Jesus! Muita sorte para os amigos do papá que estão na guerra. . .

Meu batalhão, agora que não posso dar-te mais nada, que nas longinquoas terras de Artois te acompanhe a minha saudade e te ajudem as résas ingénuas duma creancinha!

Figueira da Foz, 14 de Agosto de 1918.

Manuscript in Victoria

APENDICE

Nas asas da Victoria

Quando em começos de Agosto de 1918, de passagem para Portugal e sob o sol radioso de Biarritz, escrevi o prefácio da primeira edição deste livro, palpitavam as asas da Vitória, vibravam ao longo da frente, sentia-se que iam abrir num gesto formidável, anciosamente esperado ha quatro anos dolorosos pelos homems de boa fé e alto coração.

Céleres correram os dias de repouso que viéra gozar a Portugal. Passei-os em parte disendo nas colunas de *A Capital* e de *A Manhã* algumas das verdades que era necessário diser ácerca do C. E. P., enquanto havia na Alemanha irmãos nossos prisioneiros que era preciso libertar e em França os restos dum corpo expedicionário que era urgente render ou reforçar. Não entendeu o governo conveniente a minha presença em Portugal e, vindo ao encontro do que já era então o meu maior desejo, ordenou-me que me reunisse imediatamente ao meu batalhão. Uma epidemia fechava, porém, as fronteiras e tão présto não abriram estas que se não certassem sobre mim as portas duma prisão politica sob o fa-

cil pretexto duma das convulsões em que perpétuamente se agita o nosso paiz.

Foi dentro dos velhos muros do Forte da Graça que o meu coração sentiu as horas formidaveis de Novembro : o abatimento definitivo da Bochia, o triunfo da Razão sobre a Força, da Verdade sobre a Mentira arvorada em sistêma. Fci no alto dum vetusto torreão dessa fortalêsa-cadeia que o pendão da Vitória se arvorou para os meus olhos, onde as lagrimas dançavam de alegria, sob a forma duma esfarrapada bandeira verde-rubra que parecia ter andado por *lá*, nos campos de glória onde as grandes ásas pairavam.

Entretanto, que era feito do meu batalhão ? Dêle não tivêra senão vagas noticias de longe em longe, mercê das várias censuras com que nos têm afrontado a todos. Sabia que, abandonando em fins de Agosto o bivaque onde o deixára, passára Setembro e começos de Outubro trabalhando em terceiras linhas cêrca de Béthune. Que destino teria sido o seu nas horas formidaveis em que o poder do Boche se esfarelava deante da arrancada victoriosa dos Aliados ?

Chegaram um dia, finalmente, novas positivas e, dentro da minha prisão, encheram-me duma alegria compensadôra que ninguem me podia roubar.

No momento do avanço final, dos vinte e quatro batalhões iniciaes do C. E. P. nove apenas se mantinham e, desses, dois sómente estavam em linhas avançadas : o de infantaria 15 comandado pelo major Ferreira do Amaral que ficará como uma das figuras mais curiosas da guerra de França e o meu, o de infantaria 23, cujos officiaes tinham solicitado apoz a minha prisão, ao comandante em chefe que fosse nomeado para os dirigir

o major Helder Ribeiro, meu companheiro dos tempos de escola e apaixonado intervencionista.

Quando os exercitos germanicos iniciáram a sua retirada definitiva, o batalhão de infantaria 23 era da infantaria portugêsa o único que, completo e como batalhão de combate, entrava em sua perseguição incorporado na 140.^a brigada inglêsa. Os officaes que tinham ido completar os seus quadros eram quasi todos voluntários de outros batalhões e alguém que presenciou em 4 de Novembro a abalada para a primeira linha escrevia para Portugal *"que o batalhão marchava com uma fé que enchia a alma, que todos se sentiam orgulhosos ao vêr a forma como êle se apresentava deante dos inglêses companheiros e que, perante o seu desfile, as lagrimas subiram aos olhos de quantos presenciaram a sua passagem.*

E' que os soldados sentiam bem que, na expressão exacta e feliz da proclamação de Helder Ribeiro,—*"levavam comsigo a honra da infantaria portugêsa e a honra de Portugal,*"

No dia 10 de novembro passavam victoriosos o Escalda e no dia 11, quando se dispunham a ficar constituindo a guarda avançada da brigada, chegou a noticia do armistício. Os ultimos tiros disparados contra os alemães naquêle sector de infantaria foram os de duas companhias do 23.



Hoje está terminada a Grande Aventura, a maior a que se deitou Portugal.

A historia detalhada da acção do meu batalhão, para a qual este livro pode dar alguns subsidios e que outros escreverão com maior talento, mas não com maior comoção de espirito e de coração, prova insofismavelmente duas cousas: não se enganavam os que pré-gavam a entrada de Portugal na Guerra Santa e soldados portuguezes foram sempre tão longe como os mais gloriosos e valentes quando tivéram junto de si officiaes que soubessem dar-lhes exemplo.

Numa tarde de Maio, pouco depois dos tenebrosos dias de Abril, num descampado junto a Lillers e celebrando o anniversário da nossa entrada nas trincheiras, fiz jurar aos que eram então meus soldados e sobre a bandeira de Portugal que iriam até ao fim. ¹ Nesse momento essa jura soléne tinha uma grandêsa trágica que sô podem medir os que a éla assistiram e no espirito dalguns ficou a dúvida de que podesse ser cumprida.

Assim foi no emtanto e, ao traçar estas linhas num dos cárceres de Portugal, vejo como num sonho a aldeia coberta de neve onde os soldados do batalhão que "má figura nunca fez," descançam hoje tranquilamente. Meus olhos embacifados volvem-se para o emblêma cosido na manga direita da minha farda e, com o melhor orgulho, não o trocaria agora por nenhuma outra distincção.

¹ Vidé Nota I.

Ficará na minha vida, para minha honra e alegria, o ter-me batido por Portugal e em terras de França nas fileiras desse batalhão do qual a nossa historia militar poderá diser, como o disia em Julho, nò bivaque de Cantraines, esse grande soldado que se chama o general Birdwood e passou em quarenta e oito horas, por ter salvo Amiens com Debenney, de simples major a comandante de exercito :

— "*Sim Bem sei. E' o melhor !*"

Forte da Graça — Elvas.

Natal de 1918.

NOTAS

NOTA I

Alocução proferida a 26 de maio de 1918
por ocasião do aniversário da entrada de batalhão
de infantaria 23 nas trincheiras

Rapases :

E' para mim uma grande honra ter podido pôr ao peito de soldados do meu batalhão medalhas inglêsas que souberam ganhar pela sua coragem ao lado dos seus companheiros britannicos. E' para mim uma profunda tristêsa não poder dar aos que a merecêram as Crûses de Guerra portugûesa ; mas, apesar dos meus instantes pedidos, não mas enviaram, como anteriormente as não tinham entregues quando chamaram para as receber os bravos que a élas tinham direito.

Faz hoje um ano que o nosso batalhão entrou nas trincheiras pela primeira vez e o que estes dôze mêses representam de canceiras, de sacrificios e de perigos, melhor do que ninguem o podem sentir aquêles dos vossos officiaes que sempre vos acompanharam e orgulho-me de ter sido um dêles.

Hoje são as tropas da 1.^a Divisão de que fasêmos

parte as únicas a quem compéte, na frente de batalha, a honra e o dever de manter o prestígio da bandeira portugüesa e, se não devessemos ao nosso nome de soldados, ás tradições do nosso exercito e ao destino de Portugal, o estarmos á altura dessa honra e desse dever, bastava-nos o exemplo dos nossos irmãos de armas, das tropas de 1.^a linha da 2.^a Divisão, que, em 9 de Abril, na peor das situações em que soldados se podem encontrar, esmagados pelo numero, desprovidos de ordens e mal conhecedôres do terrêno, apesar de tudo escreveram com a maior das abnegações uma das mais bÉlas páginas da nossa crónica militar.

E' para esses heroes do nosso sangue que nesta hora se tem de volver todo o nosso coração, no qual, a par da saudade, outro sentimento não deve existir senão o desejo de vingá-los ou, sendo necessário, de lhes seguir o exemplo.

Se, porém, qualquer destas glórias vos fôr negada, restar-vos-á, pelo mênos, a de terdes sido os soldados desta guerra a que mais prolongadas fadigas foram impostas sem um dia de licença ou de verdadeiro repouso.

. . .

Mas, nas horas de cansaço e de desalento, lembrêmos sempre dos nove mil soldados da Legião Portugüesa, que, arrancados á sua terra ha pouco mais dum século, percorreram meia Europa, batendo-se em Hespanha, na Baviéra, na Austria, no coração da Russia, vencendo em Saragoça e em Essling, avançando em Wagram quando as outras forças recuavam, e regressando finalmente a Paris, na escolta duma futura im-

peratriz, para faser em guarda a Napoleão nas Tulherias honra que a nenhuma tropa fôra dada que não fossem da guarda imperial. Ali o grande imperador, que um dia dissêra ao conde da Ega: — “Senhor conde não ha melhores soldados que os portuguezes”, põe ao peito de sessenta e dois heroes a Cruz da Legião de Honra.

Vem depois a campanha da Russia, a passagem vitoriosa do Dnieper após a qual o marechal Ney manda seguir os soldados de Portugal na vanguarda da columna de perseguição e responde a Napoleão que indaga a razão de tal preferencia: — “São os portuguezes nossos guias pois quem lhes seguir os passos nunca se desviará do caminho da Vitória”.

Tempos passados, ainda na primeira linha de atiradores e na batalha de Moscow, lá estavam os nossos e, se êles souberam ser grandes no triunfo, foi nas horas horribes da retirada que conseguiram ser enormes. Caminhando centênas de léguas pelo gêlo e em regiões assoladas, sem terem de comer, devorando cavalos para não morrerem de fome, quando o pânico se apoderava de todo o exercito em debandada, os soldados de Portugal, redusidos e disimados, mantinham-se em volta dos seus chefes, de Gomes Freire, do marquez de Loulé e do coronel Pégo que os fisêra avançar em Wagram, bradando-lhes: — “Avante, rapases! Portuguezes não recuam”. Ainda se batem em Orcha, no Beresina e em Wilna e o que restava desses valentes chegou a Portugal seis anos depois de ter saído de lá.

Pois bem, meus rapases e meus amigos! Não se poderá dizer de nós, soldados desta guerra na qual se joga o destino da nossa Pátria, que um ano de fadigas e de saudades [nos tenha abatido. Eu sei bem que na hora precisa nenhum de vocês hesitará quando cuvir, nesta terra distante da nossa, alguém gritar em bom português, neste português em que vos falo, como o coronel Pêgo gritava em Wagram: — “Avante, rapases! Portuguezes não recuam.”

Não recuaram os que no dia 9 de Abril estavam nas linhas e poucos voltaram para contar da batalha. Nós saberemos ses dignos dos soldados de outróra e dos soldados de ontem. Mais vos recordo que faz hoje cento e sete anos que infantaria 23 entrava em Badajoz após um cêrco de trez semanas e em companhia de tropas inglêsas.

E' ao lado dos soldados francêses, nétos dos companheiros da Legião Portuguêsa, e a par dos soldados britannicos, descendentes das tropas de Wellington, que amanhã nós temos de vencer. A nossa bandeira flutuará ao lado da dêles. Temos de levá-la até á hora da Vitória e, pela minha honra de soldado, aqui juro sobre as duas côres da Pátria e da Republica que tudo farei por isso, como tenho procurado faser até aqui. A todos, officiaes, sargentos e soldados do meu batalhão, vos peço o mesmo juramento.

NOTA II

Carta dirigida ao General Gomes da Costa depois da parada em Ecquedecques

Meu general :

Tenho a satisfação e o orgulho de poder comunicar a V. Ex.^a que o batalhão de infantaria 23 do meu comando, tendo recordado, no domingo ultimo, o aniversário da sua entrada nas trincheiras com uma parada em que foram entregues condecorações inglesas á mingua de se poderem distribuir as Crûses de Guerra Portuguesas que nunca chegam por mais pedidos officiaes e particulares que se façam, foi louvado em ordem de Brigada *“pela maneira brilhante como se apresentou e garbo com que desfilou.”*

O representante do general comandante da 14.^a divisão inglesa a que pertencemos actualmente, os officiaes britânicos de ligação da brigada e os officiaes francêses presentes juntaram ás suas felicitações ás do nosso brigadeiro.

Creio que V. Ex.^a estimará saber que tropas que foram do seu comando, hoje apenas ligadas aos quartéis

generaes portuguezes pelo laço burocrático de vários mapas e relações ainda conseguem nas circumstancias actuaes manter algumas das tradições fundadas em Neuve Chapelle e distanciarem-se dos trabalhadores chineses em cuja visinhança se encontram, esperando dias melhores para o seu orgulho de soldados e portuguezes.

Em campanha, 29-5-918.

Capt. André Brun. »

NOTA III

Canção de marcha do batalhão de infantaria 23

I

Na nossa linda terra,
A terra da alegria,
Alguem nos disse um dia :
— "Soldado ! Vae para a guerra !"
E sem hesitação
Nosso dever
Com alma e coração
Viémos fazer.

E, na hora da *rascada*,
A nossa rapasiada
Ha de vencer,
— Voces vão ver ! —
Que a gente do vinte e tres
Má figura nunca fez . . .
Voces verão
Que batalhão !
Voces hão de ver
Como êle sabe vencer.

II

Havemos de mostrar
Aos nossos aliados
Que em brios de soldados
Não nos tem que ensinar,
Pois somos os herdeiros
— Gloria imortal ! —
Dos velhos marinheiros
De Portugal.

E, na hora da *rascada*, etc.

III

Na nossa Pátria amada
Todos temos alguém :
Ou seja esposa ou mãe
Ou noiva ou namorada.
Pois que esse amor distante
Faról nos seja,
A alma nos levante
E nos proteja !

E, na hora da *rascada*, etc.

Capt. André Brun »

Musica de Edmond Lassailly

INDICE

Madame Letailleur.....	16
José Maria Folgadinho.....	21
Iniciação.....	30
«Estaminets».....	48
Um a'moço no «front».....	47
A terra de ninguém.....	52
Nossa Senhora das Trinchas.....	58
A lingua do «pas compris».....	61
Um enterro.....	66
Manhã de «ra'ide»... ..	72
Mil e ama noites de trincheiras.....	81
Q. G. 3.....	87
Alicate ou as quaranta ligações.....	93
Fritz e Berta.....	99
O álmocrève das pêtas.....	105
Os meus abrigos	121
A repartição dos humoristas.....	117
O nêdo.....	123
«Palmipedes» e «cachapins».....	129
Um pintôr nas trlnchas.....	135
A recóca.....	14

As cidades mortas	140
Heroes de traser por casa	153
A terra imortal	159
A rua do Imperador	165
A veneravel ordem da «cava»	172
O mosqueiro da batalha	179
A marcha dos «gosmas»	184
Refugiados	190
«On his magesty's serv ce»	196
23 sur-la Lawe	203
O «meu» batalhão	211

APENDICE

Nas asas da Vitória	21
-------------------------------	----

NOTAS

Nota I	227
Nota II	231
Nota III	233

AS CRÓNICAS DE QUE SE COMPÕE ESTE
LIVRO FORAM PUBLICADAS NA REVIS-
TA «PORTUGAL NA GUERRA», EDI-
TADA EM PARIS E NO JORNAL DE LIS-
BOA, A «CAPITAL». A QUARTA EDI-
ÇÃO DÊSTE LIVRO ACABOU DE SE IM-
PRIMIR A 15 DE JUNHO DE MIL NO-
VECENTOS E VINTE E QUATRO * *





*** GUIMARÃES & C. *

***** EDITORES *****

6 8 RUA DO MUNDO 7

***** L O I S O B O A *****





THE
1917
E
2